

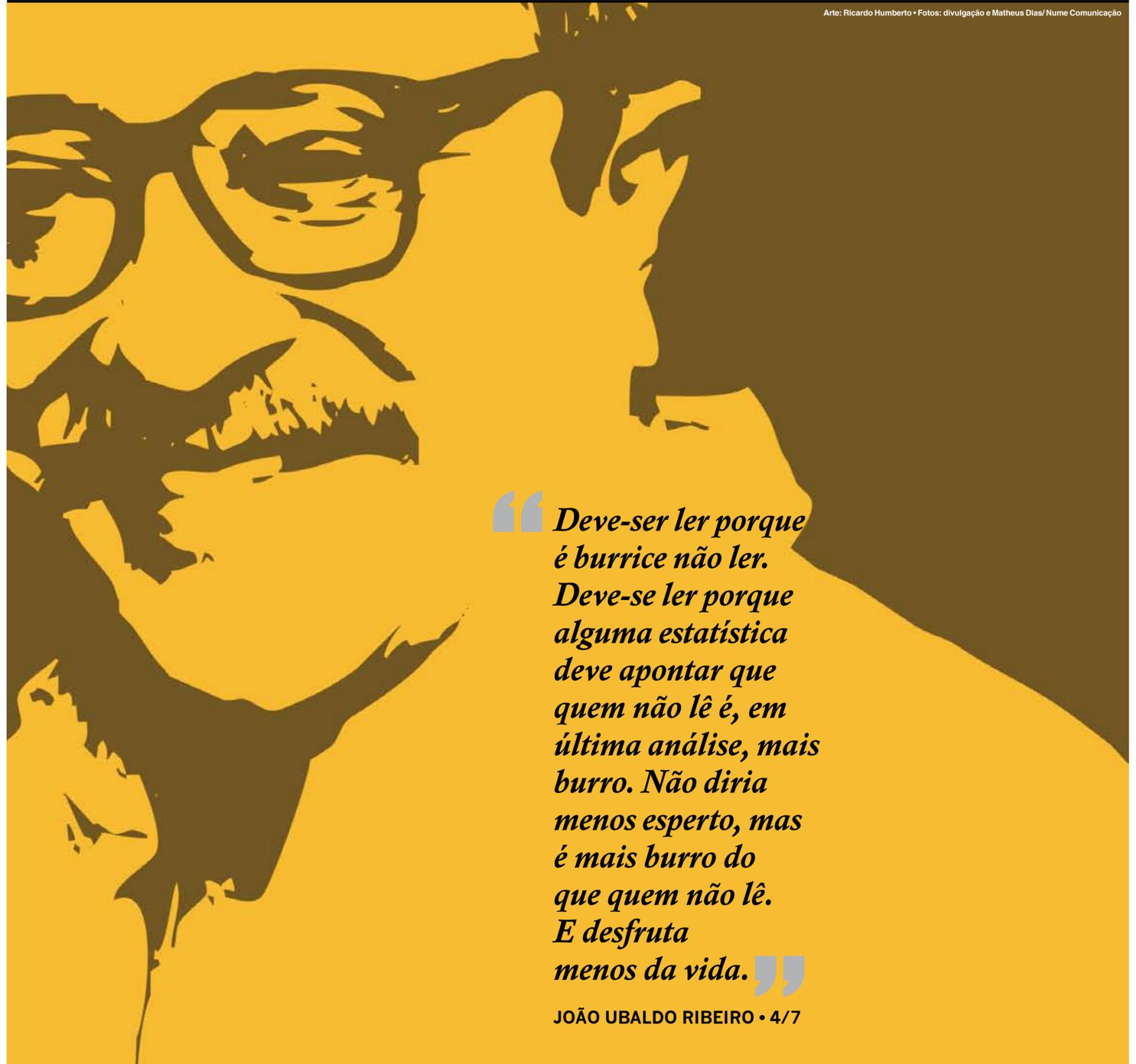
**102**  
OUTUBRO/08

# rascunho

O jornal de literatura do Brasil

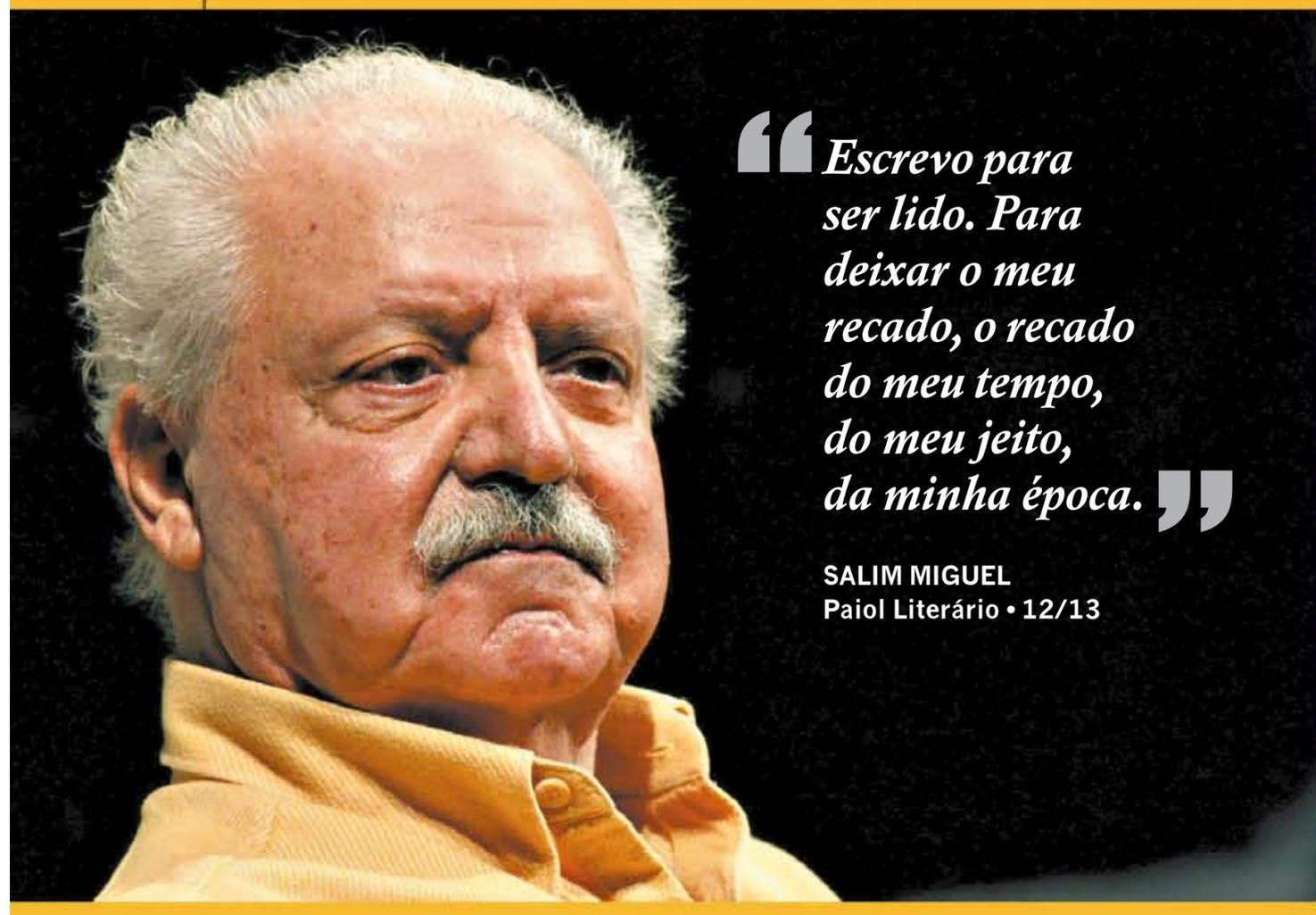
curitiba, outubro de 2008 • ano 9 • www.rascunho.com.br • próxima edição: 6 de novembro

Arte: Ricardo Humberto • Fotos: divulgação e Matheus Dias/ Nume Comunicação



**“*Deve-ser ler porque é burrice não ler. Deve-se ler porque alguma estatística deve apontar que quem não lê é, em última análise, mais burro. Não diria menos esperto, mas é mais burro do que quem não lê. E desfruta menos da vida.*”**

JOÃO UBALDO RIBEIRO • 4/7



**“*Escrevo para ser lido. Para deixar o meu recado, o recado do meu tempo, do meu jeito, da minha época.*”**

SALIM MIGUEL  
Paol Literário • 12/13

## CARTAS

rascunho@onda.com.br

## VIDRAÇA

## E o Jabuti foi para...

O Prêmio Jabuti — cheio de glamour e pouco dinheiro — acaba de revelar o vencedor deste ano. Em 31 de outubro, serão conhecidos os melhores livros do ano nas categorias Ficção e Não-ficção.

## ALGUNS VENCEDORES:

## Tradução

- 1) Hipólito e Fedra • Joaquim Brasil Fontes (Iluminuras)
- 2) Beowulf • Erick Ramalho (Tessitura)
- 3) Agamêmnon • Trajano Vieira (Perspectiva)

## Teoria/Crítica Literária

- 1) Proust: a violência sutil do riso • Leda Tenório da Motta (Perspectiva)
- 2) A formação do romance inglês: ensaios teóricos • Sandra Gardini Vasconcelos (Aderaldo & Rothschild)
- 3) Riso e melancolia • Sergio Paulo Rouanet (Companhia das Letras)

## Reportagem

- 1) 1808 • Laurentino Gomes (Planeta)
- 2) O massacre • Eric Nepomuceno (Planeta)
- 3) Bar bodega • Carlos Dorneles (Globo)

## Biografia

- 1) Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar • Marco Antonio de Carvalho (Globo)
- 2) D. Pedro II • José Murilo de Carvalho (Cia. das Letras)
- 3) O texto ou a vida • Moacyr Scliar (Bertrand Brasil)

## Romance

- 1) O filho eterno • Cristovão Tezza (Record)
- 2) O sol se põe em São Paulo • Bernardo Carvalho (Companhia das Letras)
- 3) Antonio • Beatriz Bracher (34)

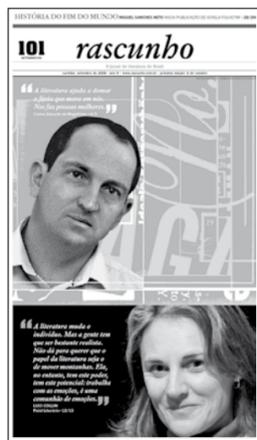
## Poesia

- 1) O outro lado • Ivan Junqueira (Record)
- 2) o xadrez e as palavras • Marcus Vinicius Teixeira Quiroga Pereira (Do autor)
- 3) Tarde • Paulo Henriques Britto (Cia. das Letras)

## Contos e Crônicas

- 1) Histórias do Rio Negro • Vera do Val (Martins Fontes)
- 2) A prenda de seu Damaso e outros contos • Jorge Eduardo Pinto Hausen (Do autor)
- 3) Fichas de vitrola • Jaime Prado Gouvêa (Record)

• VEJA LISTA COMPLETA NO SITE  
[WWW.PREMIOJABUTI.COM.BR](http://WWW.PREMIOJABUTI.COM.BR)



**CRÍTICO EXIGENTE**  
Quando tenho tempo, folheio as páginas eletrônicas do Rascunho e tenho tido grandes e belas surpresas. Hoje foi a crítica na seção *Críticas e Resenhas*, cujo título é *Língua frouxa*, assinada por Ronald Robson, sobre o livro *A eternidade e o desejo*, de Inês Pedrosa. Agradeço a ele pela ótima reflexão sobre literatura, pelas citações escolhidas tão a propósito e,

em geral, pelo alargamento de meu horizonte de leitora. Não li o livro em questão, mas pelos exemplos escolhidos, ele deve ter razão na implacável argumentação que usa para arrasar o volume. Não lerei, portanto, o que me libera tempo e espaço na estante para coisas de mais substância. Fica a pergunta, de uma leitora distante do país — quem é que sabe escrever em português, na opinião do crítico, quais são os autores brasileiros dos últimos séculos do milênio passado que encontram clemência aos olhos desse crítico tão exigente?

Regina M. A. Machado • via e-mail

## LEITURAS PREFERIDAS

As colunas *Outro olhar*, de Affonso Romano de Sant'Anna, e *Fora de seqüência*, de Fernando Monteiro, são atualmente, no *Rascunho*, os textos de minha preferência. O primeiro, por estar psicanalizando a ditadura do mesmo no "espírito" pós-moderno, refratário à idéia de permanência, ao monumental e, conseqüentemente, a figuras históricas de exceção. Por falar em figuras de exceção, na seqüência vem *O primeiro monoteísmo da História*, série sobre Akhenaton, o fascinante e revolucionário faraó da 18ª dinastia egípcia. Fascinante por seu perfil transcendental de líder espiritual e pela faceta de reformador de uma ordem política e social que se queria eterna e imutável. Nesses capítulos, Monteiro deixa transparecer sua paixão por esse personagem, tal como no seu estudo biográfico *Morte num ano de sombra*, sobre Lawrence da Arábia.

Maria da Paz Ribeiro Dantas • Recife – PE

## ENIGMA A SER DOMADO

Entendo muito pouco do que escreve Fernando Monteiro. Foi assim com o romance-folhetim *O inglês do cemitério dos ingleses*, publicado no *Rascunho*, do qual sou assinante há um bom tempo. A sua coluna *Fora de seqüência* é uma loucura sem-fim. Sei que sou um leitor limitado, mas as idas e vindas de Monteiro me deixam tonto. No entanto, insisto. Um dia, domo a fera.

João Antônio Soares Filho • Campo Erê – SC

## SITE

Magnífico o site. Parabéns. Os artigos sobre tradução são muito bons. Tudo muito bom.

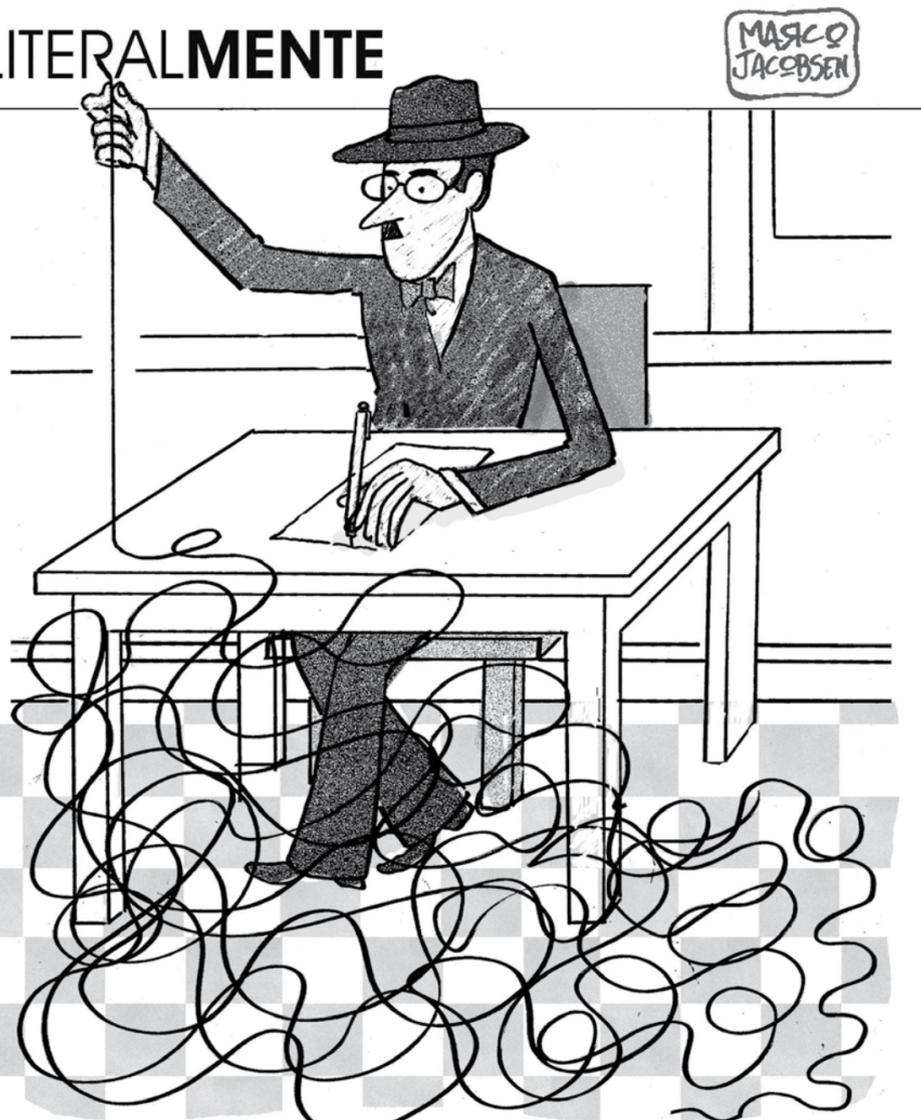
Denise Bottmann • via e-mail

## FALE CONOSCO

Envie carta ou e-mail para esta seção com nome completo, endereço e telefone. Sem alterar o conteúdo, o *Rascunho* se reserva o direito de adaptar os textos. As correspondências devem ser enviadas para Al. Carlos de Carvalho, 655 - conj. 1205 • CEP: 80430-180 • Curitiba - PR. Os e-mails para [rascunho@onda.com.br](mailto:rascunho@onda.com.br).

## MARCO JACOBSEN

## LITERALMENTE



\*Poema em linha reta

## TRANSLATO

Eduardo Ferreira

## A tradução como obra-de-arte independente

A tradução se justifica, quase sempre, pela necessidade, pela falta de acesso ao original. Uma espécie de concessão a essa nossa fraqueza de não conhecer ao mesmo tempo todas as línguas, e todos os seus dialetos, diacronicamente. Mesmo impedida por crua necessidade, a tradução pode existir — e existe, em forma de resistência — como arte. A tradução da obra literária é também uma obra-de-arte. Ou deveria, pelo menos poderia, ser.

Quase nunca se enxerga tradução como arte. Normalmente sequer se exige tradução como arte. Não se trata de uma falha do tradutor (pelo menos não só do tradutor). É questão de como o ato tradutório é visto, de como se vê o papel do tradutor na sociedade (e nas comunidades literárias). Apesar de toda a revalorização recente da tradução, o ofício ainda sofre de um vício de origem quase insuperável: sua natureza supostamente espelhante de algo maior.

A necessidade pareceria estar na raiz dessa espécie de opróbrio. O original impõe a tradução, em seus termos, conforme sua conveniência. A tradução é tida não como outra obra que revela e mesmo dinamiza o original, mas como meio imperfeito de ter acesso parcial a algo que é insubsti-

tuível. Quando não se tem mais remédio, como último recurso, se apela à tradução.

Não é suficiente, contudo, explicar pela mera necessidade o relativamente baixo prestígio artístico da obra traduzida. Impelidas pela necessidade, houve já não poucos casos de traduções que se impuseram como verdadeiros originais em sua nova língua. Nova roupagem para velha obra-de-arte. A imagem que se robustece e vivifica ao passar pelo profuso e possante jogo de espelhos da tradução.

A tradução também pode ser vista como arte independente. Não no sentido de produzir-se a partir do nada. Não haveria um original, mais ou menos identificável, por trás de todo texto. Sempre haverá uma análise a fazer, uma motivação a buscar ou a construir. Mas se pode pensar, sem forçar tanto os limites do racional, que traduzir não é preciso. A tradução não precisa depender de um móvel prático, não precisa depender da necessidade de comunicação. Pode-se justificar a tradução como processo, e obra enfim, que agrega ao original algo que a leitura pura e simples não pode proporcionar.

A leitura, qualquer leitura, não pode abarcar todas as possibilidades contidas no texto. Um só leitor não

faz do texto uma obra-de-arte. Esta se faz da confluência de muitas visões, da soma não só de convicções artísticas mas também de características descobertas no texto, ou a ele atribuídas, por diferentes atores.

A tradução opera em nível mais profundo, em que a efemeridade e a imediatez da leitura, com toda a sua profusão de sucessos sensoriais, dá lugar a uma arqueologia estudada, a um trabalho de investigação muito mais metódica do objeto textual. O texto, enredado no jogo de espelhos da tradução, pode conter mais riqueza de possibilidades que o singular original.

A capacidade da tradução de catalisar processos criadores contidos apenas virtualmente no original — processos que o autor não conseguiu, ou não quis, desenvolver em toda a sua potencialidade — é o que pode fazer dela arte em si mesma. Traduzir apesar de não ser preciso fazê-lo. Traduzir sem que se solicite tradução. Traduzir independentemente da necessidade de transferência. Traduzir porque, na tradução, o original se pode tornar múltiplo — ou, se já múltiplo, turbinar sua natural exuberância. Traduzir, enfim, porque pela tradução o original, ao ganhar co-autor(es), conquista dimensões culturais e humanas muito mais dinâmicas. ☛



ROGÉRIO PEREIRA  
editor

ÍTALO GUSSO  
diretor executivo

**ARTICULISTAS**  
Affonso Romano de Sant'Anna  
Cláudia Lage  
Eduardo Ferreira  
Fernando Monteiro  
Flávio Carneiro  
José Castello  
Luís Henrique Pellanda  
Luiz Bras  
Luiz Ruffato  
Rinaldo de Fernandes

**ILUSTRAÇÃO**  
Marco Jacobsen  
Osvalter Urbinati  
Ramon Muniz  
Ricardo Humberto  
Tereza Yamashita

**FOTOGRAFIA**  
Cris Guancino  
Matheus Dias

**SITE**  
Gustavo Ferreira

**EDITORIAÇÃO**  
Alexandre De Mari

**PROJETO GRÁFICO**  
Rogério Pereira / Alexandre De Mari

**ASSINATURAS**  
Anna Paula Sant'Anna Pereira

**IMPRESA**  
Nume Comunicação  
41 3023.6600 [www.numa.com.br](http://www.numa.com.br)

## Colaboradores desta edição

**Álvaro Alves de Faria** é jornalista, poeta e escritor. Autor de mais de 40 livros, incluindo romances, novelas, ensaios, volumes de crônicas e de entrevistas literárias, além de peças de teatro. Em 2003, reuniu toda sua poesia em *Trajétória poética*.

**Andrea Ribeiro** é jornalista.

**Fábio Silvestre Cardoso** é jornalista e editor da revista *Conhecimento Prático Filosofia*.

**Flávio Paranhos** é Doutorando em Filosofia (UFSCar). Autor de *Epitáfio* e coordenador da coleção de *Filosofia & Cinema* da Nankin Editorial.

**Igor Fagundes** é poeta, jornalista e professor de Teoria Literária na UFRJ. Autor dos livros de poemas *Transversais*, *Sete mil tijolos e uma parede inacabada*, *Por uma gênese do horizonte*, além do livro de ensaios *Os poetas estão vivos: pensamento poético e poesia brasileira no século XXI*.

**Lúcia Bettencourt** é escritora. Ganhou o I concurso Osman Lins de Contos, com *A cicatriz de Olímpia*. Venceu o prêmio Sesc de Literatura 2005, com o livro de contos *A secretária de Borges*.

**Luiz Horácio** é escritor, jornalista e professor de língua portuguesa e literatura. Autor dos romances *Percília e o pássaro com alma de cão* e *Nenhum pássaro no céu*.

**Marcio Renato dos Santos** é jornalista e mestre em literatura brasileira pela UFPR.

**Maurício Melo Júnior** apresenta o programa *Leituras*, na TV Senado.

**Miguel Sanches Neto** é escritor. Autor de *A primeira mulher*, *Chove sobre minha infância*, entre outros.

**Nana Martins** é jornalista.

**Paulo Bentancur** é escritor. Autor de *A solidão do diabo*, entre outros.

**Rafael Rodrigues** é jornalista.

**Rodrigo Gurgel** é escritor, crítico literário e editor de *Palavra*, suplemento de literatura do Caderno Brasil do Le Monde Diplomatique (edição virtual).

**Tony Monti** é escritor. Autor de *O mentiroso* e *O menino da rosa*.

**Vera Lúcia de Oliveira** é doutora em línguas e literatura ibéricas e poeta. Autor de *Tempo de doer* e *No coração da boca*, entre outros.

**Vilma Costa** é doutora em estudos literários pela PUCRJ e autora de *Eros na poética da cidade: aprendendo o amor e outras artes*.

## rascunho

é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda. Rua Filastro Nunes Pires, 175 - casa 2 CEP: 82010-300 • Curitiba - PR (41) 3019.0498 [rascunho@onda.com.br](mailto:rascunho@onda.com.br) [www.rascunho.com.br](http://www.rascunho.com.br)

tiragem: 5 mil exemplares

**50,00**  
assinatura anual

41 3019.0498  
[rascunho@onda.com.br](mailto:rascunho@onda.com.br)  
[www.rascunho.com.br](http://www.rascunho.com.br)

# Nossos restos

Nos contos de **Mário Araújo**, prosa poética e ritmo da narrativa transformam solidão e morte num território quase inexplorado

LUIZ HORÁCIO • PORTO ALEGRE – RS

Sem introdução. Direto ao assunto. **Restos** — livro de contos de Mário Araújo — devia estar envolto naquelas famosas cintas com o seguinte alerta: URGENTE. É isso mesmo, atento leitor. Faz-se urgente a leitura dos vinte contos sobre amizade. Você deve estar desconfiando deste tosco resenhista, pois na certa já deve ter lido que os contos têm como tema a solidão e a morte, não é mesmo? Então pergunto: existe amizade mais estreita do que a cultivada entre solidão e morte?

Não seria a morte mera solidão desprovida de movimento? Sendo ou não, encaminhando meus desprezo e medo. Mas prometi que não teria introdução e quase quebro a promessa.

Voltemos a **Restos**. De cara, o leitor recebe o conto que empresta título ao livro. Nele, um homem acompanha a retirada dos restos mortais de seus familiares, pois é preciso abrir espaço para o corpo do pai no cemitério.

“Pra sair daqui têm que estar somente os ossos”, *Marcílio explicou.*

“E quanto tempo leva?”

“Nesse caso, com caixão de madeira, pode levar até três anos pra sumir tudo e os ossos ficarem limpinhos.”

À medida que Marcílio, o funcionário do cemitério, vai retirando os restos dos parentes, estes vão despertando lembranças no homem (no conto, ele não tem nome). Sobre a avó, não fala nada, precisava ficar mais um tempo; dos sapatos, ainda conservados, do tio vem a lembrança da sua teimosia; e por fim o pedido para não abrir a gaveta que guardava os restos da sua mãe. Já havia espaço suficiente para o cadáver recente. Marcílio conclui seu trabalho carregando sacos com ossos dos dois homens. Entre lembranças, elas costumam ser tristes e num cemitério não há como evitá-las, o homem sente vontade de urinar. A necessidade prosaica o impede de ver o destino final dos sacos com os ossos. Temática sombria em tom poético, a mesma que escutei vinda do Alvorino, meu pai, relatando a mesma cena quando do remanejamento dos restos de Doralina, minha mãe, e Hildebrando, meu avô. Depois disso é como diz o personagem sem nome do conto: “Abaixei-me e vi, no espelho, que meu rosto era agora uma síntese de elementos que não existiam mais”.

Perdoe, pragmático leitor, caso o exemplo pessoal o desagrade, a culpa é do Mário Araújo que escreve sobre cenas do nosso inevitável cotidiano e nos leva a visitar, mesmo que de passagem, nossa rascante solidão. E medo. Sim, medo, ó escapista e espiritualizado leitor.

O conto seguinte, *Rauziçlini*, narra a solidão de uma brasileira que trabalha como faxineira numa cidade norte-americana. Trata-se de precisa síntese do desamparo em terra estranha. É o conto frio do livro, o clima da narrativa invade o leitor. E frio não pode ser sinônimo de solidão e morte? “Ao primeiro passo, atolou o pé no gelo cremoso e macio e, sem entender exatamente por quê, começou a chorar.”

Em *Todos riram*, quatro amigos vão de Brasília a Goiânia assistir a um jogo da seleção brasileira de futebol. Durante a viagem os temas das conversas variam do futebol às mulheres, passando pela imensidão do país, suas peculiaridades linguísticas e o comentário sobre os nomes dos jogadores do futebol, de Maiconsuel a Richarlyson. Na viagem de volta ao parar em um posto de gasolina, um lugar em meio ao nada, gastam conjecturas na tentativa de descobrir como o velho frentista fazia para ir e vi àquele seu solitário trabalho. “O que eu tenho de idade/ Centopéia tem de perna/ Pois meu mais belo momento/ Amado amadurecimento/ Já não é coisa moderna.”

E entre o sono e o cansaço, o silêncio desperta oferecendo a solidão num nome de mulher.

*Futebol 1, Futebol 2 e Futebol 3*, contos de



**Restos**  
Mário Araújo  
Bertrand Brasil  
188 págs.

## trecho • restos

Tirei o pé de cima e me agachei diante daquela pele fustigada. Cheguei tão perto que podia ver os espaços entre as esfoladuras, amostras do terreno tal como fora. A respiração também se alterara, e um assovio agudo se fazia ouvir acompanhando o ar que saía. Bati mais vezes, com a coronha do revólver e em seguida com os próprios punhos, sentindo um certo nojo ao perceber os dentes por trás dos lábios, a cartilagem por trás do nariz. Levantei-me já um pouco cansado, mas continuei desferindo chutes pelo corpo todo, obrigando-o a assumir formas insólitas. Ora parecia um caracol, ora um arco, ora a letra L. Cansei, finalmente, e contemplei a estranha massa orgânica que jazia a meus pés. Não era ninguém que eu conhecesse aquele um deitado no chão, macerado pelos seus próprios fluidos, movendo-se por espasmos. O assassino que eu tanto execrara, que desejara pelo avesso e com quem sonhara acertar contas entre quatro paredes, agora fugia de mim tornando-se outro.

As pálpebras permaneciam teimosamente abertas. E foi justamente aquele olhar congelado e sem brilho que me fez lembrar da moça na segunda foto do jornal. Compreendi então que meu plano estava arruinado, total e definitivamente. William se escondera para sempre no olhar da sua vítima e agora me empurrava, alma abaixo, um incômodo sentimento de piedade. (do conto **A desforra**)

## O autor

**MÁRIO ARAÚJO** nasceu em 1963, em Curitiba (PR). Tem contos publicados em jornais literários, em antologias e na internet. Seu livro de estréia, **A hora extrema**, recebeu o Prêmio Jabuti na categoria Contos e Crônicas, em 2006.

página e meia em que a solidão e a tristeza são sintetizadas de forma seca e precisa, como o olhar de um goleiro em direção da bola que repousa no fundo da sua rede, num misto de desprezo e ironia. São histórias nas quais o futebol deixa de ser o circo convencional e se transforma no patético manicômio de nossa trágica pátria. “O choro dos derrotados. Gás lacrimogêneo dilacerando os olhos.”

Importante ressaltar que a matéria-prima utilizada por Mário Araújo não é nenhuma novidade. No entanto, a maneira como a utiliza, a prosa poética e o ritmo imposto à narrativa transformam solidão e morte num território quase inexplorado. O autor, conforme Emmanuel Lévinas, sabe que se “a palavra proporciona a matéria do artista”, também se faz necessária a excelência no trato desses ingredientes. E nesse quesito Mário Araújo dá uma lição após a outra. Talvez a mais sutil seja, diante da sisudez da temática, a aparente brincadeira com a linguagem além da humanização precisa de seus personagens onde nenhum padecer além da normalidade. Os contos de **Restos** podem ser apreendidos como suspiros de uma humanidade cruel e ao mesmo patética.

*Crioula* apresenta a brisa da morte na figura da anciã que desperta a ira de Margarida. Conto antológico que remete à vida de Mané Garrincha e da cantora Elza Soares, triste e primoroso conto.

*A senhora tem setenta e cinco anos, o calçamento da rua, mais de cem, e do envelhecimento de ambos resulta uma situação amplamente desvantajosa para a primeira, que, sozinha, tenta descer a rua onde mora em direção ao banco.*

Na tentativa vã de brincar com a linguagem, os sem-talento a ofendem. Temos aí os imitadores de Saramago a inventar longos períodos desprovidos de pontuação às frases iniciadas com minúsculas. O patético sempre é constrangedor. Mas não inclua Mário Araújo nessa laia. Ele brinca sério com a linguagem como você poderá confirmar em *Ancião ansioso*, mais um biscoito fino de **Restos**.

*Mas se Jesus prega, prega-se Jesus. E foi assim que deram um jeito nela, quando o sujeito arrastou-a para um ponto entre duas paredes e lhe sapecou uma bela aula de canto, o suco dele no sulco dela.*

A desforra é isto mesmo: vingança. Duas faces da solidão, homem seqüestra, estupra e mata uma jovem. Testemunha o persegue até capturá-lo e fazer justiça com as próprias mãos. A outra face da solidão é a violência perpetrada pelo justiceiro. Nada de novo, mero relato das possibilidades do humano.

*Certo ou errado* narra uma hora e meia da vida de um jovem que aguarda a abertura da sala de cinema para então poder misturar sua solidão com a escuridão. “A perspectiva de regredir à situação de uma hora atrás me causa grande desalento.”

Atento leitor, por favor, permita-me um puxão de orelhas, carinhoso, porém. Note que nos contos de **Restos** não vislumbramos uma solidão estática, há resistência de parte dos envolvidos. O que também não implica em vitória, mas num debater-se constante.

O conto *A imagem* apresenta a solidão de uma imagem de Jesus que é transferida de uma igreja em ruínas para a casa confortável de um médico que é transformada em santuário com direito a peregrinação. Aqui temos a sutileza na abordagem do tema da religiosidade, deixando à mostra que mesmo a espiritualidade exige certa dose de conforto. Triste, leve, verdadeiro, infelizmente viver também é isto: domesticar o cinismo. “O próprio Jesus parecia bem feliz de estar ali. Certamente jamais estivera num lugar como aquele, com tamanho conforto cercado de tantas atenções e afeto.”

*Quatro cenas de Brasil* não precisa de comentário. São elas: Bala, Bola, Bunda, Bíblia, mas

não consigo me conter, perdoe paciente leitor:

— *Faz tempo que o Pastor Jônatas pastoreia este rebanho?*

— *Já faz muitos anos. Desde que saiu da ca-deia. O Pastor Jônatas cumpriu seis anos por ter matado um homem.*

*Oliveira, FDP!!!* é mais um achado do autor, a parcela tragicômica e fantástica de **Restos**, ou dos restos de uma existência onde um velho vocifera contra sua própria decrepitude.

*Um novo conceito* é o relato detalhado de um seqüestro. E se mais não revelo sobre este conto, é para não atrapalhar o prazer de sua leitura e seu desfecho genial. A solidão combinada a uma mediocridade abastada é capaz de inventar prazeres onde a vida é material de segunda mão.

*Viagem 1, Viagem 2, Viagem 3*, três contos a combinar morte e futuro, esperança e resignação, solidão e velhice. A doce crueldade de um autor. Não há trégua nos contos de Mário Araújo; o leitor está em segundo plano, cabe a ele estabelecer as rotas de fuga ou buscar a companhia de nuvens.

*Marta — esse era seu nome — jamais tivera a oportunidade de ser apresentada a si mesma. Falta-lhe aquele momento de solidão em que, na ausência de uma vizinhança, trava-se o conhecimento de si.*

Em *Solo*, o autor oferece ao leitor o poder da escolha, se bem que para dar partida à história tão-somente, pois sabe ele que o mais importante é sempre o final. Permite que o leitor escolha entre quatro possibilidades de abertura para a história de um músico frente a seus dilemas, na qual geralmente não se permite espaço para a existência da morte. Sobre tudo da própria morte.

*Há muito tempo que tudo que via de si mesmo eram as mãos. A única parte do corpo que uma pessoa vê todos os dias da sua vida, pensou. Do rosto, apenas as lembranças e um par de fotografias que trouxera na bagagem.*

*Palimpsesto* é amálgama de ansiedade e solidão de um escritor que envia seu primeiro romance à apreciação de João Ubaldo Ribeiro. Num primeiro contato dá impressão da parte solar de **Restos**, mas não embarque nessa canoa, desatento leitor. Concentra-se nessas linhas a mais fiel fotografia da nossa miséria existencial, ela que nos transforma em permanentes pedintes além de deixar à mostra aleijões à espera da bengala alheia que abrirá as portas das oportunidades. Com escritores a cena é das mais comuns. Mendigamos textos a nos recomendar, telefonemas a editores elogiando nossos livros e, nesse vaivém das influências, os talentos evaporam e as bobagens e os tolos bem relacionados infestam as Flips e as Flaps da vida. Por favor, afobado leitor, não me pergunte o que é Flap. Aproveite seu tempo lendo **Restos**.

*Gosto do meu nome. Mas um nome sozinho não valia muito naquelas circunstâncias. Precisava de sobrenomes, de preferência dois, três, quatro até. Os sobrenomes empurram o nome; por isso, quanto mais, melhor.*

*Corpo* encerra o livro, sem ironias e sem gracinhas, aqui se fecha o caixão: “Ninguém merece deixar esta vida sem seus ritos”.

Afortunado leitor, concluída a leitura de **Restos**, fica um gostinho de quero mais e se você for também um leitor curioso e pretender sair em busca de algo semelhante, não perca seu precioso tempo. Modestamente, vá por mim. Recomece a leitura. Garanto que valerá a pena, não há riscos. Risco é viver, mesmo com todos os atenuantes do consumismo, mesmo evitando pensar e falar sobre velhice, solidão e morte, resta a certeza inquestionável — o nosso horizonte é o chão. ☛

# O povo de Ubaldo

FABIO SILVESTRE CARDOSO • SÃO PAULO – SP

No momento em que escrevo este texto, o novo acordo ortográfico já foi sancionado pelo presidente Lula. Para quem ainda não sabe, trata-se de uma formidável articulação política entre os países falantes de língua portuguesa, que, diga-se, contam até mesmo com um órgão a seu dispor: a Comunidade de Países de Língua Portuguesa. De volta ao acordo, há quem defenda a mudança, uma vez que a medida tornará, em tese, a língua escrita em Portugal mais próxima da que é escrita no Brasil, fazendo com que, efetivamente, estejamos unidos pela “pátria que é nossa língua”, como cantou o poeta. De outra parte, há aqueles, no Brasil e em Portugal, que se opõem à mudança, apontando que essa tal unidade em torno do idioma deixa de lado séculos de formação e tradição cultural. Em certa medida, essa discussão vem bem ao propósito quando se observam eventos ocorridos em 2008 em torno do universo das letras.

Para além da discussão acadêmica do acordo, que, com efeito, já estava em gestação muito tempo antes deste governo cancelá-lo, outros acontecimentos trouxeram, como que para dar sustentáculo a essa decisão, a relação entre Brasil e Portugal no âmbito dos livros e da literatura. Prova disso foi a última Bienal Internacional do Livro em São Paulo, que, entre outros países, homenageou Portugal. Curiosamente, também no segundo semestre deste ano, foi concedido ao escritor João Ubaldo Ribeiro o prêmio Camões de Literatura de 2008, pelo conjunto da obra. Ao analista mais cético, não resta dúvida de que houve certa convenção na seqüência dos fatos relatados.

Em que pese essa teoria da conspiração, vale a pena ressaltar que o prêmio concedido ao escritor baiano João Ubaldo Ribeiro — cuja obra agora é relançada pela Alfabeta — é merecido. Como poucos escritores do Brasil, Ubaldo conseguiu construir um edifício literário que se destaca não somente pelos recursos estilísticos de sua prosa, com elementos singulares que o referendam como um dos grandes autores brasileiros do século 20, mas, também, pela capacidade de elaborar uma distinta galeria de personagens, repletos de características que os tornam, muitas vezes, inesquecíveis. Por essas razões, já seria possível dissertar a respeito da obra de João Ubaldo, tomando alguns de seus livros como base para efetuar, como sói a alguns *scholars*, um estudo de caso ancorado em literatura comparada entre Brasil e Portugal, por exemplo. Ou, por outra, observar a influência da língua portuguesa em sua modalidade de norma

culta no romance de Ubaldo Ribeiro, algo que até poderia ser pertinente, mas não necessariamente atrairia a atenção da maioria dos leitores. Desse modo, este texto, antes de fazer jus a um formato mais teórico, estruturado, quem sabe, nas leituras certamente interessantes de Bakhtin, do pensador da cultura Terry Eagleton e do pós-estruturalista Stephen Greenblatt, prefere uma análise mais próxima do que efetivamente João Ubaldo Ribeiro escreveu e, especialmente, pelos temas abordados por ele. A discussão, nesse sentido, remete à reflexão mais abrangente das escolhas de Ubaldo. Para tanto, é necessário observar de perto sua formação.

Nascido em Itaparica em 1941, os anos de gestação do escritor tiveram como eixo central a figura do pai de João Ubaldo Ribeiro, um humanista, segundo ele já relatou em entrevistas, muito rígido. Disciplinado desde o início a ter um preparo intelectual acima da média, Ubaldo estudou inglês e outros idiomas, como alemão, francês e espanhol já aos 10 anos de idade. Nesse ponto, é possível afirmar que Ubaldo teve uma formação clássica que foi elementar para a elaboração de sua arte literária. É comum, aliás, ouvir o autor citar os cânones tanto como obras de referência quanto de influência. Nesse caso, Homero e Shakespeare freqüentemente aparecem em seus depoimentos. O interessante, no entanto, é perceber de que maneira essa relação se estabelece na obra do autor. Em muitos escritores, as referências funcionam como que para dar arcabouço literário à obra, assinalando a esmo um nome aqui e acolá; recortando arquétipos tão normais quanto inócuos, como o da personagem feminina forte, ou do narrador-autor, entre outros. Em João Ubaldo Ribeiro, tal referência é percebida sem a necessidade de prefácio. Com isso, em vez de aparente, a influência é inerente, como algo que perpassa a obra sem ser artificialmente planejado, a fim de se mostrar aos leitores e aos críticos. E é bom que se diga, aliás, que o escritor não costuma enxergar com bons olhos o papel de certa crítica, pois, conforme já disse em outra entrevista, muitos resenhistas não contam com preparo para desempenhar esse tipo de trabalho.

## Identidade

Se a angústia da influência não interfere na leitura das obras de João Ubaldo, é possível reparar em um elemento central em seus textos literários: a questão da identidade cultural. Nos livros *Sargento Getúlio* e *Viva o povo brasileiro*, até mesmo o leitor mais desavisado há de perceber que a discussão de fundo toca no tema da identidade, ora de forma exagerada, ora de maneira irônica, como

Obra de JOÃO UBALDO RIBEIRO é fundamental para a discussão da identidade cultural brasileira

quem olha para a História do Brasil desconfiando das interpretações oficiais. Vale a pena registrar que as interpretações do Brasil, mais do que a leitura de jornais e demais periódicos, foram essenciais na tentativa de entender o País ao longo do século passado. Haverá quem diga que tal objetivo é, de fato, impossível; entretanto, cumpre ressaltar que esse debate de fundo fez a cabeça de muitos intelectuais brasileiros. Para citar os mais comentados, Sérgio Buarque de Holanda e o *homem cordial*, Gilberto Freyre e a formação da família patriarcal; e Caio Prado Jr. e o sentido da colonização, sem mencionar, nominalmente, as obras de Paulo Prado, Darcy Ribeiro, Roberto Schwarz e Roberto Da Matta. Todos esses autores, de alguma forma, interpretaram o Brasil, buscando significado para além da história e da memória coletiva, que, vez por outra, é suplantada pelo esquecimento. Tal esquecimento, *grosso modo*, faz jus à sensação de que não sabemos efetivamente o que somos ou, por outra, como fomos constituídos como nação.

A hipótese de alguns maledicentes, com efeito, é justamente esta: o Brasil não é uma nação. E se se utilizar o texto de Sérgio Buarque de Holanda ao pé da letra, logo no início, é bem verdade que o pensador dispara: “somos desterrados na própria terra”. Em verdade, a provocação está mais relacionada à forma como o brasileiro aqui se institucionalizou, diferentemente de se relacionar com a memória. Nesse ponto, é possível apontar uma intersecção entre essa discussão e as obras de Ubaldo, que, à sua maneira, propõe uma nova visita às nossas raízes mais profundas nos livros *Sargento Getúlio* e *Viva o povo brasileiro*. No primeiro, observa-se um narrador com prosa convulsiva que se recorda, com inúmeras digressões entremeadas aos diálogos, de sua trajetória como sargento de polícia. Nesse posto, ele deve fazer uma prisão antes da aposentadoria. Trata-se de um adversário de um eminente chefe político da região de Aracaju. No caso deste livro, Ubaldo remonta, de certa maneira, à sua própria trajetória ao visitar o Nordeste do País. A obra do escritor, assim, volta-se para dentro antes de se expandir para retratar o Brasil. Nesse “conhece-te a ti mesmo”, o autor descortina os meandros, os vícios e os demais detalhes que fazem o Brasil como ele é. Publicado originalmente em 1971, o livro não pertence, ao menos do ponto de vista da história de certa crítica literária, à escola do regionalismo, que, naquele momento, já havia atingido seu ápice com a prosa pedregosa de um Guimarães Rosa. Ainda assim, o texto traz elementos que dão ao leitor o sabor do versar do matuto, o modelo de brasileiro que vive nas matas, às escondidas, à espera de uma tradução significativa para, com efeito, existir como sujeito e como cidadão brasileiro.

A questão da identidade aparece, ainda, subjacente à proposta temática do livro. Afinal, o Brasil que aparece ali, escancarado nas páginas do autor, é muito mais arcaico do que a nação que emerge, galopante, no início da década de 1970, durante o breve período do “milagre econômico”, operado pelas figuras de proa da ditadura militar no Brasil — algumas dessas personagens, aliás, permanecem como verdadeiros medalhões do saber econômico nacional, a despeito da ideologia e do grupo político ao qual estiveram associados. Dessa forma, o comportamento rude é o padrão, por mais que uma classe média educada queira despontar como nova cara do país. A virtude da narrativa de *Sargento Getúlio*, que conta com pouco mais de 160 páginas, é traduzir o rural que existe a despeito do urbano. É significativo, não custa salientar, que até a década de 1920, o Brasil era fundamentalmente um *Pais matuto*, dos grandes fazendeiros que se mudaram para a cidade e, à sua maneira, iniciaram uma espécie de reforma burguesa nos centros urbanos. É dessa época, por exemplo, a efervescência de São Paulo e Rio de Janeiro como “capitais da cultura”, esta, em verdade, mais do que aquela. O abuso de poder, a corrupção e a tentação autoritária sequer soam como dispatres em um lugar que não há separação visível entre os espaços público e privado. O resultado é uma peça literária de imaginação, muito embora o status de grande obra só seja concedido aos textos que possuem elementos de um certo realismo.

## Ironia ao povo brasileiro

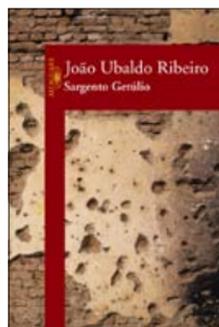
No que se refere à discussão identitária do Brasil como nação, é forçoso assinalar que por muito tempo — e, de certa maneira, até hoje — tentou-se construir tal sentido simbólico a partir da imagem (ou melhor dizendo, imagens) de um Brasil gigantesco. Mais recentemente, essa discussão assumiu um tom mais técnico, a partir da noção dos BRICs (grupo de países emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China). No passado, para além do período ufanista da ditadura militar, essa visão também foi articulada ao longo da História, em uma espécie de “visão do paraíso”, numa alusão a outro texto de Sérgio Buarque de Holanda. Nesse caso, temos o mito do achamento, a tese de que o Brasil foi escolhido tendo em vista suas belezas

## o autor

JOÃO UBALDO RIBEIRO nasceu em Itaparica (BA), em 1941. Passou a infância entre Aracaju e Salvador. Em 1957, começou a trabalhar como jornalista, tendo exercido os cargos de repórter, redator e editorialista. Como escritor, além dos romances *O sorriso do lagarto*, *Viva o povo brasileiro* e *Sargento Getúlio*, Ubaldo assinou roteiros para televisão e participou da elaboração do texto que deu origem ao filme *Deus é brasileiro*, dirigido por Cacá Diegues. Atualmente, o escritor também colabora para o jornal *O Estado de S. Paulo*, para o qual elabora uma crônica semanal comentando os principais temas do cotidiano, assim como algumas de suas memórias.



Viva o povo brasileiro  
João Ubaldo Ribeiro  
Alfabeta  
640 págs.



Sargento Getúlio  
João Ubaldo Ribeiro  
Alfabeta  
168 págs.

naturais, sua riqueza de fauna e flora, para além da diversidade cultural elementar de seu povo. Na esteira dessa linha de raciocínio, atribui-se às terras nativas as palmeiras mais originais, mesmo que não sejam as selvagens de Faulkner; bem como os painéis mais grandiosos, mesmo que não tenhamos tido feitos heróicos que justificassem a emergência do neoclassicismo à maneira Jacques-Louis David como expressão da estética visual.

A História do Brasil, nesse sentido, soa sempre favorável e bastante ufanista em determinados feitos. Conforme análise de alguns autores, como o historiador e também acadêmico José Murilo de Carvalho, trata-se de uma tentativa de legitimação de certo discurso, mais afeito à nação grandiosa do Brasil. A também historiadora Lília Moritz Schwarcz analisa essa visão idílica em seu recente **O sol do Brasil**, ao interpretar algumas questões não reveladas da famosa “Missão Francesa no Brasil”. Na literatura, em um pequeno grande livro, o escritor Lima Barreto faz menção a uma terra conhecida como Bruzundanga, mas se trata de um *roman à clef* efetivamente pouco lido até mesmo pelos estudiosos. O que finalmente remete a João Ubaldo Ribeiro e a seu **Viva o povo brasileiro**. Publicado pela primeira vez em 1984, a obra é considerada uma das grandes narrativas da segunda metade do século 20 no Brasil. Em recente enquete no blog do escritor e jornalista Sérgio Rodrigues (www.todoprosa.com.br), constatou-se que este era o principal livro de ficção dos últimos 25 anos (a pesquisa foi feita em 2007), ultrapassando o também bastante popular **Quase memória**, de Carlos Heitor Cony; e o *cult* **Dois irmãos**, de Milton Hatoum.

O que chama a atenção nessa escolha é que não se trata de um livro fácil. A começar pelo seu tamanho — na atual edição da Alfaguara tem 640 páginas —, **Viva o povo brasileiro** é um romance que, longe de ser *best-seller*, dialoga com a história do Brasil. E, por favor, leitor, esqueça aqui as recentes adaptações da vinda da Família Real para o Brasil. A despeito da qualidade de imaginação de algumas narrativas, como a de Ruy Castro em **Era no tempo do rei**, alguns livros optaram por pintar por demais alguns personagens, retomando, equivocadamente, a proposta de *Carlota Joaquina*, o filme da diretora Carla Camurati que marcou o retorno da produção cinematográfica no Brasil na década de 1990. Na narrativa de João Ubaldo Ribeiro, a começar pelo primeiro parágrafo, o que se lê é o contraponto, a história pontuada pela ironia contumaz de um narrador que observa, a um só tempo, de forma bem-humorada e bastante crítica alguns acontecimentos marcantes da história brasileira, sempre marcada pela maldade, pelo preconceito e pela desigualdade entre os habitantes.

Que não pense o leitor, entretanto, que se trata de um romance político. Muito embora o significado da obra possa estar associado a esse contexto mais polêmico, é certo que o livro prima, antes de mais nada, pela possibilidade de fruição que proporciona a quem decide encarar a extensa narrativa, graças, aqui, à forma com que o autor estabelece uma espécie de condução. Em outras palavras, a prosa de Ubaldo é fluida, com períodos longos, possibilitando aos leitores acompanhar a seqüência narrativa da estória que ora se confunde com a História factual. O estilo, aliás, em determinados momentos se assemelha ao formato leve de suas crônicas semanais publicadas n’*O Estado de S. Paulo* e n’*O Globo*. É claro que a temática é absolutamente distinta dos textos editados nos periódicos. Nesses textos, mais breves e ao sabor do momento, o escritor propõe um tipo de conversa com seus leitores, estimulando, sempre que possível, um debate em torno da política nacional. Assim, tanto no governo FHC quanto no de Lula, o escritor se posicionou contrariamente a certos escândalos, como a polêmica votação da reeleição e o famigerado caso do Mensalão. Em ambos os casos, essa posição lhe rendeu mais patrulha por parte de certo grupo de leitores do que popularidade, ainda que esta tenha aparecido de forma rarefeita.

### Um Brasil demasiadamente selvagem

De volta ao livro, ainda no tocante à questão da identidade, o leitor entra em contato com um País demasiadamente selvagem, com direito às passagens em nada edificantes ou triunfalistas dos heróis sem caráter que estiveram por aqui por ocasião da presença dos holandeses; ou então quando se menciona a participação do Brasil na Guerra do Paraguai e na Revolta de Canudos. A escolha, nesse caso, não é puramente aleatória: o leitor com interesse aguçado há de observar que se trata dos períodos decisivos da formação do Brasil como nação. A versão oficial, quicá mítica, desses relatos permanece no imaginário local a despeito do processo de esquecimento. A narrativa de Ubaldo, em contrapartida, indica uma interpretação corrosiva dos fatos. Certamente, haverá quem enxergue ali a verdade, do mesmo modo que o leitor desprovido de imaginação invalidará o livro por falta de verdade factual. Pouco importa. O necessário, aqui, é a constatação de que se trata de uma obra elementar para a discussão da identidade de um país que se projeta, muitas vezes, de forma equivocada diante do espelho. Entre o ufanismo e o complexo de vira-latas, há um Brasil inseguro, bipolar e ávido pela busca de algo que lhe dê sentido. O mérito da leitura de **Viva o povo brasileiro** é que o texto não despreza as outras leituras sobre identidade cultural; antes, com luz própria, torna-se necessária, mesmo em se tratando de um texto ficcional.

No círculo literário, há quem afirme, sempre nos bastidores, que **Viva o povo brasileiro** é fruto de uma encomenda editorial, fato que, se for efetivamente verdade, só comprova o talento do autor — que já confessou começar a escrever um livro pela introdução, sem muita cerimônia. E esse talento não é reconhecido apenas pela crítica especializada nacional e estrangeira, mas também junto ao grande público leitor do Brasil, essa pequena massa humana que ninguém sabe direito o que pensa e como pensa. Assim, membro da cadeira número 34 da Academia Brasileira de Letras, o autor também é lido e consumido pelas multidões, haja vista as duas adaptações com base em suas obras. **O sorriso do lagarto**, adaptado para a televisão; e **A casa dos budas ditosos**, adaptado para o teatro e que teve como protagonista a atriz Fernanda Torres. No que se refere à peça, é sabido que abarrotou alguns dos principais teatros do Brasil apresentando as heterodoxas memórias de alcova de uma senhora.

Se, por um lado, o sucesso consolida a trajetória do escritor como um grande autor brasileiro, por outro, também é possível observar que a questão de identidade nos seus livros de fôlego sai do primeiro plano e abre espaço a outro tipo de experiência literária, talvez mais próxima à preocupação mercadológica dos grandes grupos editoriais, ainda que tanto o autor quanto o editor possam negar veementemente isso. Mais do que responder às demandas do factual, a obra e o texto de João Ubaldo Ribeiro são elementares para a cultura brasileira porque se associam diretamente com um modo curioso e, de certa maneira, original de olhar para o Brasil e para os brasileiros. Nesse caso, antes de ufanismo e outros arroubos de “dever cumprido”, a literatura de Ubaldo empresta um significado à idéia que se faz do País, sem prejuízo estético, literário e conceitual do que se estuda em outras áreas, como História do Brasil e Geografia.

A respeito do acordo ortográfico entre os países de língua portuguesa, é interessante observar que a unidade em torno do idioma não vai se transformar, via decreto, na sublimação das identidades e das partes que compõem uma nação. Ao menos não por agora. Isso porque se notam inúmeras idiossincrasias que muitas vezes não cabem nos tratados, tampouco nos textos de base, evidentemente porque só existem na literatura. É essa a seara de João Ubaldo Ribeiro, um escritor que descobre o Brasil dentro de si mesmo. ☛

### trecho • viva o povo brasileiro

Sentado debaixo de uma jaqueira com as pernas esticadas e abertas, comendo um pão de milho meio seco e dando dentadas enormes num pedaço de chouriço assado, Perilo Ambrósio Góes Farinha resolveu reclamar com os dois escravos que lhe faziam companhia, embora eles não tivessem cometido falta alguma e apenas o observassem de olhos famintos. Estava irritado com a comida. Sempre fora assim, desde pequeno, muito sensível a decepções relativas a comida. Podia ser apenas uma expectativa frustrada, podia ser qualquer coisa, até mesmo alguém que conseguisse chegar antes a um naco em que estivesse de mira feita, apesar da boca cheia e da atenção vigilantíssima que costumava dar a toda a comida sobre a mesa [...]

### trecho • sargento getúlio

Bom, o jeito é resolver de outro jeito. Ô Amaro, batendo a cabeça do vrido do hudso, quebra o vrido? Amaro disse hum-hum, quebra não, aquilo amassa que nem quebraqueixo, pode até raiar um pouco mas não quebra assim como uma nem duas, é vrido safeti. Então já sei, então digo que o homem bateu com a cara no vrido, depois de dar dois trombos na estrada. Qualquer estrago na cara está explicado. Ele que diga que não foi o tombo, que é a última coisa que ele abre a boca para dizer. Vosmecê tem alicate aí? Que eu arranco dois dentes da frente dele. Arranco dois debaixo, dois de cima, que firma mais certo. Assim, ele assobia e cospe bem, hum? Primeiro, dou de coronha atravessada nos beíços, que amortecêia, amolece e ele abre a boca mais fácil.

# MALUCO inteligente

ROGÉRIO PEREIRA E FABIO SILVESTRE CARDOSO

**João Ubaldo Ribeiro** tem 67 anos e pretende chegar aos 87: “ano pra cacete, pra quem bebeu como eu bebi”, diz. Ele está feliz da vida. Acaba de ganhar o importante Prêmio Camões pelo conjunto da obra. Embolsou 100 mil euros. Seus livros estão sendo relançados pela Alfaguara. Em breve, será publicada a coletânea de crônicas **O rei da noite**. Nesta entrevista, cujas perguntas foram enviadas por e-mail e as respostas chegaram por meio de um programa de voz (a “conversa” durou cerca de 2 horas), Ubaldo fala do reconhecimento de sua obra, da imprensa brasileira, do amor à língua portuguesa, de escritores, livros, leitura, entre outros assuntos.

#### • O senhor acaba de receber o importante Prêmio Camões pelo conjunto de sua obra. O que significa esse reconhecimento e que relevância tem para a sua obra?

As glórias deste mundo — e não estou dizendo isso por demagogia e nem por espírito de santarrão —, as glórias que os nossos contemporâneos lançam sobre nós, às vezes, são bem mais efêmeras do que nós gostaríamos. Os casos de escritores consagrados em vida e depois esquecidos são inúmeros. Inúmeros em toda parte. Então, não se deve deixar que um prêmio desses suba à cabeça. Deve-se recebê-lo com a humildade necessária na vida e, em geral e especialmente, na área artística. Recebo o prêmio com essa humildade; pelo menos, espero estar recebendo com essa humildade. É lisonjeiro, muito desvanecedor, porque a língua é uma coisa muito importante. A língua, sob certo aspecto, também é descrita como a alma dos povos — e é realmente um patrimônio, um misterioso e riquíssimo patrimônio comum, porque é a maneira comum por meio da qual milhões de pessoas vêem, explicam, percebem e interpretam toda a realidade. E quando se reconhece tudo isso, o trabalho com a língua, principalmente da maneira tão apaixonada como eu trabalho, ou seja, quando a língua agradece, não pode haver momento mais desvanecedor para o escritor. Claro que envaidece muito, é muito bom receber o prêmio.

#### • A mídia brasileira não deu o devido destaque ao prêmio. Em entrevista ao *Jornal de Letras, de Portugal*, o sr. disse que os jornalistas brasileiros “cultivam um solene alto desprezo pela própria língua”. A atuação da imprensa brasileira em relação à literatura o incomoda?

Não me lembro direito como foi que falei em relação à imprensa brasileira e à literatura. De modo geral, acho duas coisas em relação à importância que a imprensa brasileira dá ao Prêmio Camões. Acho que está começando a dar mais importância do que dava. Antigamente, ignorava solenemente. Agora, não. Agora já notícia, já põe no noticiário principal da TV, e assim por diante. Mas somos um povo acostumado a manter, durante gerações, um acentuado autodesprezo e um espírito colonizado muito forte. Tanto assim que o visitante do Rio de Janeiro — se for um pouco distraído ou tiver bebido um pouco demais — pode pensar que, num trecho qualquer de Ipanema, ele está fora do Brasil, porque só se lê coisa em inglês de um lado para o outro. Na Barra da Tijuca tem até Estátua da Liberdade! Enfim, somos colonizados pelos americanos culturalmente e achamos tudo lá mais bonito e melhor. Fomos criados achando tudo aqui ruim. E digo isso sem ressentimento, honestamente. Digo sorrindo (risos). Acho engraçado. Porque os prêmios que os brasileiros acham importantes são os prêmios americanos. Eu me lembro do tempo das *misses*. Inclusive, estava nos EUA num desses anos. Fui fazer mestrado. E ainda era o tempo daquela torcida terrível pelas *misses* brasileiras. Era uma coisa extraordinária. As pessoas se mobilizavam pra poder torcer pela *miss*. Era uma coisa de afirmação nacional, porque nós nunca valemos nada. E os próprios americanos ficavam espantadíssimos com aquela exaltação toda. Mas é o que se faz até hoje no Brasil com o Oscar, que é um prêmio importante, tudo bem, mas aqui parece que vão cair sobre o Brasil as bênçãos de todas as musas, o reconhecimento de todos, a admiração universal. E o tal Oscar, no qual se promove um programa chatíssimo, só é interessante para quem realmente curte aqueles aspectos todos abrangidos pela premiação. Mas, aqui, só a indicação de um brasileiro para o Oscar já era uma coisa extraordinária em matéria de artigos, ensaios, reportagens, elucubrações filosóficas... Meu Deus! Então, imagine se a imprensa vai dar importância a um prêmio de português com brasileiro, dessa língua que, como eu ouvia falar quando era menino, não dá nem pra fazer diálogo direito pro cinema... Então, para essa língua que nós mesmos desprezamos, quem vai dar importância? Ainda mais quando não é um milhão de dólares o prêmio, mas cem mil euros. E a julgar pelas perguntas que me fizeram, parece que tinham me dado a Microsoft de presente. Mas, de qualquer forma, não se dá importância. Um prêmio desses concursos musicais americanos, sei lá quantos são, quais são, um Emmy qualquer, no qual o cantor ganha um pedaço de lata e uns 15 mil dólares, a esse tipo de prêmio, da melhor música subtropical e não sei mais o quê, a esse se dá muita importância. O que é que eu vou fazer? Não é culpa minha, nem fício ressentido. Acho engraçado, não fico ressentido. Com 67 anos, não dou tanta importância às glórias deste mundo. Já vivi. E apesar de não me considerar velho, apesar de não ser velho, já vi muita vaidade perfurada como um balão e murchada numa questão de menos de décadas, simplesmente. Então, sempre penso: nada como um dia depois do outro. Sempre penso que o mundo dá muitas voltas e tudo é muito relativo, realmente.

#### • De um modo geral, o sr. acredita que a língua portuguesa não é valorizada como deveria? Como integrante da Academia Brasileira de Letras, como o sr. identifica o papel da ABL na defesa do idioma?

Acho que a Academia faz o que pode. A Academia passou muito tempo numa postura, digamos, contemplativa. Nas mãos imperiosas do velho Austregésilo de Athayde, a Academia construiu o alicerce que lhe permite hoje atuar cada vez mais como uma entidade participante na comunidade. Claro que podem ser feitas várias críticas à Academia, mas ela se empenha, tanto quanto possível, em ter iniciativas culturais. Mantém bibliotecas extraordinárias, do melhor nível. É aberta a todos. A Academia é muito democrática. Se as pessoas acham que aquilo é fechado, estão enganadas, pois é muito aberto ao público. Abre-se cada vez mais. Não é mais bem desfrutada pelos cariocas por falta de informação, por hábito. E por cem anos, digamos assim, de caturrice, mas isso porque a Academia não tinha dinheiro, não tinha título pleno do seu patrimônio, como é hoje, quando a Academia pode ter folga, sem necessidade de tomar dinheiro do contribuinte, coisa tão pouco comum no Brasil. Ela pode, assim, prestar serviços. Faz um vocabulário ortográfico, assessora naquilo que é possível, toma parte na elaboração de acordos e de normas. É uma entidade presente, importante para a nossa língua. Acho que a Academia Brasileira de Letras desempenha um belo papel na defesa do idioma, embora não possa conter a invasão da ignorância dos que não repetem ano, dos que passam de ano automaticamente, dos que já estão na escola há seis, sete, oito anos e ainda não aprenderam a ler, dos analfabetos funcionais. Enfim, é muito difícil concorrer com isso, com os colonizados todos, com o poder da língua inglesa. A língua é uma maneira de pensar, de ver o mundo. E o desaparecimento de uma língua — mesmo línguas, digamos, chamadas de pobres, como muitas línguas índias, mas pobre com ressalvas, pois podem não ter palavras para designar, por exemplo, números maiores do que três, mas quantas palavras talvez tenham tido esses índios para designar a textura das folhas das árvores, assim como os esquimós têm dezenas de palavras para “neve” — é uma tragédia. Da mesma forma que é uma tragédia quando fazemos barbaridades como a de usar “salvar” em informática. Por que “salvar”? Meu Deus do céu! Por quê?! Por que não “guardar”, como dizem os portugueses? Quem “salva” a chave na gaveta? Quem “salva” um isqueiro no bolso? E outros exemplos, como “esse computador não ‘suporta’ não sei o quê”, como se o computador tivesse ódio mortal... (risos). Enfim, uma coisa besta.>>>

“No Brasil não há interesse pela leitura. Não há interesse no fomento da leitura. A situação da leitura no Brasil é calamitosa.”

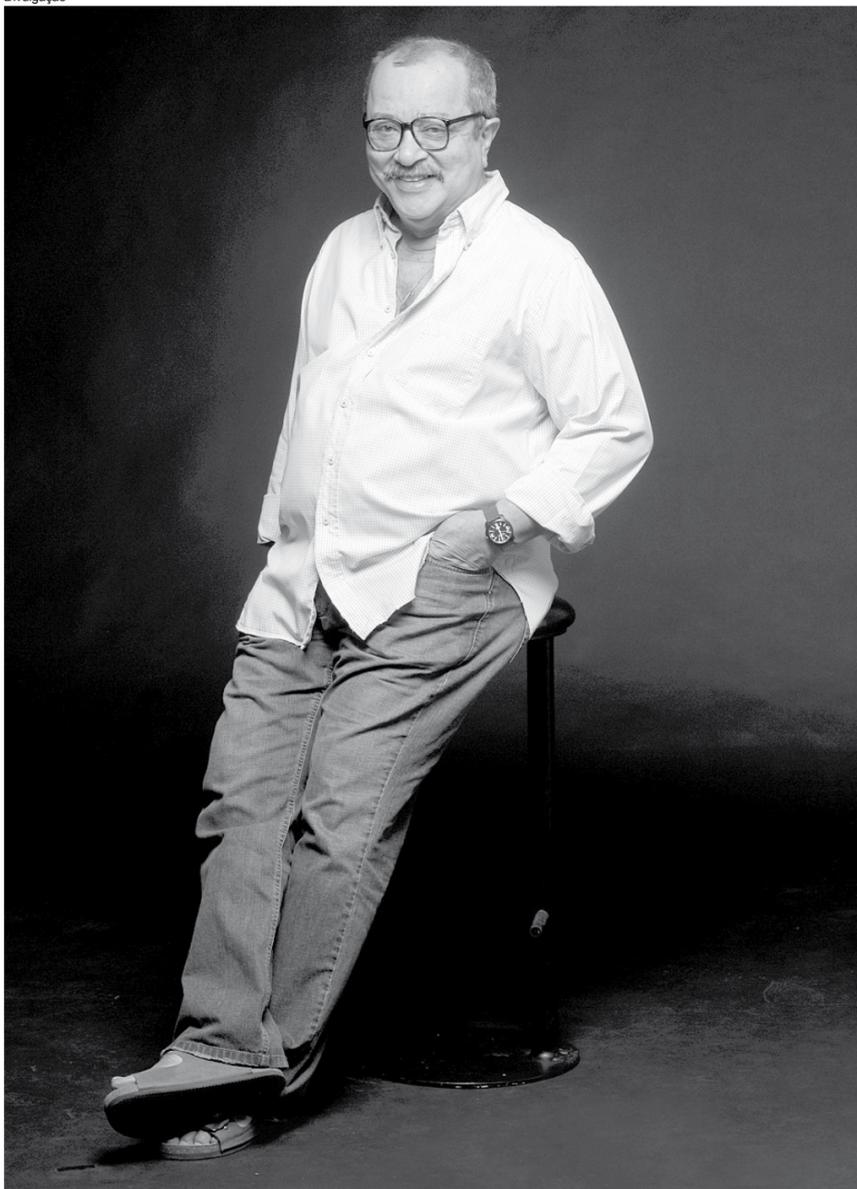
• Apesar de ser um escritor nascido no Nordeste, o sr. se destacou no cenário cultural do chamado eixo Rio-São Paulo, mais ao Sudeste do País. De alguma forma, esse tipo de “alcance” já estava em seus planos? E o sr. já pensou como isso efetivamente aconteceu, isto é, olhando para trás, consegue encontrar um momento-chave para se tornar um escritor de grande relevância no cenário nacional e internacional?

Não. Mas é engraçado. Sou do tempo em que era necessário fazer pelo menos o Rio ou São Paulo. Geralmente, o Rio. Embora, por exemplo, Caetano e Gil tenham ido fazer primeiro São Paulo. Acho que Gal também. Mas eu nunca quis sair de Salvador. Muitos amigos debandaram. E outros tinham debandado, desaparecido quando voltei dos EUA, em fins de 1966 ou 1965, se não me engano. Estive nos EUA porque recebi uma bolsa que me permitia viver modestamente, com minha primeira esposa, em instalações de estudantes. Quando voltei dos EUA, no fim de 65, não encontrei mais ninguém. Era um deserto. Meus companheiros tinham desaparecido. E eu era muito sociável na época, ao contrário de hoje em dia. Mas, quando cheguei, o núcleo dos meus amigos tinha sumido. Foi uma coisa angustiante para mim e minha ex-mulher. Perdemos o referencial. O resultado é que acabamos pegando os amigos mais velhos, um pouco mais velhos do que nós, que tinham sido nossos professores, e fomos mudando de amizades, fomos ficando. Depois me separei de minha mulher, mas fui ficando em Salvador. Nunca quis sair. Vinha pouco ao Rio, era um provinciano convicto e não queria sair. Nunca quis sair. Até que, ainda morando na Bahia, fui a Natal, para escapar da minha função de chefe de Redação, na *Tribuna*. Não que o jornal fosse ruim, ou os colegas ruins, nada disso, mas a natureza da função é estranha ao meu temperamento. Enfim, fui a Natal passar uma semana e conheci minha mulher. Conheci há trinta anos a mulher com quem terminei casando no famoso “papel passado”, e com quem vivo em clima de harmonia, graças a Deus, há trinta anos. E ela foi criada no Rio de Janeiro. Quer dizer, comecei a ter um pé no Rio de Janeiro por causa dela. Mas quando estava na Bahia, Glauber Rocha e Jorge Amado acharam, com justiça, e eles me conheciam bem, que eu estava ficando maluco, e queriam me tirar do que chamavam de “minha excessiva dependência em relação aos EUA”. Eles achavam que eu estava muito ligado à literatura americana... E aí resolveram, os dois loucos, me conseguir uma bolsa de estudos da Fundação [Calouste] Gulbenkian, pra passar não sei quanto tempo em Portugal. E lá fui eu. Enfim, a história é comprida. Fiquei em Portugal um ano. Nasceu lá um filho meu. E quando voltei para o Brasil, onde é que eu ia morar? Aí pensei: a Bahia, eu tinha me afastado dela. Já tínhamos muitos amigos no Rio e algumas oportunidades de trabalho se ofereceram. Então fui morar no Rio, mesmo sem saber o que estava fazendo. Minha mulher ficava mais tranquila, pois a mãe dela estava envelhecendo e ela queria ficar perto da mãe, das irmãs, da família dela, enfim. E fui ficando. Mas depois não dava pra ficar, pois não tinha emprego e só conseguia ganhar dinheiro por sorte, ou com a ajuda da providência divina. Na última hora aparecia um biscate literário qualquer pra fazer e aí ganhava um dinheirinho. Mas não podia continuar vivendo assim, já com mulher e dois filhos. Daí fui pra Itaparica, escrevendo para *O Globo*. Fui pra Itaparica porque lá eu não pagava aluguel, não pagava transporte, não pagava nada, dava pra segurar a barra do sustento da família. Ou seja, se não fosse por Berenice, minha mulher, eu não teria batido os costados aqui no Rio, teria ficado na Bahia.

• O sr. diz que “escrever romances é falar de si mesmo”. De que maneira o amadurecimento de sua carreira como escritor está relacionado com a sua trajetória pessoal? Até que ponto os chamados “fantasmas pessoais” contribuíram para sua formação como escritor?

Digo cada coisa... É... devo ter dito isso mesmo. É porque a pessoa, quando escreve um romance, não pode transcender-se, não pode deixar de ser quem é. Então, de alguma maneira, escrever um romance é sempre falar de si mesmo. Mesmo que se trate de uma literatura que se pretenda, vamos dizer, objetiva. Vamos imaginar que exista um tipo de ficção que se pretenda objetiva, sem participação do narrador, e assim por diante. Mas isso, na verdade, é impossível, pois a subjetividade estará presente em maior ou menor grau. De maneira que escrever é, realmente, sempre falar de si mesmo e dar dicas a respeito de si mesmo, porque aquilo que o sujeito escreve pode disfarçar preocupações das quais ele talvez nem tenha consciência. Quando o sujeito assume sua condição de artista, assume a maluquice de abordar a realidade por vias de conhecimento heterodoxas, porque a arte não deixa de ser uma forma de conhecimento. Não se pode validar, de maneira absoluta, como muita gente faz, o conhecimento trazido pela ciência ou pelas coisas que são praticadas com exatidão ou com o chamado rigor científico, seja lá o que isso for. Isso me parece elementar, mas muita gente ainda discute sobre esse assunto. Ora, se a necessidade da pintura fosse simplesmente retratar a realidade, a pintura teria desaparecido com o surgimento da fotografia. E a pintura não era nenhum grande poder econômico que subsistisse à invasão da fotografia... É simplesmente que a fotografia, ela própria, também tem um grau de subjetividade muito grande, a ponto de se constituir hoje numa arte. Talvez o pessoal da seção de fotos para passaporte, de alguma repartição pública, tenha a sensação de que está fotografando a realidade, mas até o sujeito que sai fotografando com o celular sabe que está dando algo de si àquela visão. Então, a arte é uma forma de conhecimento, é uma forma de ver e ordenar — ou desordenar — e expressar o que se vê... Eu talvez tenha me perdido um pouco, mas, retomando, o escritor, no fundo, é um maluco. E muitos não aceitam sua condição artística. Ficam com medo, dizem “afaste de mim esse cálice”, eu não quero ser maluco, ficam com medo de afundar demais. Conheci gente muito talentosa que nunca quis se aproximar demais do próprio talento, talvez por certo medo, não sei. São hipóteses irresponsáveis, mas pode acontecer. Minha vida é relacionada com minha obra, é claro que diz muito de mim, inclusive da minha própria biografia. O meu primeiro romance era um livro autobiográfico, e era um livro que queria mostrar o que eu conhecia ou o que considerava importante na literatura. Eu achava que ia ganhar o Nobel do ano seguinte (risos), que ia salvar o mundo através dos meus escritos. E nisso não creio ter sido exceção. Poucos de nós não iniciaram suas carreiras com convicções semelhantes. E meus fantasmas pessoais contribuem até hoje, sei lá em que medida, pois não planejo meus livros, de repente eles me assaltam, com exceção de um ou outro, como um que fiz encomendado.

Divulgação



• Por falar em livro sob encomenda, muitos autores se negam a aceitar este tipo de proposta de trabalho. Como foi escrever *A casa dos budas ditosos*?

Mesmo nesse caso, o livro acabou me assaltando de certa forma. Nesse livro, *A casa dos budas ditosos*, fiz o contrato, topei a empreitada, pois eu gosto, ao contrário do que se pensa, de aceitar encomenda, me sinto o artista renascentista — na Renascença só se trabalhava praticamente por encomenda —, me sinto o profissional desafiado, entro numa espécie de barato. Escrevo desde que o tema não ofenda minha consciência, não seja puro mercenarismo. Não escrevo algo que vá contra as minhas convicções, o meu caráter, a minha maneira de ser e de ver as coisas. Se não me violentar, adoro aceitar encomenda, porque os artistas sempre viveram de encomenda. Pensar o contrário é uma ficção romântica e, ao mesmo tempo, justifica que só pratica a arte aqueles que não precisam do dinheiro, ou seja, só a classe dominante. E me lembro — quer dizer, não estava presente, e espero que nenhum de vocês achem isso — que, por exemplo, tinha uma vontade enorme de testemunhar o que acontecia nas realizações dos concursos públicos de teatro na Grécia antiga, o clima de fofoca e baixaria, tudo por dinheiro, reputação, fama, glória, tudo disputado exatamente no mesmo clima que seria disputado hoje, com disse-me-disse, e assim por diante. Foi assim que sempre funcionou. Quando envelhecemos e vamos ficando caleçados, sem ilusões, e sentamos numa mesa pra conversar, eu, Rubem Fonseca, Ignácio de Loyola Brandão, alguns portugueses amigos nossos, o Pepetela, as pessoas dizem: o que será que eles estão conversando? Deve ser um papo cabeça, de alto nível, etc. Mas não é nada disso. Normalmente, há queixas sobre quem é aquele filho-da-puta que não paga em Portugal, aquele editor não sei o quê, quanto é que aquele outro filho-da-puta lhe ofereceu de adiantamento, e assim por diante. A gente fica conversando coisas desse tipo. Tudo isso pra dizer que eu adoro receber uma encomenda. Mas se a encomenda fosse restrita demais, com especificações excessivamente minuciosas, eu rejeitaria, porque aí eu diria: “— Escreva logo você, pô! Já sabe tudo, então escreva”. Mas como me deram um tema muito amplo, *A casa dos budas ditosos* apareceu e a personagem principal se impôs. É praticamente a única personagem, pois o livro é um monólogo, e ela tinha 78 anos quando comecei o livro, mas se recusava a ter 78, não adiantava, ela sempre voltava a ter 68. Aí eu disse, bom, 68, tudo bem. Mas ela continuou a ser chamada de “a velha” aqui em casa, apesar de eu já ser quase da idade dela e não me considerar velho. Aliás, fico grandemente surpreendido quando chamado de velho, me vem ganas homicidas quando alguém se refere à minha idade como “a bela idade” ou “a melhor idade”. Acho que isso talvez justificasse alvejar o ofensor com um tiro no meio da testa. Mas, infelizmente, não sou eu que faço os usos e costumes... Mas, enfim, já estou falando demais. Chega, fala pouco, João Ubaldo!

• A propósito dos seus livros, é possível dizer que eles se identificam com uma prosa genuinamente brasileira da segunda metade do século 20? O sr. analisaria dessa forma?

Bom, isso eu não sei. Não sei o que seria uma prosa genuinamente brasileira da segunda metade do século 20. Sempre tive uma tendência meio estranha em matéria de linguagem, porque a linguagem do meu primeiro livro, *Setembro não tem sentido*, é a linguagem dos meus contemporâneos na Bahia, há cerca de cinquenta anos, em Salvador; é uma linguagem normal. Mas a linguagem de *Sargento Getúlio* é sergipense. Não é um sergipense arcaico, mas obsoleto, pois não é o de hoje, do Sergipe mais desenvolvido e também envolvido na globalização. E digo isso não só em relação ao fenômeno que envolve todo o mundo, mas tratando do fenômeno Rede Globo no Brasil, pois a Globo mudou os falares e obliterou certas diferenças regionais, tal a penetração desse negócio de novelas, etc. Mas, depois de *Sargento Getúlio*, escrevi livros em línguas estranhas, como *Viva o povo brasileiro*, que é escrito, em grande parte, num português barroco, uma linguagem “abarroçada”, pela própria época e pelos lugares em que grande parte do romance se desenvolve. Talvez eu escreva uma prosa genuinamente brasileira quando estou na minha condição de cronista, não sei.

“Minha prosa não é enxuta, não aspiro fazer uma prosa enxuta. Minha prosa é meio gordurosinha, meio convoluta. E assim mesmo caio de faca no adjetivo. Muitas vezes, acabo um texto e meto a faca nos adjetivos.”

• O sr. citaria algum autor de sua geração cuja obra possui alguma relação com os seus livros? Ainda sobre esse “diálogo”, existe algum autor cujo estilo, para além da influência, o sr. deliberadamente quis homenagear em seus livros?

Bom, muitos. Certamente, contemporâneos no sentido mais lato da palavra, Faulkner, por exemplo, contemporâneo da minha juventude. Sou herdeiro desse povo todo, legatário desse povo todo. É em cima do trabalho desses escritores que o trabalho novo chega; é em cima dos ombros deles que a gente sobe. No *Viva o povo brasileiro*, se não me engano no capítulo 14, fiz uma homenagem sem querer, inconscientemente, e quando me contaram eu não fui nem checar, mas me disseram que a rapsódia 14 da *Iliada* é aquela em que os deuses mais participam das batalhas, durante a Guerra de Tróia. E no capítulo 14 de *Viva o povo brasileiro*, quando se desenrola a Batalha de Tuiuti, os orixás baianos interferem na defesa de seus filhos que estão na campanha do Paraguai. Um amigo meu, hoje lamentavelmente finado, Haroldo de Campos, de quem eu gostava muito — embora pra todo mundo pareça ser uma amizade inusitada, no sentido de que éramos escritores diferentes —, percebeu isso. Ele esteve comigo em Itaparica, passou um dia inteiro comigo, foi muito agradável, enchemos a cara, foi uma maravilha, declamamos, lemos hebraico, foi um barato. Depois, eu me correspondia com ele e o chamava de Haroldão. Até inventei um coronel inglês que baixava em mim, um coronel horroroso, reformado, um inglês que detestava todo mundo, racista, que detestava inclusive a família real, enfim... Aliás, esse coronel surgiu pela primeira vez quando eu estava na Alemanha, na companhia de Haroldão, numa cidade chamada Bülefeld. O coronel apareceu à noite e Haroldo quase morreu de rir com as maluquices dele... Mas estou dizendo tudo isso para lembrar que Haroldo evidentemente notou logo essa semelhança entre o capítulo de *Viva o povo brasileiro* e Homero. Então, ele me chamava de “Obardo”. Haroldo tinha mania de fazer trocadilhos, ele curti, e pronunciava Ubaldo com sotaque — ou pelo menos com o arremedo do sotaque do caipira paulista — e ficava “Obardo”, pra fazer trocadilho com o “o bardo”, ou seja, Homero, e também Shakespeare. Aliás, todo mundo também nota a paródia, no bom sentido, do monólogo “To be or not to be” no *Sargento Getúlio*, paródia que Lima Duarte e Hermano Pena perceberam e utilizaram no filme, nessa fala do *Sargento Getúlio*, que é, na verdade, uma transcrição, em sergipês, do célebre “To be or not to be”. Isso tudo para dizer que já perdi a conta dos escritores homenageados. Agora, eu fico sempre supondo que o leitor esperto sabe, o que nem sempre acontece. Já passei por grandes embaraços, gente vindo me cumprimentar pelo jeito maravilhoso que eu descobri de narrar aquela Batalha do Tuiuti, e eu ficava com vergonha de dizer: pelo amor de Deus, moço, ali é uma espécie de pastiche de Homero, é uma homenagem à maneira homérica de narrar... Enfim, não é plágio porque Homero é um patrimônio da humanidade, cuja existência, cuja sombra é tão gigantesca sobre todos nós, que se chega a negar a sua existência, chegamos a ter Homero como, digamos assim, a essência poética épica de toda a humanidade. Talvez seja por isso que há quem julgue que ele nunca existiu. E se nunca existiu, então podemos dizer dele o que Bernard Shaw disse de Shakespeare, quando começaram a negar a existência de Shakespeare: “— Bom, se não existiu Shakespeare, existiu alguém mais chamado Shakespeare, que escreveu tudo o que dizem que Shakespeare escreveu”. Ou seja, não interessa, alguém escreveu. Se existiu Shakespeare ou não, existiu aquela coisa maravilhosa que é, que foi Shakespeare, que pra época dele não morreu tão moço, aos 54 anos, ou seja, com menos 13 anos do que tenho hoje. Não morreu mal de vida, fez o pezinho-de-meia dele, mas morreu fora da mídia, como se diria hoje, meio sem cartaz, considerado por alguns como abominável. E morreu sem fazer a mínima idéia de que era Shakespeare. Enfim, essa vida é curiosa, a gente levar a sério essas coisas de prêmios, de assédios... Aliás, levar qualquer coisa a sério demais é no mínimo uma perda de tempo neurotizante, embora eu não possa condenar ninguém por fazer isso, porque eu mesmo faço, apesar de criticar. A condição humana não é fácil.

• **Como é o seu processo de escrita? Qual é a sua rotina como escritor?**

Minha rotina como escritor é hoje um pouco diferente, porque estou submetido a um assédio muito grande. De certa maneira, virei um escritório. Se não fosse por Valéria, minha secretária, não podia existir mais. Tive que reprocessar minha vida toda com esse negócio do prêmio. E também porque sou um cronista popular, quer dizer, de alguma popularidade, tenho muitos leitores, sou muito solicitado, e é um horror administrar essa solicitação toda: é filtro de e-mail pra cá, é procurar não ofender as pessoas que me pedem coisas, é procurar não sentir culpa porque não posso atender os jovens de um ginásio carente, é não ler os originais de um, enfim, é não dar uma palavra a outro, uma coisa terrível. Então, meu processo de escrita já se degingolou, minha maneira conservadora e quase burocrática de escrever todo dia, de manhã cedo, degingolou. Mas tenho de voltar a trabalhar exclusivamente pelo sistema de cotas, que é um sujeito se impor uma produção diária qualquer, o que, para mim, antes do Word, correspondia a três laudas diárias. Mas se o sujeito estabelece que vai fazer três páginas por dia, tem que fazer as três páginas, por mais merda que ele saiba que está escrevendo, porque ele pode até mudar de idéia no dia seguinte e achar que não é merda. No tempo da cachaca, quando eu escrevia bebendo, era comum que escrevesse alguma coisa qualquer, achasse sublime e, no outro dia, visse que não passava de um delírio chato, de bêbado chato. Então, o indispensável é que o sujeito se discipline e produza a porcaria da cota, chova ou faça sol, mesmo que ele ache que está fazendo merda. Você não pode desrespeitar a cota. E não pode começar a tentar se enganar. Por exemplo, se a cota corresponde a três laudas — que é uma boa cota, pois três laudas, no final do ano, todo dia, são novecentas laudas, o que é um livraço —, tem que ser respeitada. Tem que estar em vigilância constante, pra não mentir a si mesmo. Não vale, por exemplo, começar a querer tentar antecipar a cota. Se o sujeito cumpre a cota, mas um dia, por acaso, escreve sete laudas, isso não quer dizer que ele pode descontar no dia seguinte, porque isso pode ser uma forma insidiosa de se enganar. É um método interessante, inclusive para dar continuidade à obra. No meu caso, eu escrevia, por exemplo, as páginas 12, 13, e 14 num determinado dia. No dia seguinte, pegava a 14 e ia copiando o que já havia escrito, o que ajudava a entrar no ritmo do livro. E quando chegava pra escrever as páginas 15, 16 e 17, que eram as do dia, já estava embaladinho na atmosfera que tinha criado. Ou seja, tem macetes. Descobri que Graham Greene escrevia quinhentas palavras por dia — e nem mais uma palavra. O Joseph Conrad parece que eram oitocentas palavras por dia. Virginia Woolf era qualquer coisa entre mil e mil e duzentas, um exagero, a mulher escrevia. Enfim, há uma série de medidas. Atualmente, estou adotando um Conrad. Fico muito feliz com um Conrad, mas, até agora, ainda não pude abrir uma semana dizendo “esta semana toda eu vou voltar à rotina e fazer um Conrad por dia”. E não tenho conseguido por causa do assédio, do movimento, do agito que tem sido a minha vida. É como se eu precisasse de uma “promoter”, de um “manager”. É uma coisa esquisita. Ao mesmo tempo, não movimento fortunas em torno de mim, como muitos amigos meus. Embora eles movimentem verdadeiros exércitos, indústrias, em torno deles, como o pessoal que tem conjunto, dá shows. São escritórios que trabalham pra eles. Não vou dizer que sou um sujeito que vive na linha da pobreza, mas vivo como a classe média. Não sou uma fábrica de faturar. Não faço show e ganho cem mil dólares. Pelo contrário, quando ganho um prêmio de cem mil euros e vêm me perguntar se eu faço investimentos na área social. Eu quase perguntei: “— Na área social do apartamento, você quer dizer?”. Porque essa quantia não é suficiente pra mudar a vida de uma pessoa como eu. É um bom dinheirinho, que eu aceito muito contente, e grato, mas não vai mudar minha vida.

• **Na seção *Autobiografia*, do *Jornal de Letras* (edição 987), o sr. disse: “não tenho mais paciência com nada novo”. Por que esse distanciamento da literatura atual? O sr. não tem nenhuma curiosidade sobre o que a nova geração de autores está produzindo?**

Acho até meio antipático da minha parte dizer isso, mas é sincero. Descubro poucas coisas novas que me deixam fascinado, que me chamam extraordinariamente a atenção. Mas minha mulher é testemunha de que, quando descobro um texto que acho muito bom, fico assanhadíssimo, quero saber quem é o cara e tal. O que está acontecendo é que não preciso mais ler. É um processo complexo. Não preciso mais ler muito pra saber se o livro tem qualidade ou não. Ao mesmo tempo, tenho a vontade do retorno, de querer entender direito aquilo que já li, que li pela primeira vez há mais de sessenta anos, pois eu comeci a ler muito pequeno. Então, volto, às vezes, a ler Cervantes. Existe um universo em cada um daqueles livros. Li tanto *Hamlet*, que decorei. Mas decorei de tanto ler — e por querer, compreende? Sempre fui um pouco assim. Meu pai dizia que era um sintoma claro, patente, de loucura, eu ficar lendo a mesma coisa, sei lá quanto tempo, seguidamente, sempre. Eu pegava aquele mesmo livro, ia naquelas mesmas páginas, e ficava lendo obstinadamente aquele negócio, ida e volta, livros e textos diversos, não só Shakespeare e Homero, mas vários autores. E autores que tenho na mais alta conta, como Mark Twain, como... Ah, seu eu for fazer esse rol não acaba nunca! E agora, com a idade, essa coisa piorou. Não é que não me interesse por coisas novas. Eu farejo, pego um livro, dou o que chamo de uma cheirada, e já tenho a idéia, mais ou menos, da qualidade literária dele. Não sei se isso é presunção da minha parte, mas é como funciona. Tenho direito a certas caturricas na minha idade. Então, não é que não me interesse. Ou, tentando explicar: não me interessando, me interesse (risos). É uma espécie de oximoro que estou querendo fazer aqui, mas um oximoro decente. Sei que a renovação vem, que é necessária, mas não sou um homem de formação literária. Minha formação literária nasceu do fato de eu ter sido, desde cedo, criado numa casa cheia de livros. E de ter sido numa época em que não havia televisão, onde o livro era uma aventura, era um universo que se abria. E continua sendo. Mas agora, com a concorrência do videogame, muita coisa mudou. Mas era um universo que se abria para uma criança, era um deslumbramento. Então, li tudo, mas minha formação não é literária. Já me senti na obrigação de ler, por exemplo, René Wellek, a crítica espanhola, a crítica e a filologia de Coimbra, andei tentando, mas minha formação é em Ciências Sociais. Sou formado em Direito, sou bacharel, nunca advoguei porque detesto a idéia de advogar. Mas fiz a faculdade de Direito porque era a faculdade em que intelectual entrava, e além de tudo meu pai não admitia outra hipótese que não entrar pra faculdade de Direito. E meu pai era obedecido cegamente nessa época. Então me formei em Direito, mas minha formação depois foi toda em Ciências Sociais. Ainda muito moço, fui professor de Ciência Política na Universidade da Bahia, de modo que não tenho formação literária. Enfim, quando me perguntam, eu digo: “— Não acompanho muito”. Pronto. Não sei explicar.

“Somos colonizados pelos americanos culturalmente e achamos tudo lá mais bonito e melhor. Fomos criados achando tudo aqui ruim. E digo isso sem ressentimento, honestamente.”

• **Recentemente, no blog do jornalista Sérgio Rodrigues ([www.todoprosa.com.br](http://www.todoprosa.com.br)), *Viva o povo brasileiro* foi o vencedor de um enquete sobre o principal romance brasileiro dos últimos 25 anos. O sr. concorda com a votação ou escolheria outro livro?**

Uma pergunta dessa é novidade pra mim. Vou até anotar, porque gosto de elogio, gosto desse tipo de coisa (risos). Eu concordo (risos). Não sei se houve outro livro, é cedo pra dizer. É cedo e até pretensioso dizer, mas já que vocês perguntam e já que não tenho outros elementos, a não ser os que estão aqui na minha cabeça no momento, concordo com essa escolha, sim. Fico muito lisonjeado com ela. Acho que os leitores ou os frequentadores, não sei como se diz, desse blog têm muito discernimento, são gente inteligente. E quero cumprimentar o Sérgio Rodrigues pela feliz e tão bem-sucedida iniciativa.

• **Tanto nas crônicas como nos romances, o sr. opta por parágrafos mais extensos, diferentemente de uma prosa de períodos curtos. Isso está relacionado com as suas leituras de formação ou é uma escolha consciente?**

Não. Não é uma escolha consciente, não. Mas tenho algumas boas desculpas para o meu barroquismo. Em primeiro lugar, sou baiano. De família, por parte de mãe, tradicionalmente baiana, do interior, de Itaparica. Hoje não é mais, hoje está mais para um subúrbio de Salvador, mas antigamente era interior mesmo. Meu avô era coronel e intelectual no interior. Tenho formação barroca e meu pai me obrigava a copiar, com boa letra, nas férias, *Os Sermões* de Vieira. Enfim, meu pai me obrigava ler *Nova Floresta*, do padre Manoel Bernardes. Vejam, sou tão pirado, vamos dizer assim, que devia odiar esses escritores. No entanto, adoro *Os Sermões* de Vieira até hoje, assim como adoro o padre Manoel Bernardes, um reacionário, muitas vezes chato, mas que escreve divinamente. Até fiz uma seleta dele, que deve ter vendido uns 600 exemplares, para a Nova Fronteira, porque eu queria partilhar a beleza da prosa do padre. Por causa disso é que talvez tenha de lutar contra os advérbios. Hoje já não tanto, foi uma doença juvenil. Mas advérbio é uma peste. Muitas vezes, tira inteiramente a precisão ou a contundência, paradoxalmente. Ele, que talvez venha para adicionar precisão, adiciona mais conotações e torna a coisa descrita mais nebulosa, e não mais precisa. No começo, quando muito jovem, era o rei do advérbio. Mas depois comeci a prestar atenção e aí dei pra captar os advérbios. De vez em quando tenho umas recaídas, até hoje. Mas eu os seguro. O que não seguro muito ainda são outros, perigosíssimos, os adjetivos. Mas minha prosa não é enxuta mesmo, não aspiro fazer uma prosa enxuta. Minha prosa é meio gordurosinha, meio convoluta. E assim mesmo caio de faca no adjetivo. Muitas vezes, acabo um texto e meto a faca nos adjetivos. Daí, tomo medidas para conter meu instinto natural, que é sair fazendo fios narrativos, assim como aquelas codas que não acabam mais dos compositores barrocos, aquelas convolutas das esculturas barrocas. Acho que meu estilo é contaminado por esse ambiente visual, auditivo e literário. Então, tenho realmente que me policiar. Não é uma escolha consciente, não, é um jeito mesmo. É uma questão estilística.

• **O sr. é hoje um dos principais cronistas brasileiros com a publicação semanal de textos n’*O Estado de S. Paulo* e no *Globo*. Do que podemos nos orgulhar atualmente e o que é motivo de vergonha para o país?**

Oh, meu Deus. Eu vou me reservar. Vou pedir a vocês pra não responder essa pergunta, porque isso é tema para um livro. Vivo escrevendo sobre isso e, dando esta entrevista, estou quase como que desfrutando de uma espécie de folguinha. Estou de bom humor, não quero ficar à beira da apoplexia, não quero começar a fazer conferência. Enfim, vou pedir dispensa dessa e remeter as pessoas mais interessadas nisso às minhas crônicas no *Estado* e no *Globo*.

• **De que maneira o sr. observa a questão da formação dos leitores no Brasil? O sr. acredita que o quadro tem melhorado de uns anos para cá ou os números oficiais são apenas números e não refletem o interesse do leitor pela literatura?**

No Brasil não há interesse pela leitura. Não há interesse no fomento da leitura. A situação da leitura no Brasil é calamitosa. Claro que generalizo quando falo isso, mas não há como não generalizar numa entrevista deste tipo. E está ficando cada vez pior, com as desculpas cada vez mais esfarrapadas. A verdade é que existem inúmeras razões para não lermos, mas a menos importante delas é a mais alegada, a de que os livros são muito caros. É verdade que, de um modo geral, os livros são muito caros, embora livro seja caro em toda a parte, com exceção dos países onde eles são subsidiados. O que não é o caso do Brasil. Aqui se cobram impostos, não se facilita a vida da produção editorial. Agora, também tem o seguinte, quando um editor vende três mil ou quatro mil exemplares de um romance, ele manda rezar uma missa de ação de graças. Mas não é incomum que um CD ou uma caixa de CD chegue à casa dos, sei lá, cem mil, trezentos mil, um milhão de exemplares. Não estou por dentro disso, mas vejo falar toda hora em disco de platina, disco de ouro, disco de não sei o quê. Ou seja, o sujeito não compra um CD só por mês, mas o viciado em CD compra vários. Além disso, tem que investir numa pequena infra-estrutura qualquer, porque pra ouvir o CD precisa de um aparelho de som. Mas o livro exige, no máximo, um par de óculos. Então, as pessoas não gostam de ler. Não foram habituadas a ler. Sei lá se o que vou dizer é universal ou se é de tão grande importância assim, mas eu teria terror de ler como vejo em certos livros de textos ou em certas práticas escolares. Terror de ler se fosse pra responder aquelas perguntas horríveis que vêm no fim do livro. Já pensou que tensão é você, em vez de se divertir lendo um livro, em vez de mergulhar na leitura, em vez de se entreter, em vez de se envolver com o livro de qualquer forma, ficar tenso querendo responder, depois, no fim, se aquilo se insere no contexto da pós-modernização do caralho a quatro?! Quer dizer, é um horror. As pessoas encaram o livro como um patologista encara um cadáver. Não se pode gostar de ler assim. Então, é um país onde não se lê. Os que tiveram oportunidade, não precisa ir muito longe, e foram até Buenos Aires, viram que é cheio de livrarias, gente lendo no metrô, gente lendo em toda parte. Há hábito de leitura. Mas aqui não há. Não se incentiva a leitura. Nem os próprios jornais incentivam a leitura. Os próprios jornais dedicam muito mais espaço a musiquetas e piruetas de todo tipo. Qualquer movimento musical que surja numa esquina de dois becos na Bahia e que bote nome afro-baiano e com um inglesinho no meio no conjunto, merece logo o ensaio de um entendido qualquer pra tratar do “afroreggae não sei das quantas”. Enfim, há equívocos.

• **E de que maneira deu-se a sua formação como leitor?**

Minha formação de leitor se deu de nascença. Meu pai tinha livro pela casa toda. Isso está contado dezenas de vezes. Se vocês puderem pegar a revista que o Instituto Moreira Salles publicou, lá tem esse material todo. Eu vivia no meio de livros. E fui lendo. Aprendi a ler em um dia. Já sabia ler, mais ou menos, de tanto ficar futucando a livrerada lá de casa. Tinha livro até na cozinha, livro no banheiro. Caía estante pela casa. Então, o livro pra mim era parte da vida. Isso não é pra me gabar, não, mas é pra mostrar o caos que era, e meu pai não fazia restrição nenhuma, a não ser algumas especiais, que eu já contei também em livro. Se vocês tiverem acesso ao *Brasileiro em Berlim*, vejam a última crônica, *Memória de livros*. Lá tem tudo, eu conto tudo.

• **Que importância tem (ou pode ter) a literatura na vida cotidiana das pessoas?**

A literatura tem importância como qualquer outra forma de conhecimento tem importância. A literatura, sendo uma arte, é uma forma de conhecer, ou seja, de perceber a realidade e de expressar essa percepção. No caso da literatura, isso é feito com a linguagem, aquele instrumento básico de relacionamento entre as pessoas. Então, é importante que as pessoas, através da literatura, não só aprendam novas maneiras de ver o mundo, mas compreendam sua existência. Aliás, adotar novos comportamentos é o menos importante, quer dizer, fazer o livro pra procurar adeptos não é o caso. Agora, num livro, a prosa expositiva conta, a prosa narrativa mostra. A prosa narrativa não costuma contar tanto quanto a prosa expositiva. A prosa narrativa mostra — e é através do que ela mostra que ela abre o horizonte das pessoas. E através do uso das palavras ela também abre horizontes, pode aprimorar a percepção do leitor, a capacidade de expressão do leitor. E isso é um jogo de idas e voltas, tem efeitos sinestésicos. Enfim, deve-se ler porque é burrice não ler. Deve-se ler porque alguma estatística aí deve apontar que quem não lê é, em última análise, mais burro. Não diria menos esperto, mas é mais burro do que quem não lê. E desfruta menos da vida, acho eu.

• **O sr. acredita que as telenovelas efetivamente conseguiram substituir um papel que seria dos romances no que se refere ao imaginário e à galeria de personagens?**

Acho que não, são coisas diversas. A telenovela é próxima da linguagem cinematográfica. A linguagem literária tem, nas suas limitações, os seus privilégios. Por exemplo, a linguagem literária fornece pouco mais do que símbolos postos numa pasta, símbolos estes que se destinam a reproduzir rudimentarmente a riqueza da palavra falada. E que desenvolveram seus próprios rituais, esses símbolos. Tais como pontuação, ordenação, etc. de pensamentos, e assim por diante. É um barato geral a leitura. E exige uma participação muito grande do leitor, o que talvez também seja um obstáculo da leitura, a preguiça que é gerada. Porque o cinema, as artes audiovisuais fornecem o som, fornecem imagem, fornecem tudo. A literatura só fornece as palavras, o resto é com o leitor. Então, a fraqueza da literatura, que é de dispor de poucos instrumentos para expressar o que quer expressar, é, ao mesmo tempo, sua força, porque tem que ser bom para poder não repetir a mesma coisa, ir lá e, dispondo de um elenco tão pequeno, fazer esse elenco dar uma demonstração magistral de expressividade e eloquência. Acho que não tem nada que substitua um livro. Não tem nada que substitua um poema, o momento sozinho da descoberta, que se tem junto ao autor, seja ele favorito ou não. Pode se ter um momento de epifania lendo um poema ou um trecho de ficção ou de boa prosa. Esse momento de epifania, não partilhado por ninguém, acho que ele é o grande privilégio da literatura. Mas não sei, posso também estar puxando brasa pra minha sardinha.

• **Como leitor, o sr. observa alguma relação entre a literatura atualmente produzida no Brasil e o cidadão brasileiro deste século?**

Não. Não vejo não. Acho essa pergunta meio difícil de responder.

• **O sr. finaliza a sua *Autobiografia* no *Jornal de Letras* dizendo que “deverei morrer, se tudo correr bem, dentro de no máximo uns 20 anos. Antes disso, sei, como talvez já tenha ficado, um pré-defunto chato e reacionário, de difícil convivência e rarefeita civilidade”. É, no mínimo, uma avaliação bastante crítica de si mesmo. O sr. realmente se considera este “monstro” anti-social?**

Pois é, tenho 67 anos. E 87 é ano pra cacete, pra quem bebeu como eu bebi. Enfim, não levei exatamente uma existência regrada; até hoje fumo, por exemplo. Então, acho que 87 é até otimismo, não é não? Bom, estou fazendo um pouco de brincadeira com isso. Como diziam os portugueses, “tem que fazer um pouco de piada com isso”. Mas não acho impossível, não. Talvez já esteja ficando um pré-defunto chato e reacionário, de difícil convivência e rarefeita civilidade. Hoje, não observo o senso de conveniência que costumava observar. Já procuro olhar criticamente certas coisas que eu fazia de maneira automática. Olho e digo assim: “Por que vou fazer assim?”. Não há nada escrito proibindo, não existe nenhum mandamento proibindo tal ou qual comportamento. E, às vezes, realmente tenho um comportamento muito pouco convencional.

• **Que conselho o sr. daria a um jovem escritor que deseja dedicar-se à literatura?**

Conselho infalível, claro, não tem. Convém que esse que queira dedicar-se à literatura vá munido de muita esperança e pouca expectativa, para não se desiludir demais. Vá crente de que não é mole. Que ninguém estoura. Que o único lugar onde o sucesso vem antes de trabalho é no dicionário, a não ser com as habituais exceções. Tem que se ter uma teimosia terrível. Tem que ter talento ou a coragem necessária para, um belo dia, se for o caso, perceber que não tem talento. Agora, quem tem talento para escrever, não tem o que temer. Ele vai e escreve, vai e escreve, vai e escreve — e um dia aquilo sai. Isso eu tenho certeza. Agora, a teimosia e a persistência são fatores indispensáveis. E acrescentaria, embora não saiba bem o que estou acrescentando, mas estou repetindo o meu amigo querido e homem sábio, Jorge Amado, que era ateu e não acreditava no sobrenatural, e que, misteriosamente, dizia: “— E também um pouco de sorte, viu compadre?”. E também um pouco de sorte, que eu não sei bem o que quer dizer, mas que desejo a todos, inclusive pra vocês, cuja atenção tão generosa acabo de merecer. Até logo. Felicidades. ☛



**CAIXA  
CULTURAL**

apresenta

# PROGRAMAÇÃO OUTUBRO

## RIO DE JANEIRO

Av. Almirante Barroso, 25 – Centro  
Tels.: (21) 2544 4080/1099/7666

### EXPOSIÇÃO

#### Pierre Mendell – Cartazes

De 29 de setembro a 9 de novembro de 2008  
Terça a sábado, das 10h às 22h  
Domingo, das 10h às 21h  
Classificação: Livre  
Galeria 1

### TEATRO

#### Nem Tudo é Verdade

Até 21 de setembro de 2008  
Verificar classificação e horário  
Ingressos: R\$ 4,00 (inteira), R\$ 2,00 (meia)  
e R\$ 10,00 (passaporte para oito sessões)  
Cinemas 1 e 2

#### Contando Machado de Assis

Com José Mauro Brant. Direção de Antonio Gilberto.  
Até 28 de setembro de 2008  
Quarta a domingo, às 19h30  
Classificação: 10 anos  
Ingressos: R\$ 15,00 (inteira) e R\$ 7,50 (meia)  
Teatro de Arena

#### Meu Prazer – Márcia Milhazes

De 18 a 28 de setembro de 2008  
Quinta a domingo, às 19h  
Classificação: Livre  
Ingressos: R\$ 10,00 (inteira) e R\$ 5,00 (meia)  
Teatro Nelson Rodrigues

## SALVADOR

Rua Carlos Gomes, 57 – Centro  
Tel.: (71) 3322 0228

### EXPOSIÇÃO

#### Tudo o que a Gente Vê ou Toca Tem História pro Contar

Até 19 de outubro de 2008  
Galeria Mirante

Palestra  
Sobre textos e têxteis  
Dia 8 de outubro de 2008, das 19h às 21h, 40 vagas

Sessões de Histórias  
Terça a sexta para escolas e grupos  
Agendamento: (71) 3322 0958  
Fins de semana com retirada de senhas 30min antes,  
lugares limitados

#### Diário de Bordo – Uma Viagem com Leonilson

De 7 de outubro a 16 de novembro de 2008  
Galeria do Pátio

## BRASÍLIA

SBS Quadra 4, Lotes 3/4  
Anexo do Edifício Matrix da CAIXA  
Tels.: (61) 3206 9450/9448

### MÚSICA

#### Samba na CAIXA, Dinheiro no Samba, com Nei Lopes

De 16 a 19 de outubro de 2008  
Quinta a sábado, às 20h30  
Domingo, às 19h  
Classificação: 14 anos  
Ingressos: R\$ 20,00 (inteira) e R\$ 10,00 (meia)  
Teatro da CAIXA Cultural

#### Tom Zé e Banda Danc-Êh-Sá

De 24 a 26 de outubro de 2008  
Sexta e sábado, às 20h30  
Domingo, às 19h  
Classificação: 14 anos  
Ingressos: R\$ 20,00 (inteira) e R\$ 10,00 (meia)  
Teatro da CAIXA Cultural

### EXPOSIÇÃO

#### Pintura por Metro – Bororo

Abertura: 6 de outubro de 2008  
De 7 de outubro a 9 de novembro de 2008  
Galeria Vitrine

#### Brasília Teimosa

Abertura: 14 de outubro de 2008  
De 15 de outubro a 23 de novembro de 2008  
Parte da Galeria Principal

#### Franz Weissmann

Abertura: 16 de outubro de 2008  
De 17 de outubro a 23 de novembro de 2008  
Galeria Principal

## CURITIBA

Rua Conselheiro Laurindo, 280 – Centro  
Tels.: (41) 2118 5232/5111

### TEATRO

#### Paraladibom

Dias 18 e 19 de outubro de 2008  
Sábado e domingo, às 16h  
Classificação: Livre  
Teatro da CAIXA Cultural

#### 121.023J

De 23 a 26 de outubro de 2008  
Quinta a sábado, às 21h  
Domingo, às 19h  
Classificação: 12 anos  
Teatro da CAIXA Cultural

## SÃO PAULO

Praça de Sé, 111 – Centro  
Tel.: (11) 3321 4400

### EXPOSIÇÃO

#### Amado Jorge Amado – Coletânea de Diversos Artistas

De 22 de agosto a 12 de outubro 2008  
Terça a sábado, das 9h às 21h  
Classificação: Livre  
Galeria Humberto Betetto

### MÚSICA

#### Show de Jazz – Mostra o Jazz Brasil

De 5 de agosto a 11 de novembro de 2008  
Terças alternadas, às 19h  
Classificação: Livre  
Grande Salão

5/8 Célio Barros  
19/8 Ubaldo Versolato  
2/9 Martini e Valdo Andrade  
16/9 Marcos Pontes (Caixote)  
30/9 Marcel Powell  
14/10 Luca Bulgarini  
28/10 Arlen Ribeiro  
11/11 André Mehmarí

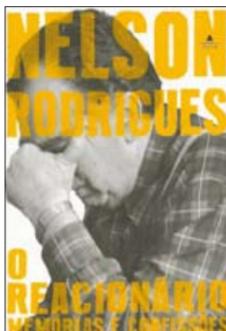
Acesse o site [caixacultural.com.br](http://caixacultural.com.br)  
e conheça a programação completa.



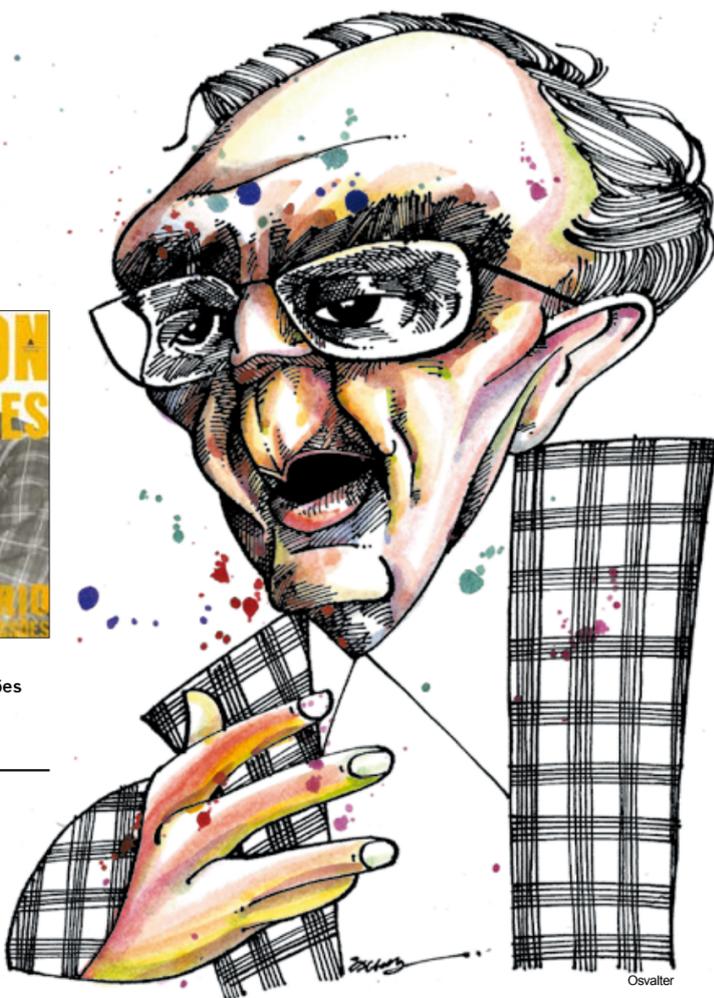
RODRIGO GURGEL • SÃO PAULO – SP

# TRAGÉDIA, obsessão e liberdade

As crônicas de **NELSON RODRIGUES** são líricas, dramáticas, histriônicas, corrosivas e, algumas vezes, meigas



O reacionário —  
memórias e confissões  
Nelson Rodrigues  
Agir  
725 págs.



Osvalter

ça que, inerente ao homem, o condena à fragilidade. “Na hora de morrer, e quando sabe que está morrendo — o homem tem um olhar súplice e insuportável de criança batida. Não, não, um olhar de contínuo. Sempre imagino que o arquiduque austríaco, com os intestinos de fora, morreu como o último dos contínuos”, diz Nelson Rodrigues.

A experiência da tragédia não se resume, no entanto, às mortes familiares. A tuberculose também se encarregou de moldar a forma de Nelson ver a existência. Os meses que viveu em contato íntimo com a morte — ouvindo as tosses que se repetiam noite adentro, compartilhando as frustrações de um tratamento que em nada se assemelha aos métodos da medicina contemporânea, podendo testemunhar a decadência física e moral dos companheiros de enfermagem — estão relatados em inúmeras crônicas. Mas *A casa dos mortos* guarda elementos peculiares: há nesse texto a síntese da técnica rodriguiana. O começo despretensioso engana o leitor. Segundos depois, percebemos que adentramos um túnel povoado de lembranças infelizes. Então, talvez desejando nos despistar mais uma vez, Nelson torna-se tragicômico. Mas há um tom grotesco que sibila por trás da narrativa, como se a tragédia não aceitasse ser destronada pela comédia. Até que, três parágrafos antes do fim, a primeira vence, qualquer possibilidade de riso desaparece, e a derrota humana surge na sua forma mais abjeta: espelhando-se na derrota animal. O escritor se lembraria para sempre daquele primeiro período em que lutou contra a doença, em Campos de Jordão: “No Sanatorinho, aprendi a olhar no fundo da nossa brutal e indefesa fragilidade. Ninguém é forte”.

Igualmente trágica é a sinceridade de Nelson. Seus relatos sobre como pedia aos colegas para que escrevessem elogiando suas peças, ou a confissão de ter escrito artigos furiosos contra o crítico Álvaro Lins, que repugnara *Álbum de família*, mas assinando-os, pusilânime, com os nomes dos amigos, colocam-no na condição do herói que busca purgar a própria culpa. Herói solitário, cujo isolamento ganha uma dolorosa concreção no contraponto da crônica *O autor sem apoteose*: de um lado, a fama, o sucesso brilhando nas “cintilações delirantes do lustre do Municipal”; de outro, a fria realidade do bife com fritas, na solidão depois da primeira apresentação de *Vestido de noiva*.

## As coisas ditas uma vez

O estilo de Nelson Rodrigues é uma prova de que os manuais nem sempre estão certos. Ele caminha, por exemplo, na contramão do ideário poundiano, incansavelmente disseminalado no Brasil, e não se preocupa em condensar a mensagem num mínimo pouco

afirmativa: “saía da redação como uma estátua que volta ao seu monumento”. “No centro de Londres, com um sol de rachar catedrais”, um amigo vê “um inglês, de casaca e cartola, deslizando como um cisne”. Os suspensórios que trazem desenhos de vaquinhas, carneirinhos, etc., são definidos como “um presépio liliputiano”. E falando de si próprio, ele diz, “eu era pequenino e cabeçudo como um anão de Velásquez”.

Somemos essa linguagem aos personagens recorrentes — o milionário paulista, a estagiária de calcanhar sujo, o padre e a freira de passeata, etc. —, aos temas que ele ataca de maneira obsessiva — Nelson confessaria: “eu sou uma flor de obsessão”<sup>3</sup> —, e teremos um todo multifacetado e coerente, centenas de crônicas que, enfiadas, poderiam ser um vasto romance, o grande romance brasileiro, o panorama de uma época. E não nos enganemos: tudo é intencional nessa obra. O próprio Nelson nos diz: “Aprendi que as coisas ditas uma vez e só uma vez, morrem inéditas”.

Rei dos oximoros, Nelson também é o cultor por excelência das contradições. Moralista ao estilo de La Rochefoucauld, ele pode desacreditar dos homens e, ao mesmo tempo, endeusar aqueles que escolhe. Defende o amor eterno, o amor predestinado de almas supostamente gêmeas, mas também afirma que “sem um mínimo de morbidez, ninguém consegue gostar de ninguém. O amor ou é puro desejo ou, menos do que isso, a posse sem desejo”. Em *A mulher da gargalhada*, faz um estudo antropológico sobre a decadência da civilidade e do pudor, mas páginas depois se deixa arrebatado por alguma vulgaridade, estarrecendo seus leitores, que não sabem quanto do seu discurso é puro sarcasmo. Na crônica *O milionário não sabe comer*, revela-se um refinado psicólogo social, mas nega-se a aceitar ou compreender os movimentos sociais que se opõem à ditadura, a chamada “opinião pública”, para ele, “uma doente mental”.

## Vaticínios

Carlos Heitor Cony acertou em grande parte do que escreveu no prefácio que abre *O reacionário — memórias e confissões*, mas erra ao dizer que “as crônicas de Nelson são datadas”.

Na verdade, Nelson Rodrigues foi profético. Se as críticas que fazia aos regimes comunistas, entre as décadas de 1960 e 70, pareciam reacionárias, o tempo as transformou em peças de clarividência e sensatez. Não é magnífico ler essas crônicas e ver as tolices que já foram escritas neste país? Imaginem Alceu de Amoroso Lima defendendo a Revolução Cultural chinesa. Devia provocar orgasmos na esquerda de 1971. Mas, hoje, quem se atreveria a tal disparate, a não ser — outro adorado personagem de Nelson — o eterno “débil mental por simples pose ideológica”?

Fiel às suas contradições, Nelson Rodrigues, censurado diversas vezes, tripudia sobre a esquerda em nome da liberdade — “Eu sou um homem que põe a liberdade acima do pão”, ele diz —, e, vivendo sob a ditadura militar, chega a tecer elogios ao general-presidente Garrastazu Médici. Mas ninguém pode acusá-lo de ser tímido ou hipócrita. Ele jamais teceu um discurso melífluo, que se autodesculpa a cada parágrafo ou faz contorcionismos retóricos para edulcorar o que deseja dizer e, assim, agradar igrejinhas, manter-se amigo de todos. A seu modo, permaneceu coerente até o fim, ironizando os que defendiam “a marcha irreversível para o socialismo”: “Acho admirável a simplicidade com que o mestre [Alceu Amoroso Lima] administra a História, sem dar satisfações a ninguém, e muito menos à própria História. Não lhe faria mal um pouco mais de modéstia”.

Hoje, quando as utopias mostraram-se falsas e inexistíveis, quando o pensamento anti-histórico foi derrotado, a arte de Nelson Rodrigues permanece atual e incólume. E se, como ele bem anteviu, a “ascensão dos idiotas” prossegue, voltar à sua obra representa — neste império de filisteus — um exercício de prazer e lucidez. ♣

## Notas

<sup>1</sup> *Vianinha — teatro, televisão, política* (artigos, entrevistas e textos inéditos). Seleção, organização e notas de Fernando Peixoto, 2ª edição, Editora Brasiliense, SP, 1983.

<sup>2</sup> *A trilogia tebana*. Sófocles, 2ª edição, tradução de Mário da Gama Kury, Jorge Zahar Editor, RJ, 1990.

<sup>3</sup> “Eu sou um ex-covarde (Nelson Rodrigues)”, in *20 perfis e uma entrevista*. Luiz Fernando Mercadante, Editora Siciliano, SP, 1994.

## o autor

Falecido em 21 de dezembro de 1980, **NELSON RODRIGUES** é o fundador da moderna dramaturgia brasileira. Com a vida marcada por várias tragédias familiares, soube explorar em suas peças, crônicas, contos e romances o cotidiano do subúrbio carioca, tornando-se, dentre outros méritos, um mestre dos diálogos, que ele impregnava de ironia, humor e força dramática. Nasceu no Recife, em 23 de agosto de 1912, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde o pai tentaria a vida como jornalista. Aos 13 anos já era repórter policial do jornal *A Crítica* — e durante sua vida trabalhou em todos os grandes jornais cariocas. É autor, entre outros, de **O casamento**, **Meu destino é pecar**, **O homem proibido**, **Asfalto selvagem**.

## trecho • O reacionário

Não sei se escrevi que eu tinha quinze anos quando Roberto morreu. Engano, engano. Nasci em 1912, em agosto de 1912. Portanto, em dezembro de 1929 já completara dezessete anos. Dezessete e não quinze. Eis o que eu queria confessar: — o que me dá um certo pânico do adolescente é a minha própria adolescência. Eu fora um menino tenso, patético e repito: — um menino que vivia de paroxismo em paroxismo. (da crônica **Memória nº 24**)

inteligível de palavras, como as novíssimas gerações gostam de fazer. Ao contrário, sua adjetivação desconhece barragens e os superlativos são usados sem pudor.

A composição de sua frase ganha, assim, uma potência que reanima os substantivos; e suas metáforas, ainda que paguem, algumas vezes, o preço da grandiloquência, guardam certa brutalidade, certa carga muitas vezes quase indecorosa, que coloca a língua em um surpreendente patamar. A psicanálise é a “jóia da ociosidade”, a “flor do lazer”. Um amigo “tinha a tal voz fininha de criança que baixa em centro espirita”. Ao falar de sua própria ingenuidade, trata-a como “crassa e espessa”. Há “homens fluviais”, aqueles que fertilizam várias gerações com suas idéias. E há também as “verdades totais”, o “extrovertido ululante” (“ululante” é um dos seus qualificativos prediletos), a “polidez hedonista”. A dignidade de Quintino Bocaiuva torna-se incontestável diante da

# No devido lugar

ÁLVARO ALVES DE FARIA • SÃO PAULO – SP

Sobre a produção poética de Machado de Assis, Manuel Bandeira escreveu que o poeta competia com o romancista e que o romancista competia com o poeta. Por esse motivo, a poesia de Machado ficou num segundo plano em sua vida e em sua obra. Bandeira escreveu certo. A poesia machadiana pouco é lembrada, embora o autor seja considerado por muitos o maior escritor brasileiro de todos os tempos.

O crítico norte-americano Harold Bloom, por exemplo, coloca Machado de Assis ao lado de Shakespeare, Dante e Cervantes. Mas a poesia de Machado de Assis está distante de toda essa louvação. Uma poesia pouco lembrada, como se não tivesse significado nenhum. Ou quase isso.

O poeta Cláudio Murilo Leal organizou o belo volume **Toda poesia de Machado de Assis**, um trabalho merecedor de todos os elogios, já que essa poesia do autor de **Dom Casmurro** é reunida pela primeira vez, com um pequeno ensaio de apresentação que enriquece ainda mais a obra: “Em Machado, o prosador e o poeta se completam numa originalíssima visão do mundo”, diz Cláudio Murilo Leal que defendeu sua tese de doutorado *A poesia de Machado de Assis* na Academia Brasileira de Letras.

O livro mostra a trajetória do poeta Machado de Assis. E aqui é preciso esquecer o ficcionista que Bloom considera o maior escritor afro-descendente de todos os tempos no mundo. Aqui, o leitor percorrerá o universo poético de um escritor que soube, sempre, lidar com as palavras em romances e contos que enobrecem a literatura de um país que, também na área da literatura, costuma não respeitar ninguém. E fazer esse percurso pela poesia de Machado de Assis representa uma viagem de visões poéticas que revelam uma outra face do escritor, um mergulho numa obra praticamente desconhecida. O que se conhece de Machado são alguns poemas. Só alguns poemas que se tornaram famosos isoladamente.

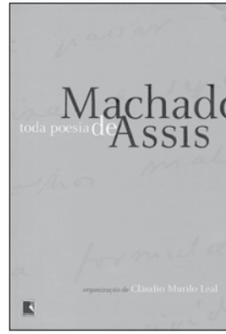
Muitos dos poemas de Machado lembram, de alguma maneira, a linguagem de Augusto dos Anjos, o único poeta brasileiro universal, numa narrativa poética de tons quase sempre sombrios. Este livro resgata esses poemas, uma obra inteira resgatada, já que a poesia de Machado de Assis parecia estar condenada ao completo esquecimento, coisa comum neste país. Livros assim podem evitar esse ato criminoso.

## Longe de ser bissexto

Cláudio Murilo Leal, que organizou o volume, lembra que alguns autores consagrados chegaram a afirmar que um ficcionista dificilmente conseguiria elevar-se à categoria de bom poeta. Observa que Machado não pode ser considerado um poeta bissexto, já que produziu ao longo da vida uma obra poética relevante. Murilo Leal assinala que a carreira literária de Machado de Assis foi marcada por uma constante dedicação à poesia. Nesse ponto, lembra a estréia do escritor na imprensa, em 1854, até o último e famoso soneto *Carolina*, publicado em 1906, no livro **Relíquias da casa velha**.

O pequeno ensaio (refiro-me à sua extensão) de Cláudio Murilo Leal é um texto competente que situa bem a figura de Machado de Assis como poeta que, em vida, publicou quatro livros de poesia, **Crisálidas** (1864), **Falenas** (1870), **Americanas** (1875) e **Poesias completas** (1901). “Como artifice da palavra, Machado de Assis caracterizou-se pelo bom gosto e pela lucidez com que pacientemente lapidou seus versos e pela reciclagem de temas universais e eternos”, diz Cláudio Murilo Leal, observando, corretamente, que Machado, como quase todos os poetas, iniciou sua obra poética pela via lírica, “gênero que não cerceia a espontaneidade nem as abstrações do devaneio”. Isso é discutível, mas não cabe qualquer discussão aqui.

Resumindo, de acordo com Cláudio Murilo Leal: “Uma metódica formação autodidata aliada a um exigente apuro da técnica poética fizeram de Machado de Assis um artista erudito e consciente de seu ofício, que soube recriar as melhores lições dos mestres do passado”.



Toda poesia de Machado de Assis  
Org. Cláudio Murilo Leal  
Record  
756 págs.

Livro organizado por Cláudio Murilo Leal resgata a importância de MACHADO DE ASSIS como poeta

A exemplo dos poetas de sua época, Machado de Assis produziu uma obra que merece, sim, destaque nesse cenário, até mesmo pela construção de seus poemas, uma elaboração perfeita que então se exigia em relação à métrica dos versos, as rimas, a colocação das palavras, à própria elaboração do poema. Em *A missão do poeta*, Machado revela o que tinha por poesia, sendo ele um poeta, ao falar com a musa inspiradora. São versos até mesmo dolorosos de alguém que vê o mundo e a própria vida em completo desencantamento. E nesse cenário, a musa diz ao poeta ser preciso erguer-se e cantar: “Vem, é tua missão!...Ergue-te e canta!”.

## Zelo poético

O que não se sabe é se, de fato, o ficcionista Machado de Assis anulou o poeta Machado de Assis, como alertou Manuel Bandeira. A poesia do escritor está, mesmo, num segundo plano em sua obra. Certamente não em sua vida, já que escreveu muita poesia e não se dedica tanto à poesia, se essa poesia não existir no universo literário e existencial de qualquer autor. Mas no caso de Machado de Assis é diferente: a obra do ficcionista passou por cima da obra do poeta que ele, inegavelmente, foi. E disso dá provas em poemas de construção perfeita, em temas tratados com esmero, com o zelo poético de quem conhece o ofício.

O livro organizado por Cláudio Murilo Leal é um documento literário brasileiro. Mostra que Machado de Assis não é um poeta de um poema só, no caso, o soneto famoso *Carolina*, dedicado a sua esposa, com quem viveu 35 anos e que morreu em 1904. Para o organizador deste volume, o soneto é considerado “a mais comovente pedra de toque da obra poética de Machado de Assis”.

Tem razão. E essa comoção envolve o significado da morte da mulher que Machado confessou ter sido a melhor parte de sua vida. E foi. Tanto que a partir da morte de Carolina Augusta Xavier de Novaes, que era portuguesa, Machado de Assis também inicia o declínio de sua vida.

Enfim, um livro que representa o resgate de uma obra poética praticamente esquecida de um autor que fez de tudo em literatura, sendo que a ele é atribuída a invenção da crônica. Foi jornalista, contista, romancista, dramaturgo, crítico, ensaísta. Fez de tudo. E também fez poesia. Muita poesia. Uma poesia que não tem a repercussão de sua obra em prosa, mas que mereceu de seu autor, o poeta Machado de Assis, uma atenção especial. Basta ver a estrutura dos poemas que escreveu. Significa que Machado de Assis foi, sim, poeta. E não foi um poeta bissexto, como bem lembra Cláudio Murilo Leal. O ficcionista, no entanto, é mais visível. É injusto que seja assim. ♣

## RODAPÉ

Rinaldo de Fernandes

# Machado impiedoso

Machado de Assis, cujo centenário de morte é agora em 2008, é para muitos o melhor escritor brasileiro de todos os tempos. É o nosso grande mestre do realismo. Ele soube retratar, como ninguém, as tensões sociais e de classe do seu tempo; soube interpretar magistralmente o Brasil da segunda metade do século 19, que transitava do Segundo Império para a Primeira República. Nossa elite aspirava à modernidade européia, tendo como base idéias como as do positivismo, do republicanismo, etc., mas, na prática, mantinha relações seculares, calcadas na relação senhor e escravo. Como uma sociedade pode ser moderna, pode aspirar à “emancipação coletiva”, uma das promessas do positivismo, se mantém em suas bases modos arcaicos de produção e interação? Machado denuncia a violência da escravidão, por exemplo, em contos como *Pai contra mãe* e *O caso da vara*. Para mim, dois textos decisivos, irretocáveis no retrato dessa instituição que, em nosso país, perdurou muito tempo. Além disso, Machado é um caso extraordinário, de autor da chamada periferia (dos países ocidentais) que se eleva a gênio. Ele desperta interesse e é atual pela absoluta genialidade em investigar a alma humana, em entender os mecanismos de ambigüidade dos seres, quase sempre divididos entre o prestígio e o prazer, quase sempre interessados em si mesmos. Machado se utilizou da ironia como o recurso mais apropriado para o material humano e social que estava retratando. E tornou-se, em nossa literatura, um mestre insuperável do romance e do conto, sobretudo.

**Memórias póstumas de Brás Cubas** antecipa aspectos fundamentais da estrutura do romance do século 20. É uma narrativa não-linear, que rompe com o modelo consagrado pelo realismo. **Dom Casmurro** traz a paradigmática personagem Capitu, cuja suposta traição a Bentinho ainda hoje é debatida. O ponto de vista do livro — o de Bentinho — permite uma ambigüidade de base, pois estamos lendo o relato de um ciumento que se admite traído e que vai nos dando pistas, não inteiramente aceitáveis, da traição da mulher. Mas se Capitu traiu ou não Bentinho é um aspecto que diz respeito à própria concepção romanesca de Machado, ou seja, a capacidade que ele teve de tecer esse narrador extraordinário que é o Bentinho,

cheio de incertezas, e que tenta o tempo todo convencer o leitor do “delito” da mulher. Tudo o que é dito sobre Capitu, é bom repor, decorre do ângulo adotado por Bentinho. O leitor, assim, antes de desconfiar de Capitu deve primeiro desconfiar do próprio Bentinho. Portanto, **Dom Casmurro** é um romance que traz na sua estrutura profunda uma forte carga irônica. Não é irônico você gerar incertezas e dúvidas sobre algo que está incerto e duvidoso e falar disso com ar de educado, de civilizado, apostando neste último aspecto como um recurso infalível para seduzir o leitor? Eis o narrador Bentinho. Além de construir a narrativa com astúcia, tentando convencer o leitor da culpa de Capitu — e, por consequência, da inocência dele —, Bentinho narra a história com um certo autoritarismo. Um autoritarismo que já foi decodificado como sendo o da classe dominante brasileira de seu tempo.

Mesmo as figuras femininas dos romances da fase romântica de Machado — **Ressurreição**, **A mão e a luva**, **Helena** e **Iaiá Garcia** — já são flagradas em situações que as tornam ambivalentes, ambíguas em suas escolhas, opções. E a ambigüidade vai se estabelecer, para sempre, como a marca principal dos seres machadianos. A ambigüidade que desvela o interesse, o amor-próprio. Ou “egoísmo universal”, para usar a boa expressão do crítico e professor Alfredo Bosi.

Machado é um autor do passado, do presente e do futuro. Sempre iremos recorrer às suas narrativas, porque elas guardam significados permanentes do homem. Enquanto houver gente na terra, Machado permanecerá. Permanecerá como intérprete impiedoso da natureza humana. O seu desencanto radical, segundo ainda Alfredo Bosi, decorre da desconfiança de que o homem não melhora. Nada o faz melhorar. Isto é terrível, não? Vai de encontro a muita coisa, a muitas ideologias progressistas da modernidade.

Qual o melhor: o romancista ou o contista Machado? Que os dois se igualem, disse eu tenho certeza. Mas às vezes sou levado a crer que o Machado contista supera o Machado romancista. Ocorre que o conto e o romance são gêneros diferentes, de fatura diferente. Não vejo, como podem pensar alguns, o conto machadiano como um exercício para a narrativa mais longa do romance. Além disso,

do ponto de vista da crítica literária, não há gênero superior a outro. Considerar que o conto é um exercício para a escrita do romance é de algum modo considerar o romance um gênero superior ao conto. E não é assim. Às vezes há autor que é um excelente contista, mas que é um romancista apenas mediano. E vice-versa.

*Missão do Galo*, em enquete que realizei em 2006 com dezessete escritores brasileiros, foi escolhido o melhor conto de Machado. De fato, há muita sutileza, muita ambivalência nesse conto. Eu o considero o melhor conto de nossa literatura. Por conter na medida exata aqueles elementos que Julio Cortázar considerou indispensáveis no conto moderno — significação, tensão e intensidade. A história é narrada com muita precisão, sem digressões que retardem indevidamente o desfecho. E o desfecho, como propõe Cortázar quando trata do caráter “significativo” do conto, projeta a nossa inteligência e sensibilidade para além da história narrada. Deixa uma abertura de sentidos que faz desse conto um relato ímpar em nossa literatura. É tão sugestivo, que ainda hoje pensamos nessa conversa cheia de lacunas da casada Conceição com o adolescente Nogueira. Pensamos com uma certa angústia, com um certo desejo de que algo tivesse efetivamente ocorrido entre os dois ali naquela sala. Ou mesmo no quarto...

Machado ou Rosa? Qual o melhor? — perguntaram recentemente. Eis um (péssimo) sintoma da cultura brasileira: o de, aqui e ali, serem postos uns contra os outros grandes nomes de nossa cultura. Assim, indaga-se: Oswald ou Mário? Machado ou Rosa? Rosa ou Clarice? Uma visão que não soma, mas, de algum modo, exclui. Acho os dois importantes, não sei escolher. Mesmo porque um tem coisas que o outro não tem. Machado passa ao largo da inventividade vocabular de Guimarães Rosa. E Rosa, penso, não tem a mesma força irônica de Machado. E os dois, acredito, não são superiores a Graciliano Ramos (se tomarmos **São Bernardo**, por exemplo, como o ponto alto do autor alagoano).

O jovem contista e romancista deve sempre ter em mente a lição machadiana. E ser impiedoso na hora de construir os seus personagens. Impiedade, essa é a grande lição do mestre para o jovem escritor. ♣

## o autor

WALTER MOREIRA SANTOS é dramaturgo e ficcionista, vencedor de diversos prêmios literários. Destacam-se o Prêmio Nacional de Romance Fundação Cultural da Bahia 2000; Casa de Cultura Mario Quintana 2003; Xerox do Brasil 2000; Cidade do Recife 2000; Prêmio Paraná 2002; Itaú Cultural 2003. Publicou os livros *Dentro da chuva amarela*; *O doce blues de Salamandra*; *Helena Gold*; *Um certo rumor de asas*; *Ao longo da curva do rio*, entre outros.

O *ciclista* é obra de autor amadurecido, que simplesmente se nega a falar de um cotidiano comum, marcado por violência explícita e já banalizada.

## trecho • O ciclista

Com o tempo, suas chegadas foram deixando de ser algo assim tão plácido. Aquilo começou a me incomodar. Cada vez com mais frequência começava a chegar bastante mal — e era incrível constatar como os sete anos de diferença me faziam muito, muito mais velho, quase um pai — e eu tinha que arrastá-lo até o banheiro (angustiado ante a possibilidade de minha mulher presenciar aquilo), lavar a bôla de sua boca, tirar-lhe a roupa [...]

# Longe do banal, um inovador

O *CICLISTA* traduz as angústias de uma geração espremida entre o cosmopolitismo e um sentido para a vida

MAURÍCIO MELO JÚNIOR • BRASÍLIA – DF

Como buscar a renovação na narrativa brasileira?

As tentativas, com os naturais acertos e equívocos, estão vindo de toda parte. A temática, com cores urbanas e urgências agônicas, vem se repetindo, se tornando recorrente e cansativa. A linguagem, muitas vezes empobrecida e datada por gírias e frases excessivamente vulgares, perde a função instigadora e se repete frivolidamente. Os personagens se apresentam chapados, carentes de alma.

Como encontrar renovação nesse panorama franciscano, quase chinfrim? Continua martelando a pergunta.

Aqui e ali surge algo realmente novo, onde a elaboração narrativa e até lingüística não aparece como exigência de uma suposta vanguarda, mas como pressuposto da narrativa. É a criatividade penetrando na trama que pede muito mais que apenas uma descrição linear, regular. Este é o caso do romance *O ciclista*, de Walther Moreira Santos.

Inicialmente o texto, em sua abertura, desanima o leitor mais atento. “então chego a Bariloche (4 horas de voo) e sou recebido pelo vento (oito graus) e branco/azul da paisagem”. A frase inicial, claramente redigida sob a influência de Clarice Lispector, aponta para um livro recheado de recorrências literárias, de inovações já largamente palmilhadas por outros tantos autores. Felizmente, Walther Santos para por aqui e segue sua narrativa

preocupado somente com a intenção primária de construir um romance inovador no ritmo narrativo, um romance que, sobretudo, traduza as angústias de uma geração espremida entre a glamour do cosmopolitismo e a necessidade básica de encontrar pontos de sobrevivência e sentido para a vida.

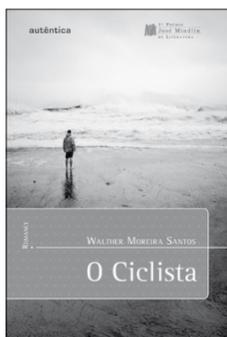
Nessa linha divisória, nessa fronteira de sentimentalidades, caminham os quatro personagens da trama. Edgar Delano, o narrador mais constante, é biólogo e fotógrafo que vive de revisar insistentemente um livro técnico escrito pelo pai que continua sendo adotado pelos colegas. Caio, irmão de Edgar, é modelo internacional e andarilho sem pouso ou sentido. Ceres, mulher de Edgar, paternalista e prática, tem a mira constantemente voltada para sua ascensão social e funcional. O *Ciclista* é a figura mais enigmática de todos. Embora trabalhe, seus desejos se voltam sempre para a necessidade de não parar nunca de caminhar, mesmo que não determine com clareza seus rumos e opções.

Diante de toda inquietação que domina este romance ganhador do 1º. Prêmio José Mindlin de Literatura, não surpreende o depoimento do escritor Antônio Torres, membro da comissão julgadora: “Vivemos

num tempo incômodo, em um mundo que nos causa estranheza — eis aí uma síntese do que Walther Moreira Santos capta em *O ciclista*. Para os membros do júri (...) esta narrativa — original, instigante, com equilíbrio de linguagem e estilo — foi uma grata surpresa”, declara.

Antônio Torres acerta ao falar da estranheza do mundo, pois mais que do nosso, fala mesmo é daquele vivido no romance, daquele universo niilista. O individualismo é tão intenso que se encarrega de destruir tudo ao redor. Isso fica claro na separação entre Ceres e Edgar. Ela deixa a casa sem dizer uma palavra e o marido não faz qualquer protesto. Depois ela volta carregada de culpas e ele continua em seu mutismo defensivo. É como se o existencialismo inquietante que dominou o senhor Meursault, em *O estrangeiro*, de Albert Camus, fosse agora uma regra a ser seguida.

As constantes viagens e a incurável melancolia de Caio ampliam esta indiferença diante de tudo a proporções universais. Com isso, o romance sobrepuja fronteiras e dá ao nosso discurso envolvimento global. Não estamos isolados nesse mundo de tanta indiferença e dor. A bomba que explode no Oriente estilhaça nossas vidraças já sem qualquer isolamento. A prova vem do assassinato de um ciclista no metrô de Londres ou mesmo na mul-



O *ciclista*  
Walther Moreira Santos  
Autêntica  
128 págs.

## PÁSSAROS DE VÔO CURTO

ROMANCE DE

## ALCIONE ARAÚJO



“O Alcione se lançou num romancão como pouco se vê hoje no Brasil, um verdadeiro transatlântico carregado de personagens inesquecíveis, que atravessa a história do século passado (...).”

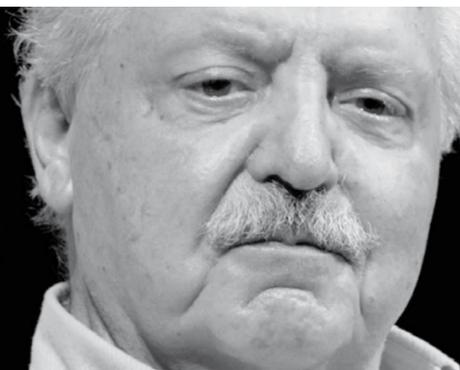
Luis Fernando Veríssimo

“O leitor está diante de romance audacioso e original, onde o controle pelo narrador do percurso da trama foi jogado para escanteio, a fim de se entregar ao variadíssimo número de personagens o direito de pilotar a narrativa.”

Silviano Santiago



Alcione Araújo é vencedor do Prêmio Jabuti 2005 com o livro de crônicas *Urgente é a vida*, e finalista em 1999 com o romance *Nem mesmo todo o oceano*. É cronista do jornal *Estado de Minas*, conferencista, curador, articulista, roteirista e dramaturgo, autor de peças inesquecíveis como *Vagas para moças de fino trato* e *Doce Deleite*, em cartaz atualmente no Rio de Janeiro, entre outras. Sua obra é publicada pela Editora Record.



# salim miguel

No dia 10 de setembro, o Paiol Literário — projeto realizado pelo Rascunho, em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba e o Sesi Paraná — recebeu o escritor e jornalista Salim Miguel. Nascido no Líbano, em 1924, Salim Miguel está radicado no Brasil desde os três anos de idade, quando sua família se estabeleceu em Santa Catarina. Iniciou sua carreira literária nos anos de 1950, tendo publicado cerca de 30 livros. Entre eles, **Nur na escuridão**, **Mare nostrum** e **Areias do tempo**. Numa conversa com o escritor e jornalista José Castello, mediador do encontro, e o público que compareceu ao Teatro Paiol, Salim falou da influência árabe na sua maneira de narrar histórias, lembrou sua experiência como editor da renomada revista *Ficção* nos anos 70, discorreu sobre sua prisão durante a ditadura militar e apontou algumas características de seu processo criativo. Confira abaixo os melhores momentos do bate-papo.

## • O escritor em gestação

A literatura não muda o mundo. Pode mudar o ser humano. Mas ela não me mudou, porque eu pensava em ser escritor já na barriga da minha mãe. Não sei fazer outra coisa a não ser ler e escrever. Sou negado para as coisas práticas. Não sei trocar uma lâmpada. Não sei comprar uma meia. Não sei fazer um cafezinho. Se eu sei — e este “sei” é relativo — alguma coisa, é ler e escrever. Então, o livro não muda o mundo. Pode mudar a cabeça das pessoas. E, se isso ajudar a mudar o mundo, já é importante.

## • Signos mágicos

Comecei a escrever antes de aprender a escrever. Naquela época, fim dos anos 20, começo dos 30, depois das estripulias diárias, a criança se reunia ora na frente da casa de um, ora na frente da casa de outro, e cada um relatava como é que tinha sido o seu dia. As correrias, as brigas. Hoje, nós brigávamos; amanhã, éramos grandes amigos. Então, eu cortava uma folha de papel-embrulho da loja de meu pai, recortava palavras ou letras, juntava alguns rascunhos meus. Linhas na horizontal, na vertical, em círculos. E lia aquilo pra eles. Lia não, porque eu não sabia ler. Inventava que estava lendo. Ali estava surgindo, ao mesmo tempo, o jornalista e o escritor. Então meu pai, me vendo grudado em tudo que era papel impresso, vendo aqueles signos mágicos me fascinarem, me perguntou: “O que pretende fazer na vida?”. Sem titubear, respondi: “Ler e escrever”. Minha mãe, que era uma mulher sensível, disse: “Não vai ser fácil”. E meu pai: “Fácil não vai ser, mas se ele persistir, conseguirá”. Então, uma palavra que me acompanha toda a vida é “persistir”.

## • Dívida com os almanaques

Aos oito anos, encontrei Machado de Assis em um almanaque. Devo muito aos almanaques. Foi *Carolina*, um dos mais belos sonetos da poesia brasileira e, sem dúvida, o melhor de toda a poesia machadiana — pois, cá entre nós, ele não era um grande poeta. Era um grande contista, um grande romancista, um estudioso da nossa literatura e um cronista excelente. Então, aquele foi meu primeiro Machado. Aos 12 anos, voltei a encontrá-lo numa “selecta em prosa e verso”, naquele apólogo sobre a agulha e a linha. A agulha e a linha discutindo qual das duas era mais importante. Isso continua válido até hoje. A agulha abre caminho, mas quem se projeta é a linha. É ela quem vai à festa com a dona do vestido. Mas o primeiro romance que li foi **O tronco do ipê**, de José de Alencar, aos nove anos.

## • Os Acácios de Eça e Alencar

Anos mais tarde, reli **O tronco do ipê**. E me dei conta de uma coisa curiosíssima: no livro, há um conselheiro chamado Acácio. É o mesmo tipo enfatuado que diz as maiores banalidades como se dissesse as maiores coisas do mundo. E, aí, fiquei preocupado. Será que o José de Alencar pegou o Conselheiro Acácio do Eça de Queiroz e o copiou? Então a Eglê [*Malheiros, escritora, mulher de Salim*] e eu consultamos uma enciclopédia e, depois, esse bicho eletrônico que agora nos facilita a vida, mas às vezes nos dá alguns sustos: a internet. O livro de José de Alencar é de 1873. **O primo Basílio**, onde está o Conselheiro Acácio do Eça, é de 1878. Então, a dúvida que fica é a seguinte: será que o Eça tomou conhecimento de **O tronco do ipê**? Deixo isso aos pesquisadores.

## • Velhice

Para falar a verdade, se eu tivesse uma formação acadêmica, gostaria de ter sido crítico e ensaísta. João Cabral dizia a mesma coisa. Mas acho que tive o bom senso de sempre escrever muito e rasgar mais do que publiquei. Rasguei muito mais do que publiquei. Tanto que, para os nossos padrões, pelo menos para os da minha juventude, comecei muito tarde. Passei a infância e a adolescência em Biguaçu — tanto que costume dizer que sou um líbano-biguaçuense — e só comecei a publicar em Florianópolis. Nos anos 40, a capital catarinense tinha quatro jornais. Hoje, só tem um. (...) Ao mesmo tempo em que eu publicava algumas crônicas nos jornais, já começava a escrever o que chamo de “anotações sobre leituras”. De repente, me disse assim: “Já que estou fazendo crônicas — e a crônica é meio caminho para o conto —, por que não chego ao conto?”. Daí, comecei a publicar contos. Meu primeiro livro é de

1951. Chama-se **Velhice e outros contos**, pois sempre me preocupou o tema da velhice, da morte, do tempo e da memória. Devo esse livro ao IBGE. Não ganhei dinheiro trabalhando para o senso demográfico de 1950, mas cinco dos oito contos desse livro, inclusive os três *Velhice* — *Velhice 1*, *Velhice 2* e *Velhice 3* —, resultaram de conversas com pessoas que fui revisar.

## • Duas, três coisas

Trago duas coisas comigo. Primeiro, a persistência, que devo ao meu pai. E, segundo, a teimosia. Não acredito — ou acredito muito pouco — em inspiração. Mas acredito em três coisas: vocação, talento e persistência. Vocação, todos nascemos com uma. (...) Talento, a gente precisa regar como quem rega uma delicada flor. Se não regar, ela se estiola. E de que maneira ela é regada? Por meio da persistência. Vocação, eu tenho. Talento, não sei, mas o reguei tanto que consegui fazer aquilo que pretendia, que era deixar uma obra. E nunca se pode dizer se uma obra vai ficar ou não. Só o tempo é que nos diz isso.

## • Começar em Biguaçu

Eu começo pelo fim. Não volto a Biguaçu porque a trago dentro de mim. Volto raramente. Toda minha obra ficcional remete direta ou indiretamente a Biguaçu. Em Biguaçu, durante anos, li muito. Li absolutamente tudo que se possa imaginar. Durante anos, li para um poeta livreiro cego. Quando falo isso, sempre me fazem uma pergunta: “Que livraria fantástica era essa, em que durante anos tu lês em voz alta para um poeta livreiro cego?”. O nome dele era João Mendes. Deixou três livros de poesia. Um dia, fui a sua livraria e lhe fiz uma proposta. Ele não a aceitou, mas fez outra. A minha era a seguinte: eu levaria um livro para ler em casa, o devolveria igualzinho e pegaria um outro. Iria juntando uns trocados e, na hora em que eu tivesse dinheiro para comprar um livro, eu o compraria. “Não”, ele disse. “Vamos fazer diferente. Também tenho fome de leitura. Tu vens aqui e vamos ler nós dois em voz alta.” Então, a pergunta é assim: “Que livraria fantástica era essa em um municípioinho tão pequeno?”. Lá, tinha mais material escolar do que literatura. Mas o João Mendes era experiente. Tinha um primo que possuía uma biblioteca em Florianópolis e passou a pedir, para ele, livros emprestados. Além disso, naquela época se pegava muita coisa em consignação. Então, ele pedia, a uma editora, 50 livros, e tinha 90 dias para pagá-los. Ele não podia devolver os 50, mas devolvía 40, 42, e forçava os parentes e amigos a comprar os outros. Nós devorávamos aqueles 50. E o João Mendes, depois de devolver 40, pedia outros 50. Então, aos 12 anos, eu estava lendo **As dores do mundo**, de Schopenhauer. Mas estava lendo também **Buridan ou os mistérios da Torre de Nesle**, de Michel Zévaco. O primeiro livro em espanhol que li foi **Dom Segundo Sombra**, de Ricardo Güiraldes. Como chegou até a livraria, não sei. Pela editora não pode ter sido, porque era em espanhol. Nunca tirei a limpo se foi mandado pelo tal primo de Florianópolis. Mas devoramos o **Dom Segundo Sombra**. Alguma coisa, ou bastante coisa, nós não entendemos. Foi meu primeiro livro de literatura hispano-americana.

## • Dois livros e uma maneira de narrar

Era uma média diária de quatro ou cinco horas. Isso durante três, quatro, cinco anos, não tenho certeza. Não tenho a mínima ideia, mas devo ter lido mais de 400, 500 livros para o João Mendes. Ambos tínhamos fome de leitura e devorávamos os livros. Então, isso deve ter tido alguma influência na minha maneira de narrar. Além disso, houve dois livros que me marcaram. Primei-

ro, **As mil e uma noites**, que eu já ouvia de meu pai e minha mãe. Só fui ler o livro depois, em 1957, quando saiu pela Sarai-va a primeira edição integral no Brasil, com ilustrações do Aldemir Martins. Oito volumes, uma edição belíssima, mas traduzida do francês. Só agora está saindo uma tradução do árabe [*pela Globo, traduzida por Mamede Mustafa Jarouche*]. O outro livro que me marcou — e que tem a ver com **As mil e uma noites** — foi o **Dom Quixote**. Cervantes esteve preso e deve ter tomado conhecimento de **As mil e uma noites**. Se a gente pegar **Dom Quixote** e aquela maneira de Cervantes narrar — uma história puxando outra história, interrompendo, voltando —, é **As mil e uma noites**. É claro, quem sou eu pra falar de **As mil e uma noites** e de Cervantes? Mas a leitura em voz alta e esses dois livros têm a ver com o que eu escrevo, e espero não ofendê-los muito.

## • Só palavrões

Nunca voltei ao Líbano. Mas comecei a ser alfabetizado em árabe e alemão. Nos dois primeiros distritos onde moramos, em Santa Catarina, não havia escola que ensinasse o português. Então, com meus pais, eu comecei a aprender árabe, e, com um amigo do meu pai, alemão. Quando chegamos a Biguaçu, eu já estava entrando nos oito anos e entrei para o grupo escolar. Foi uma dessas bobagens que a gente faz e depois se arrepende quando já é tarde, mas não quis continuar nem com o árabe e nem com o alemão. Meu pai me dizia: “Continua. Um homem que sabe dois idiomas vale por dois”. Então, hoje, do árabe e do alemão eu só sei palavrões. Minha mãe havia estudado russo e inglês. Meu pai havia estudado francês. De maneira que eles tiveram facilidade em aprender o português. Liam. Mas jamais se esqueciam de se comunicar em árabe. Ou entre eles ou com os patricios de Biguaçu e de Florianópolis, ou nas viagens que meu pai fazia pelo Brasil. Só que ele nunca quis voltar ao Líbano. Dizia: “Quero manter intacto dentro de mim o Líbano de 1927, quando saí de lá. Não quero ver este Líbano como está hoje”.

## • Torneio de frases

Uma professora de literatura árabe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul fez um longo texto sobre **Nur na escuridão**, em que aponta na minha maneira de narrar, em determinadas passagens, a maneira de narrar dos árabes. E como uso muitas palavras árabes nesse livro, ela diz que fiz uma coisa curiosa. Não uso notas de pé de página para explicar que palavras são essas. Faço um torneio de frases para que o leitor fique sabendo que a palavra tal está explicada daquela maneira. É um texto muito interessante o que ela fez, a respeito disso. Acho que estava certa. E acho mesmo que tive uma certa influência da literatura árabe.

## • Procurado

Existem duas maneiras de um escritor trabalhar. Os temas são uns poucos desde o começo do mundo, temas recorrentes. Os personagens também. Só que alguns autores ficam procurando isso. Eu não. Personagens e temas me procuram. Para alguns, eu digo: “Tudo bem, vamos ver se trabalhamos juntos”. Para outros, digo: “Ó, por favor, não dá. Procura outro autor, eu não estou disponível”. Posso dar um exemplo? Estava na minha casa de praia com a Eglê e a minha filha Sônia. Anoitecia de repente. A Sônia me diz: “Pai, é para ti essa ligação”. Eu perguntei: “Quem é?”. E ela: “Não sei, é uma voz de mulher”. Peguei o

“Sou negado para as coisas práticas. Não sei trocar uma lâmpada. Não sei comprar uma meia. Não sei fazer um cafezinho. Se eu sei alguma coisa, é ler e escrever.”

Fotos: Matheus Dias/Nume Comunicação



“A literatura não muda o mundo. Pode mudar o ser humano. Mas ela não me mudou, porque eu pensava em ser escritor já na barriga da minha mãe.”

telefone e a mulher disse: “Salim Miguel?”. E eu: “Sim”. E ela: “Preciso falar contigo”. Começou assim. Eu disse: “Fala”. E ela: “Mas não pode ser por telefone”. Eu: “Mas por quê?”. Ela: “É que estou chegando do Rio de Janeiro e preciso te encontrar”. Pensei: mas que negócio mais maluco. “Não podemos nos encontrar num barzinho aqui em Florianópolis?”. E eu disse: “Por que você não pega um ônibus e vem aqui?”. E ela: “Não, são quase 40 quilômetros”. E não sei mais o quê. Resumindo: marquei com ela no outro dia, na editora da universidade onde eu trabalhava. Às dez horas. Perto das dez, ouço uma voz: “Que pena. Parece, mas não é”. Olhei e lá estava aquela mulher na porta da editora. Ela olhou para mim e disse: “Me desculpe, é uma pena. Parece, mas não é. Até logo”. E eu: “Não, não, não. Que história é essa? Até logo? Parece, mas não é? Me deixaste preocupado. Deixaste minha mulher com a pulga atrás da orelha e agora vens com isso? Que pena, parece, mas não é? Tu me deves uma explicação”. Ela perguntou: “Será que devo?”. E eu: “Deve, sim”. Ela entrou. Eu disse: “Senta”. Ela sentou e disse: “Anteontem, passei numa banca, peguei um jornal, abri e vi uma foto tua, com uma enorme matéria falando do teu último livro. Olhei e disse: ‘É ele, é ele’”. “Ele quem?” “Pois é aí que começa a história.” “Me conte.” E ela: “Nunca. Jamais contei para ninguém”. E eu: “Agora vai contar para mim. Tu estás me devendo alguma coisa”. E ela me contou um conto que se chama *Um verão louco*. Um conto completo.

#### • Jornalismo e uma pitadinha de ficção

Devo muito ao meu trabalho como jornalista. Trabalhei quase 40 anos como jornalista. E, em jornalismo — a não ser plantão de polícia —, eu fiz de tudo. Até horóscopo. Um bom texto jornalístico, quer a gente queira, quer não, sempre tem uma pitadinha de ficção. Acho que jornalismo também é literatura. Ao contrário do que muitos dizem. Cito, por exemplo, algumas matérias de Joel Silveira que são modelos de bom jornalismo. Aquilo ali é literatura.

#### • Memória pessoal

Aqueles que dizem “não escrevo para os outros, escrevo pra mim” não estão falando a verdade. A gente sempre escreve por uma necessidade interior, escreve para se comunicar. No meu caso, sempre repito que, quando um livro chega ao leitor, ele é e não é mais do autor. Passa a ser de quem o está lendo, que pode largá-lo depois de ler cinco páginas. E pode ajudar o autor cortando alguma coisa, emendando, aceitando, recusando. Então, escrevo por uma necessidade interior, mas não vou ser hipócrita e dizer que escrevo para não ser lido. Escrevo para ser lido. Para deixar o meu recado, o recado do meu tempo, do meu jeito, da minha época. Agora, se isso vai ter validade daqui para diante ninguém sabe. Grandes nomes que começaram há 50 anos, ninguém mais sabe quem são. E outros, que ficaram submersos, de repente apareceram. E não é a quantidade de livros o que marca um autor. É a qualidade. Por exemplo: Juan Rulfo. Bastaram dois livros para torná-lo uma referência da literatura hispano-americana, da literatura do século 20. Espero que dos meus 30 livros, alguns, pelo menos, permaneçam.

#### • Revista *Ficção*

Eu trabalhava na revista *Manchete* e, entre os meus vários colegas, estava o Cícero Sandroni, que em 1965 havia, juntamente com o Odylo Costa, filho, publicado dois números da revista *Ficção*. Então, durante um almoço no restaurante da *Manchete*, eu disse para ele: “Cícero, eu estava pronto para mandar um conto para a *Ficção* quando ela acabou”. E ele: “Pois é. Até hoje penso em relançar a revista”. E eu: “E por que não passamos a pensar juntos?”. Uma semana depois, ele me procurou e disse assim: “Vamos fazer uma reunião na minha casa?”. Aí nos reunimos, Fausto Cunha, Laura Sandroni, Eglê Malheiros, Cícero e eu. Decidimos relançar a revista. E formamos um conselho editorial. Entre outros, Mário Fontes, Helio Pólvora e mais três, de quem agora me fogem os nomes. Isso foi em 1975. Em janeiro de 1976, lançamos o primeiro número da *Ficção*, com o propósito de, durante um ano, não repetirmos nomes, fazermos o mapeamento do conto no Brasil, recuando até contistas do passado e com várias rubricas, até contistas de outros países: hispano-americanos, norte-americanos, portugueses, africanos, italianos, franceses e por aí vai. Começamos tirando 15 mil exemplares. A revista durou até 1979. Quando a gente imaginava que ela já estava estabelecida, acabou. Foram uns 44 números.

#### • Decepcionados com a censura

Ao contrário de outras revistas, a nossa não sofria censura prévia. Só tínhamos que mandar um exemplar para a censura depois que a revista saía. O Arthur da Távola havia mandado um conto para uma revista de São Paulo, que tinha que ser enviada para a censura antes da publicação, e o conto foi recusado. Um dia, ele me procurou na redação da *Manchete* e me disse: “Vocês arriscariam publicar este conto?”. Eu peguei e disse: “Arthur, não posso dizer que nós arriscaríamos, mas vou levar o conto. Nós vamos ler e decidir o que fazer com ele”. Era um conto interessante, embora não fosse uma obra-prima (obras-primas também não surgem todo dia). E resolvemos publicá-lo para ver se acontecia alguma coisa. Ficamos decepcionadíssimos. Até hoje estamos esperando que a censura nos ataque por termos publicado aquele conto do Arthur da Távola.

#### • Cachorra da família

Estava conversando com alunos a quem uma professora havia distribuído meu livro *Nur na escuridão*. E de repente, uma moça me disse assim: “Só não aceito que um autor tente enganar o leitor”. E eu: “Mas enganar como?”. E ela: “No teu livro, tem um capítulo chamado ‘Taira’. Eu o li praticamente inteiro, certa de que estava lendo sobre uma pessoa da família. E Taira era uma cachorra”. Respondi: “Mas era uma pessoa da família. E eu nem inovei. Está aí a Baleia do Graciliano. Está aí a novelinha *O cão e seu dono*, de Thomas Mann”. Ela disse: “Pois é. Mas tu chegas a dizer que ela está ‘grávida’, quando ‘grávida’ se usa para as mulheres. Para mim, ela estaria ‘pretnha’”. E eu: “Não. Ela era uma pessoa da família”.

#### • O livro é do leitor

Houve uma jovem de Belém do Pará. Acho que era uma jovem, porque nossa voz também envelhece. Minha voz de hoje não é a voz de dez anos atrás, não é a voz de 20 anos atrás. Pois essa jovem me telefona para dizer assim: “Custei a encontrar seu livro *Nur na escuridão*. Não havia nas livrarias. Não havia na editora. Afinal consegui. Ainda não terminei, mas não pude deixar de te telefonar. Me emocionei tanto que cheguei às lágrimas”. Aí, fiz-lhe uma pergunta que depois, pensando bem, conversando com a Eglê, vi que foi meio imbecil. Perguntei: “Você tem alguma coisa a ver com libaneses?”. Ela respondeu: “É preciso ter para gostar do seu livro?”. Para o autor, isso é o mais importante. É preciso conhecer ou ter alguma coisa haver com o autor para se gostar do livro dele? É nesse momento que digo que um livro já passou a ser mais do leitor do que do autor.

#### • Memórias da prisão

Fiquei 48 dias preso. Fui preso em 2 de abril e solto em 20 de maio. Fiquei no alojamento do Quartel da Polícia Militar de Florianópolis. A Eglê me mandou um caderno e um lápis — lá não podia entrar caneta, era uma arma muito perigosa. Então, fui fazendo anotações a respeito das minhas reações e das reações das 60 pessoas que estavam comigo. Só que deixei aquilo dormir por exatos 30 anos. Não queria dar meu depoimento com rancor ou com mágoa. Queria dar um depoimento isento. Como foram aqueles 48 dias, como é que cada um de nós reagiu. Só que tentei escrever na primeira pessoa. E era “eu” demais. Na terceira, me dava um distanciamento que eu não queria. Então, o livro todo é narrado na segunda pessoa. E agora ele acabou de sair na França, faz um ano. Só que, lá, mudaram o título. No Brasil, ele se chama *Primeiro de abril: narrativas na cadeia*. Ao mesmo tempo em que não há nada ali que não seja real, essas narrativas são ficcionalmente trabalhadas. Só que, na França, esse título não funcionaria. Então, a editora de lá me consultou. Perguntou se poderia dar o seguinte título ao meu livro: *Brasil, abril de 1964: a ditadura se instala*. Para eles, isso é muito mais forte.

#### • Releituras

Com a idade, ao mesmo tempo em que procura acompanhar o que está aparecendo, a gente relê muito mais. Eu, por exemplo, nesses últimos três, quatro anos, nem leio, nem releio, porque estou com um problema de visão. Tenho 70% das duas vistas comprometidas. Então, tenho que ter quem leia para mim. Tenho “re-lido” muitas coisas. Machado de Assis, por exemplo, não sei

quantas vezes eu o li e reli e voltarei a reler. E, relendo Machado, de repente tu descobres coisas assim: “Puxa, já li esse cara três vezes e só agora me dei conta disso”. Então, a releitura, para um escritor e um leitor interessado, é muito importante. Tenho um amigo que faleceu aos 96 anos, e que sabia mais de Machado de Assis do que muitos críticos e estudiosos da sua obra. E ele sempre me dizia: “Salim, já li *Memórias póstumas de Brás Cubas* oito vezes e a cada vez me surpreende minha burrice, porque algum detalhe havia me passado despercebido”. Se um livro agüenta uma segunda, uma terceira, uma quarta releitura, é porque, na verdade, ele tem valor. Porque muitos livros nos decepcionam. A gente vai tentar relê-los e diz: “Puxa, da primeira vez este livro me marcou tanto, e agora não estou conseguindo ir além desta página”.

#### • Reescritas

Escrever é saber reescrever e cortar. Se eu fosse o Nelson Rodrigues, diria “cortar como quem corta na própria carne”. Porque a gente corta aquilo que vem de dentro de nós. Por outro lado, tenho comigo o seguinte: não mexo em um livro meu já publicado, a não ser em alguns detalhes. Não reescrevo livro publicado. O Josué Montello, por exemplo, deixou uma montanha de livros. Publicou quase 150 títulos. Um dos primeiros livros dele, *A luz da estrela morta*, é dos anos 50, e, nos 80, foi publicada uma segunda edição. E ele reescreveu absolutamente tudo. Então, era para ter feito um novo livro. No meu caso, fico insatisfeito com algumas coisas quando as releio, mas não costumo mexer naquilo que já está publicado.

#### • Livros ditados

A Eglê lê muito para mim, mas temos interesses comuns e interesses divergentes. Ela é muito mais abrangente e tem muito mais interesses, muito mais cultura que eu. Então, muitas vezes, os interesses dela e os meus não coincidem. Durante três anos, tive um estudante de ciências sociais que lia para mim. Eu pagava para ele e, duas vezes por semana, ele ia ler em voz alta para mim. E me ajudava a escrever também. Chamava-se Tarso da Silva — lembro do nome porque é o nome do ministro Tarso Genro. Mas aí ele se formou e parou. Agora, quem está lendo para mim é o meu neto, Jorge Luiz. Ele estuda artes visuais na Universidade Estadual e artes cênicas na Universidade Federal. Fez vestibular para os dois, passou nos dois e está cursando os dois. Então, duas, três vezes por semana, ele lê para mim. Só que o rendimento com ele é muito menor do que era com o outro. Porque estou levantando muitas coisas antigas, documentos. E, com o outro, eu dizia: “Tarso, lê um pedacinho disso aqui. Se me interessar, vamos adiante, se não interessar vamos a outro”. Com o meu neto, não posso fazer isso. Ele diz: “Vô, mas eu estou interessado. Posso ler isso até o fim?”. Resultado: está indo. Outra coisa curiosa é a seguinte: trabalhei como chefe em algumas ocasiões e nunca consegui ditar uma carta para uma secretária. Eu escrevia à mão ou à máquina e entregava o texto para elas fazerem direitinho. Não conseguia, tinha uma incapacidade total. Mas a necessidade nos faz rever as coisas. Hoje, meus dois, três últimos livros foram praticamente ditados. E, é claro, dito e a Eglê e eu nos pomos a reler e a discutir. “Pô, mas isso aqui tu podes fazer melhor”. Eu: “Eu não posso ir adiante”. Ela diz: “Pode, sim. Corta esse pedacinho aqui”. Quer dizer, a maioria das vezes acabo concordando com ela. Outras vezes, não.

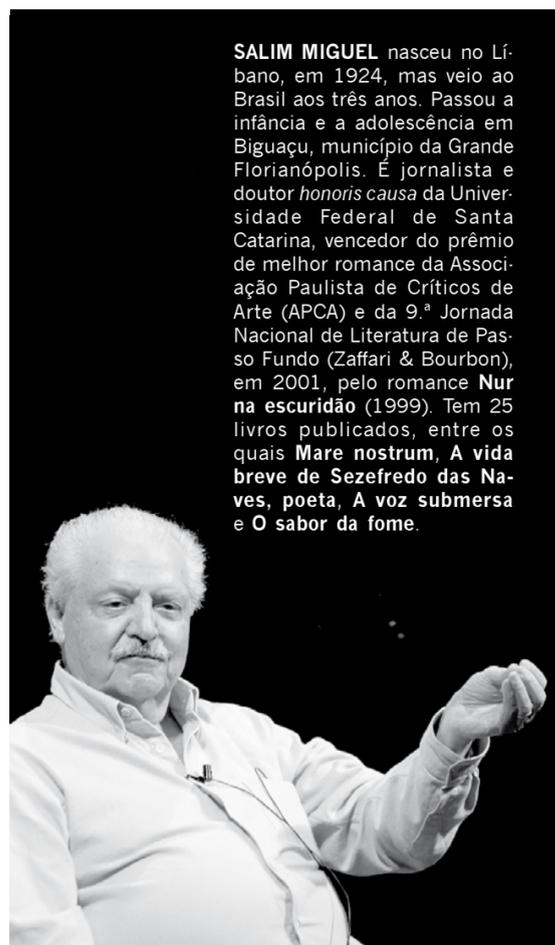
#### • O Líbano e Santa Catarina

Santa Catarina é marcada basicamente pela colonização alemã e italiana. Primeiro, foram os açorianos e os portugueses. Tudo que existe em Florianópolis, hoje, é açoriano. Outro dia, cheguei a conversar com um homem que dizia que o milho, a mandioca, tudo era açoriano. Eu disse: “Qualquer dia, até o macarrão vai passar a ser açoriano”. Tudo passou a ser açoriano. Mas a marca maior em Santa Catarina é dos alemães e dos italianos. Como comecei a ser alfabetizado em árabe e alemão, isso deixou uma marca forte em mim. Tanto que, quando entrei na escola que ensinava português, já estava indo para os nove anos. No fim do ano, a professora bateu palmas, chamou a atenção dos alunos e disse: “Vejam só. O Salim chegou ontem aqui. Mal sabia algumas palavras de português, misturadas ao árabe e ao alemão. Hoje, ele fala, lê e escreve melhor do que vocês. E é turco! Vocês não têm vergonha?”. Me chamou lá para frente e me deu um tinteiro, presente que preservo até hoje. Desabei num choro ferrado. Não sei se pelo elogio ou se pelo “turco”. Meu pai sempre me dizia: “Não aceite que te chamem de turco”. Porque durante séculos o Império Otomano Turco havia dominado toda aquela região da Síria, do Líbano. Meu pai tinha duas marcas: uma contra os turcos, a outra contra os franceses. Porque depois da Guerra 14-18, os ingleses e franceses, muito bonzinhos, libertaram a Síria — que depois seria dividida em Síria e Líbano — dos otomanos. Mas a Síria virou um protetorado inglês, e o Líbano, um protetorado francês. Então, ficou do mesmo jeito. E eu desabei num choro que não conseguia parar. Até hoje, francamente, não sei se foi pelo elogio ou se foi pelo “turco”.

Leia mais no site [www.rascunho.com.br](http://www.rascunho.com.br)

#### PRÓXIMOS CONVIDADOS

- 8 de outubro: JOÃO PAULO CUENCA
- 6 de novembro: BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS
- 10 de dezembro: LUIZ RUFFATO



**SALIM MIGUEL** nasceu no Líbano, em 1924, mas veio ao Brasil aos três anos. Passou a infância e a adolescência em Biguaçu, município da Grande Florianópolis. É jornalista e doutor *honoris causa* da Universidade Federal de Santa Catarina, vencedor do prêmio de melhor romance da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e da 9.ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (Zaffari & Bourbon), em 2001, pelo romance *Nur na escuridão* (1999). Tem 25 livros publicados, entre os quais *Mare nostrum*, *A vida breve de Sezefredo das Neves*, poeta, *A voz submersa* e *O sabor da fome*.

apresentação

realização

apoio institucional

apoio



O maior ensinamento que talvez possamos extrair das pesquisas em Física seja o de desmontar, ao longo dos séculos, a noção de “verdade absoluta”. A cada novo avanço que esse ramo do conhecimento traz a respeito da constituição do Universo e das leis que o regem, caem por terra “afirmações definitivas” e surgem novas teorias provisórias que, futuramente, poderão ser também rechaçadas. Se isso ocorre no âmbito de uma ciência denominada “exata”, a tendência é a de que pensássemos que, no campo em que ela não o é, ou seja, onde depende exclusivamente da falibilidade do julgamento humano, deveria haver revisões periódicas das proposições dadas como “certezas”. Não é, entretanto, o que ocorre. Tomemos, por exemplo, o cânone literário. Imersos numa discussão que inclui valores atrelados ao poder acadêmico, e que não podem ser aferidos experimentalmente, os especialistas e críticos costumam contribuir para cristalizar argumentos e subscrever apreciações, seja por sujeição a interesses de grupos, seja por mera ignorância. Daí a rara prática do reexame de autores e obras — e a imposição de uma leitura exclusivista e interessada da história literária, que ocasiona injustiças gritantes e supervalorizações obscuras.

Um dos casos mais graves de omissão da ensaística brasileira, na minha opinião, é o da escritora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), a quem já tive ocasião de me referir aqui neste espaço. Seu nome não consta da **História concisa da literatura brasileira**, de Alfredo Bosi<sup>1</sup>, um dos maiores sucessos editoriais junto ao público universitário; nem da **História da literatura brasileira** em cinco volumes, de Massaud Moisés<sup>2</sup>; nem dos seis volumes de **A literatura brasileira**, de vários autores<sup>3</sup>; tampouco a encontramos na extensíssima **A literatura no Brasil**, seis volumes dirigidos por Afrânio Coutinho e Eduardo Faria de Coutinho<sup>4</sup>; nem nos dois tomos de **A literatura brasileira — origens e unidade**, de José Aderaldo Castello<sup>5</sup>. Vamos nos deparar com a autora em **História da inteligência brasileira**, de Wilson Martins<sup>6</sup>, e em **História da literatura brasileira — prosa de ficção — de 1870 a 1920**, da sempre magistral Lúcia Miguel Pereira<sup>7</sup>, ambos comentadores entusiasmados de sua obra, como observaremos à frente.

Antes, porém, apresentemos a escritora. Nascida na cidade do Rio de Janeiro em 1862, filha de portugueses emigrados, cultos e ricos — o pai, médico e educador, foi dono de um colégio de humanidades —, Júlia Lopes de Almeida teve uma educação sofisticada e liberal, completamente discrepante para os padrões femininos da época. Dos sete aos 23 anos, mora numa fazenda com a família, em Campinas (SP), onde, incentivada pelo pai, publica suas primeiras crônicas no jornal local. Em 1886 a família parte para Lisboa, cidade na qual Júlia permanece até 1888, quando, casada com o poeta português Filinto de Almeida (1857-1945), retorna ao Brasil. Durante todo esse período mantém colaborações em jornais e almanaques, tanto portugueses quanto brasileiros. É ainda em Portugal que se dá sua estréia em livro, os contos de **Traços e iluminuras**<sup>8</sup>, publicado por contra própria em 1887. No ano seguinte, no Rio de Janeiro, sai em folhetins seu primeiro romance, **Memórias de Marta**<sup>9</sup>, lançado em livro em 1899<sup>10</sup>, em São Paulo, onde o casal mora por quatro anos, devido às atividades jornalísticas do marido. Em 1904 começam as obras de um casarão no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, onde manterão o “Salão Verde”, espaço freqüentado por artistas, intelectuais e jornalistas durante 21 anos. Neste meio tempo, passa 1913 e 1914 na Europa, faz uma longa viagem pelo sul do país em 1918 e para Buenos Aires em 1922. A partir de 1925, a família fixa residência por seis anos em Paris. Em 1934, oito dias após uma viagem à África, morre, no Rio de Janeiro, vítima da malária, aos 72 anos.

### Cogitada para a ABL

A crer nos depoimentos de seus contemporâneos, Júlia Lopes de Almeida foi bastante conhecida em sua época, tendo sido até mesmo cogitada para participar da lista inicial de fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL). Segundo Raymundo Magalhães Junior (1907-1981), o escritor Lúcio de Mendonça (1854-1909), fundador da cadeia número 11 da ABL, escreveu um artigo no jornal *O Esta-*

# JÚLIA (1)

Júlia Lopes de Almeida é um exemplo clássico de uma grande autora que a crítica literária simplesmente ignora

do de S. Paulo anunciando uma reunião que definiria os nomes dos 40 imortais: “Sem me responsabilizar pela exatidão absoluta, pois uma ou outra modificação pode ocorrer afinal, penso, entretanto, sem perigo de muitos enganos, comunicar-lhes, como interessante primícia, a seguinte lista, por ordem alfabética dos nomes que sairão os dos 40 membros efetivos da Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro”<sup>11</sup>. Magalhães Junior comenta: “Era mencionada a escritora Julia Lopes de Almeida, mas não havia nenhuma menção a seu marido, Filinto de Almeida (...). Por modéstia e devoção conjugal, ela preferiu vê-lo eleito, em seu lugar”<sup>12</sup>. A mesma impressão causada pela “modéstia e devoção conjugal” de Júlia pode ter influenciado o escritor e jornalista João do Rio (1881-1921) a intitular o capítulo referente à sua entrevista com a escritora, publicada no importantíssimo inquérito **O momento literário**, como *Um lar de artistas*<sup>13</sup> — os outros capítulos são encabeçados pelo nome do entrevistado, todos homens...

Lúcia Miguel-Pereira afirma que Júlia Lopes de Almeida “é a maior figura entre as mulheres escritoras de sua época, não só pela extensão da obra, pela continuidade do esforço, pela longa vida literária de mais de quarenta anos, como pelo êxito que conseguiu, com os críticos e com o público; todos os seus livros foram elogiados e reeditados, vários traduzidos, sendo que se consumiu em três meses a primeira tiragem da **Família Medeiros**”<sup>14</sup>. Esse entusiasmo da ensaísta com relação ao êxito junto à crítica e ao público da obra de Júlia talvez deva ser relativizado. Autora de dez romances<sup>15</sup>, três coletâneas de contos e novelas, três compilações de crônicas, quatro peças de teatro, três seleções de contos infantis e seis livros diversos, entre relatos de viagem e conferências, pode-se falar, sem dúvida, no caso dela, em “extensão da obra”<sup>16</sup>. Em vida, no entanto, viu reeditados, e apenas uma vez, os romances **Memórias de Marta**, **A intrusa** e **Cruel amor** e o livro de contos **Ânsia eterna**<sup>17</sup>. Sucesso alcançou foi com livros que hoje denominamos paradidáticos: **Contos infantis** (1886), lançado em parceria com sua irmã, Adelina Lopes Vieira (1850-??), é adotado, a partir de 1891, em todas as escolas primárias do Brasil durante mais de vinte anos<sup>18</sup>; e **Histórias da nossa terra**, também de contos infantis, teve vinte e uma edições entre 1907 e 1930<sup>19</sup>. Traduções, a obra de Júlia conheceu poucas: os contos *As rosas* (Les Roses) no *Paris Journal* de 16 de fevereiro de 1914; *A caolha* (La Tuerta), no jornal *La Nación*, de Buenos Aires, em 22 de outubro de 1922; *Os porcos* (Les Porcs), no Tomo XVII, nº 28 da *Revue de L'Amérique Latine*, de Paris, em março de 1929; e os romances **Memórias de Marta** e **A família Medeiros** no volume único *Deux Nouvelles Brésiliennes* (Trad. Jean Duriau. Dunkerque: Imprimerie Du Commerce - G. Guibert, 1928).<sup>20</sup>

CONTINUA NA PRÓXIMA EDIÇÃO.

### Notas

- 1 São Paulo: Cultrix, 2001 (39ª edição).
- 2 São Paulo: Cultrix, 1989 (2ª edição).
- 3 São Paulo: Cultrix, 1968 (3ª edição).
- 4 Rio de Janeiro/Niterói: José Olympio Editora/ Universidade Federal Fluminense, 1986 (3ª edição, revista e atualizada).
- 5 São Paulo: Edusp, 1999.
- 6 São Paulo: T.A. Queiroz, 1996 (2ª edição).
- 7 Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio Editora/INL, 1973 (3ª edição).
- 8 Lisboa: Tipografia Castro & Irmão, 1897.
- 9 Publicado no jornal *Tribuna Liberal*, do Rio de Janeiro, entre 03 de dezembro de 1888 a 17 de janeiro de 1889, segundo SALOMONI, Rosane Saint-Denis. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Marta*. 3ª edição. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres/Edunisc, 2007. Curiosamente, essa informação não consta do exaustivo levantamento de TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.
- 10 A edição em livro saiu pela Casa Durski, de Sorocaba, em 1899. Houve uma segunda edição pela Livraria Francesa e Estrangeira Truchy -Leroy, de Paris, em 1930. V. obra citada.
- 11 *Vida e Obra de Machado de Assis*. Volume 3 (Maturidade). Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1981 (p. 287)
- 12 Idem. (p. 287-288)
- 13 As reportagens foram publicadas originalmente nas páginas do jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, entre 1904 e 1905, e reunidas em livro em 1907, numa edição da Livraria Garnier. V. RIO, João do. *O Momento Literário*. Org. Rosa Gens. 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.
- 14 Op. Cit., pág. 270.
- 15 Um deles, *A Casa Verde*, publicado em colaboração com o marido, Filinto de Almeida, em folhetins no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, entre 18 de dezembro de 1898 e 16 de março de 1899, sob o pseudônimo comum A. Julinto e lançado em livro em 1932 pela Companhia Editora Nacional.
- 16 TINHORÃO cita ainda um folhetim, *O caso de Ruth*, publicado no *Almanaque da Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 1897 (Cf. op. Cit., pág. 79), mas que, na verdade, é um conto incluído na 2ª edição de *Ânsia Eterna*.
- 17 À primeira edição (Rio de Janeiro: H. Garnier, 1903) seguiu-se outra, “nova edição, refundida pela autora”, lançada postumamente (Rio de Janeiro: A Noite, 1938).
- 18 Cf. SALOMONI, Rosane Saint-Denis. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Marta*. 3ª edição. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres/Edunisc, 2007 (p. 22)
- 19 Idem, p. 34

## BREVE RESENHA

## SOBRE CASAS E LIVROS

TONY MONTI • SÃO PAULO – SP



Pó de parede  
Carol Bensimon  
Não Editora  
128 págs.

A imagem do artista excêntrico assumiu diversas configurações desde que, por volta da metade do século 19, a boemia afirmou-se como modo de vida. O valor da autonomia passou a ser um dos fundamentos para caracterizar o produtor de arte. O artista passou a se retratar sistematicamente como desajustado e contestador. O jovem solitário e melancólico de Joyce, os beberrões de Bukowski e os diversos escritores de moral duvidosa de Rubem Fonseca são exemplos bastante distintos dessa tópica. O modelo se repete quanto à regra geral de contestação e desajuste, mas se atualiza a cada nova formalização e com a especificidade das novas circunstâncias envolvidas.

Em **Pó de parede**, livro de estréia de Carol Bensimon, o desajuste dos personagens e a tentativa de um percurso emancipatório estão presentes em diferentes momentos nas três histórias que compõem o volume. No primeiro conto, *A caixa*, Alice é uma adolescente solitária que encontra um lugar mais confortável no mundo quando passa a dividir seu tempo com Tomás e Laura. Estes, cada um a seu modo, apesar da vida de conforto material, também se sentiam

desajustados em relação ao ambiente que os envolvia. A caixa, do título, é metáfora do desajuste de Alice. Trata-se de uma casa modernista, onde Alice mora com seus pais, com rampas e muito concreto (estranha no ambiente de casas mais discretas e convencionais). O estilo da casa, sempre visível, concretiza um desconforto íntimo da personagem. Mais tarde, com a chegada à vida adulta, o que inclui estudos em Paris, Alice retoma boas relações com a caixa. A narrativa muito bem estruturada cita ainda mais um desajustado, o arquiteto que projetou a casa e que receberá seu reconhecimento depois de morrer.

Em *Falta céu*, a construção de um empreendimento imobiliário movimenta uma pequena cidade, enquanto três adolescentes vivem suas descobertas na passagem para a vida adulta. Se, no primeiro conto, a especificidade da casa modernista acaba por ser valorizada, aqui a homogeneização das casinhas do empreendimento é vista com distância e algum sarcasmo. Também em tom de crítica é feito o retrato do herói que retornou à cidade com a chegada do empreendimento (assim como Alice retornou de Paris, no primeiro conto do livro), depois de, por força do próprio trabalho, enriquecer.

É no terceiro conto do livro, *Capitão Capivara*, que aparece o personagem escritor. Clara, uma jovem de vinte anos, candidata-se ao trabalho em um hotel de luxo como gesto de independência em relação a sua família rica. Ela quer ser escritora. No hotel, encontra Carlo Bueno, escritor consa-

grado que produz best-sellers e inclui, no texto de seus livros, em troca de pagamento, referências a determinadas mercadorias. Não há dúvida: o retrato destes dois personagens não alimenta muito qualquer esperança libertária que parta de escritores. O humor afiado de algumas passagens do texto não elimina o mal-estar de encontrar a literatura reduzida ali a uma peça de publicidade, no caso do escritor rico e consagrado, ou à ingenuidade da jovem que busca liberdade divertindo crianças em um hotel de luxo enquanto os adultos participam de alguma convenção.

Do tom mais melancólico e delicado do primeiro conto e das críticas explícitas à homogeneização e às implacáveis leis do mercado nos outros dois, surgiu na minha leitura de **Pó de parede** certa angústia em relação ao mundo descrito. As sutis revoltas dos personagens, em particular as dos escritores, são asfixiadas pelo ideal do acúmulo de dinheiro. A homogeneização das práticas iguala vender casas a vender livros em uma única questão de propaganda e marketing. As transgressões são discretas. O artista não expõe seus motivos: ou é um esquisito em silêncio ou é um vendido. Em uma bonita cena, o próprio texto ironiza essa falta de força do ato transgressor. O escritor, à beira da piscina, divide alguns minutos com o funcionário do hotel encarregado de manter a água limpa. O narrador comenta: “íamos cometer uma espécie de crime, um crime verdadeiramente hediondo: hóspede e funcionário fumariam juntos o primeiro cigarro da manhã”.<sup>21</sup>

# ADEUS, velho amigo

O DIA EM QUE O TREMA FOI PARA A CADEIRA ELÉTRICA

Os juízes assinaram a sentença de morte: o criminoso vai mesmo pra cadeira elétrica. O promotor, os jurados e a audiência comemoram, e eu estou chateado. Já estou de luto. Não aprovo essa decisão, essa festa, esse extermínio. O condenado é meu amigo. Meu amigo íntimo. Passamos juntos por momentos muito delicados, muito perigosos.

Na hora em que anunciaram a sentença, bateu o desespero. Foi difícil controlar a ansiedade e o medo. Minhas mãos ainda tremem. A boca continua seca.

Quando meu amigo estiver morto, reduzido a simples amigo imaginário, que farei? Guardarei suas cinzas ou as jogarei no Atlântico? Por quanto tempo eu conseguirei manter viva sua memória? Por quanto tempo eu conseguirei conviver com seu fantasma?

Os juízes da reforma ortográfica assinaram a sentença de morte: o trema vai mesmo pra cadeira elétrica.

Em breve a família ficará menor. Em breve o til, a crase, o acento agudo e o acento circunflexo perderão o irmão querido.

No sítio do Observatório da Imprensa, o professor Gabriel Perissé também manifestou indignação: "Aceitarei de bom grado tudo, menos a queda do trema. Os *linguistas* sem trema me fazem pensar que a língua será *linga*. Os *bilingues* e *trilingues* estarão mais próximos do estilingue. Comer *linguiça* vai ser um enguiço! Uma nota de *cinquenta reais* eu não *aguentarei*! E o *pinguim*, coitado. E a *eloquência* empobrecida..."

Que canção fúnebre é essa que atravessa todos os meus escritos? Que melodia melancólica é essa que viaja de livro em livro, peregrinando tristemente por minha biblioteca inteira?

Só pode ser o *Réquiem para o bom combatente*.

Durante décadas o trema encimou elegantemente o u quando precedido por g ou q e seguido por e ou i, para que ele fosse pronunciado atonamente, sem formar dígrafo.

Não. Ele não merecia essa traição em nome da mais fútil simplificação. Ele não merecia ser atirado no lixo da História, como coisa supérflua, inútil, ultrapassada.

## Falta de eloquência

Agüenta, coração! Daqui pra frente como poderei escrever, com tranquilidade, sem ambigüidades, um conto eqüestre (por exemplo) sobre o seqüestro de um alcagüete puro-sangue maniaco por lingüiça calabresa, amarrado e levado por

um pingüim trilingüe viciado em açúcar, e suas nefastas conseqüências emocionais? O resgate foi pago (caía o maior agüeiro na rodovia Anhangüera) ao lingüista delinqüente: cinquenta reais em jujuba e arroz-doce oferecidos por um sagüi desmilingüido de avental ensangüentado (era só groselha). Estranhos e eqüidistantes laços de consangüinidade ligam o sagüi, o pingüim e o puro-sangüie, digo, sangue. Sobre iniqüidades assim (o seqüestro, não os estranhos laços) como poderei escrever? Sem o trema isso não será exeqüível. Trema só de pensar: sem o trema será freqüente a falta de eloquência narrativa e, pior, de grandiloquência poética.

Os juízes assinaram a sentença de morte. Quando meu amigo estiver morto, reduzido a simples amigo imaginário, que farei? Que canção fúnebre é essa que atravessa todos os meus escritos?

Ah, agüenta, coração! Daqui pra frente como poderei argüir, com eqüestre grandiloquência e exeqüível eqüidistância, em consonância com os preceitos da lingüística e da ambigüidade, os pingüins delinqüentes e os sagüis inconseqüentes, ambos de avental ensangüentado de groselha? Isso será simplesmente ineqüível.

Pensa bem. Quantas palavras levam o trema? Cinquenta? No máximo cem?

Pra que matar? Os mesmos juízes que assinaram a sentença de morte podiam simplesmente ter condenado o criminoso à prisão perpétua. Iam os anéis, ficavam ao menos os dedos. Esses juízes podiam simplesmente ter condenado as cinquenta, cem palavras extremadas a viver apartadas do resto do léxico. Longe da sociedade intolerante. Num gueto. Ou num campo de refugiados. Ou numa reserva. Como os índios.

## Esfola, lincha, afoga

Hoje o trema, amanhã o til. Escreve ai o que eu estou dizendo: o til será a próxima vítima do sistema letrado. "Mas o til é muito útil, não podemos viver sem ele", você dirá indignado. Eu sei que o til é muito útil. Mas o trema também é e olha só o que fizeram com o pobre: cadeira elétrica, câma-

ra de gás, injeção letal, fuzilamento, guilhotina, forca. Daqui a pouco, por falta de vítima melhor, alguém furioso vai vociferar que o til não é tão útil não. Melhor dizendo, alguém vai vociferar que "o til nao é tao útil nao". Então todo mundo que morre de preguiça de botar o til em *avião*, *pavão* e *confusão* fará coro com o celerado: "Esfola, lincha, afoga!"

Efeito dominó. Depois do til será a vez do abominável crase. Depois da crase, o irritante acento agudo. Depois do acento agudo, o esnoabe acento circunflexo.

E o apóstrofo? E a cedilha? E o hífen?

E o pingo!? Eu quase ia esquecendo o pingo no i, essa não! Existe coisa mais *inútil* do que o maldito pingo no i, pobrezinho?! "Esfola, lincha, afoga!"

Então é isso?

Muito bem, vamos ao trabalho! Não há tempo. Precisamos organizar logo a fuga. Precisamos localizar no mapa holográfico o santuário mais seguro. Precisamos reunir em segredo todos os diacríticos, todos os pontos, todas as possíveis vítimas futuras, e escapar. Pra onde? Pra outro plano da existência. Para

o vão invisível que há entre a primavera e o verão, entre a página treze e a catorze, entre a quarta e a quinta dimensão.

Lá há música, mel e mil delícias.

Lá o trema continuará cumprindo diligentemente sua função de guarda-costas, dando força ao u, cuja voz, sem ele, perderia a autonomia e desapareceria, sufocada pela dos vizinhos: g ou q, de um lado, e ou i, do outro.

Muito bem, vamos ao trabalho! Não há tempo. Precisamos organizar logo a fuga. Só assim a justiça será feita. Quando o trema estiver a salvo em outro plano da existência, o mundo voltará a ser um belo lugar pra viver. Tudo voltará ao normal.

Perissé está certo: "Aceitarei de bom grado tudo, menos a queda do trema. Mas bem sei que isso é idiossincrasia. Nada que o tempo não possa curar. Na pior das hipóteses os amantes do trema não viverão para sempre. Daqui a duzentos anos todos vão achar estranho que houvesse gente usando esses dois pontinhos em cima da letra u".

Quanto mais longe vamos,  
mais nos aproximamos das pessoas.

Há 45 anos, nós nunca paramos de crescer. Isso porque também não paramos de inovar, reinventar, evoluir. Hoje, o Grupo Livrarias Curitiba possui 16 lojas espalhadas pelo Sul e Sudeste do País, levando cultura e informação às pessoas. Por isso, não há uma palavra que traduza nosso orgulho. Há várias. E todas elas estão aqui esperando por você.

# LABIRINTO DE PALAVRAS

A BUSCA DA PRÓPRIA VOZ É A ANGÚSTIA E A DELÍCIA DE TODO BOM ESCRITOR

Eu estou em abstinência. Há trinta dias que não abro um livro, não ponho uma única palavra nos olhos. Isso não é nada para muita gente. Mas para mim, que abro livros buscando afagos e atritos na pele, na imaginação, nos doze sentidos e muito. Para mim, que durmo melhor com a palavra escrita do que com a dita, que não vejo imagem ou situação que não rumine e sofra em palavras e silêncios, é um tempo impossível.

Tudo começou de um modo brusco, como sempre começam as surpresas. Assim é o inesperado. Fica a espreita como quem não quer nada e depois dá o bote, sem deixar brecha nem tempo para gente se defender.

Eu estava num sarau literário. Todo mundo lia o texto de todo mundo entre chopes, risadas, petiscos, elogios ao vento, acanhamentos sinceros e cegas vaidades. Tudo ia bem, até que escutei na voz de alguém um texto que me chamou atenção. Não porque fosse bom ou ruim, mas porque me despertava uma sensação estranha, uma dor aguda nos dedos, uma aflição de pegar canetas e riscar paredes. Agüentei nem sei como a leitura acabar. Cada palavra era um pequeno incêndio. Cada página virada uma ânsia desconhecida. Quando acabou, perguntei enfim de quem era aquele texto, e todos riram, como se a pergunta fosse absurda. O inesperado então baixou sem dó nem piedade: o texto era meu, disseram.

Meu?!

Mas...

... como eu não reconheci o meu próprio texto?

Entendam. Mesmo sabendo que eu não o via faz tempo, que alguém o tinha na gaveta e resolveu, sei lá por quê, ler sem me avisar, mesmo assim: se eu não reconheci o meu próprio texto, ele poderia ter sido escrito por qualquer pessoa.

E pior: ele nem me souo vagamente conhecido,

ele apenas me despertou uma sensação estranha, como quem encontra um filho sem saber que é seu e tem um sentimento fundo, sem identificação. Uma espécie de reconhecimento anônimo. Vontade de ao mesmo tempo abraçar e de virar as costas.

Peguei com tremor o texto maldito, o filho bastardo, e revirei, farejei, virei do verso e do avesso. E vi: lá estavam as sombras de todos os escritores que me marcaram, numa miscigenação estranhíssima. Um ser amorfo que era tudo e nada, sem a marca de seu criador: eu.

E eu? Procurei em cada frase. E eu? Remexi entre as vírgulas. Eu? Vasculhei nas entrelinhas. Eu? Fuxiquei o enredo. O tema. O ponto de vista. O discurso. Os personagens. A linguagem. E eu?

Não. Eu não estava ali.

## Um silêncio de leitura

Já dizem por aí que ando roendo os dedos, cuspidando unhas, fechando bares, chutando latas, mordendo asfalto, incendiando resmas de papel, jogando teclados pela janela e assassinando PCs. Mentira. Tudo mentira. Apenas entrei de jejum de livros e ando arrastando os chinelos pela casa, olhando com espanto as estantes, ruminando um silêncio de leitura.

Sempre achei que ler me ajudaria a escrever. Li de tudo, engolindo estilos, mastigando imagens, saboreando frases, despidoradamente. E do que me serviu toda essa dedicação de entranhas? Para me perder num labirinto de linguagens e estilos? Para escrever um texto sem dono, sem voz própria, sem assinatura, sem eu?

Que exagero! riu minha amiga-que-não-é-escritora, substituindo a minha caneca *king size* de café por uma xícara *single* de chá de camomila. Sério. Eu lia, crente-crente que me alimentava: absorvia sensibilidades, engolia estéticas, estabelecia referências. Não! Elas que me absorveram, elas que me

engoliram, entende? As estéticas e as referências me abduziram! Minha amiga-que-não-é-escritora fez seu diagnóstico: O seu caso é muito simples. Crise criativa. E, antes de sair: você só precisa digerir tudo isso. Minha amiga-que-não-é-escritora é nutricionista. De novo a sós com a estante, percebi que minha crise criativa era mesmo caso de má digestão. Estava com leituras do dedão do pé ao cocuruto da cabeça. Não havia um único espaço vazio, para que algo realmente meu pudesse se criar. Enjôo. Muito enjoô.

Vomitei. É uma metáfora, por favor. Vomitei palavras, muitas. Num jorro incessante. Escrevi de tudo. Posso dizer que todos os escritores passaram pela minha mão. Me senti um médium que incorpora ao mesmo tempo em que finge incorporar. Finge e nunca foi tão verdadeiro. Repete o que já existe como se o criasse. Será que é isso? Será que é a consciência de estar fazendo algo que já foi feito que nos faz sentir como se não estivéssemos realmente fazendo aquilo, mas como se cantássemos a música de outra pessoa? Como se todo o nosso esforço criativo não passasse, no fundo, de uma imitação? E será que é justamente dessa consciência da imitação, essa angústia moída de não ouvir a própria voz, que surge, lá no íntimo, alguma coisa genuína? Um mínimo traço de autenticidade que irradia, no papel, um caminho? Algo que só quem está inteiro no que faz, e de verdade, pode fazer? E será também essa consciência que nos traz aos poucos a sensação de que essa coisa genuína, pessoal, só surge porque se conheceu outras, para então, conscientemente, se destacar delas, e, enfim, *ser*?

No labirinto de palavras, entre frases e parágrafos que não me pertenciam, escrevi de repente: *estou aqui*. Nunca senti que colocava no papel uma coisa tão minha. Como o caminhante que só reconhece o próprio caminho porque se perdeu em tantos outros.

Foi preciso voltar bravamente à estante e aos livros para encontrar num deles a confiança de um autor lido em todo o mundo, há dois séculos: a busca da própria voz é a angústia e a delícia de todo bom escritor.

O jejum estava terminado. ☘

Ele [o texto] apenas me despertou uma sensação estranha, como quem encontra um filho sem saber que é seu e tem um sentimento fundo, sem identificação. Uma espécie de reconhecimento anônimo. Vontade de ao mesmo tempo abraçar e de virar as costas.

Dá uma olhada na declaração de bens da candidata: patrimônio da humanidade.



Vote  
CATARATAS  
DO IGUAÇU

Para uma das novas 7 maravilhas da natureza

Essa Maravilha  
É NOSSA

A beleza das Cataratas do Iguaçu é motivo de orgulho para brasileiros e argentinos. Agora, esse Patrimônio Natural da Humanidade precisa do seu voto para ser uma das 7 Novas Maravilhas da Natureza.

Acesse [www.votecataratas.com](http://www.votecataratas.com) e participe.

# A RELATIVIDADE do olhar

Se Jerônimo Teixeira tivesse publicado apenas 2 dos 11 contos de **ANTES DO CIRCO**, o livro seria excelente

MARCIO RENATO DOS SANTOS • CURITIBA - PR

Leitor do **Rascunho**: qual foi o último livro de contos que você leu, e que em sua opinião, aglutina apenas textos excelentes? Lembra? Ou então um livro com apenas contos bons? Consegue recordar? Mas um livro reunindo alguns contos ótimos, outros bons e até uns ruins, desse você tem lembrança, não tem? Simultaneamente, é possível afirmar que contos, que você considera ótimos e/ou bons podem ser, os mesmos contos, razoáveis ou mesmo péssimos, sob o ponto de vista de uma outra pessoa, não é mesmo? Tais indagações surgem diante, e após, a leitura de **Antes do circo**, livro com 11 contos, de autoria do jornalista gaúcho radicado em São Paulo Jerônimo Teixeira, que atua na revista *Veja*.

Os 11 contos não apresentam, necessariamente, unidade entre si. Seria possível afirmar, se não fosse revelada a identidade de Teixeira, que determinados contos são de um escritor, outros de um segundo autor e assim por diante. Há também a percepção, e é importante salientar que se trata de uma opinião particular, agora tornada pública, de que alguns contos — dois em especial — são excelentes, alguns bons e outros não-excelentes nem bons. De todo modo, se faz urgente apontar algumas características que se evidenciam, seja em uma primeira, segunda ou terceira leituras realizadas por este resenhista antes da confecção desta mera resenha, banal ponto de vista, assumidamente desimportante texto que não é uma crítica (talvez “achismo”).

## Narrador que conversa

Uma vez que 2008 se faz literariamente, também, pela lembrança dos 100 anos da morte de Machado de Assis, um aspecto presente, e peculiar, em contos e mesmo romances do escritor fluminense também acontece na prosa teixeiriana. Trata-se do narrador que conversa com o leitor e interfere mais do que ativamente na condução do enredo. Isso se dá no conto *Melodrama*, em que uma tragédia une um casal: ele se torna tetraplégico; ela, apenas aceita a condição de babá-enfermeira. A “história” é quase secundária, tamanha a presença do narrador que, por exemplo, imediatamente após enunciar a palavra “estouvado”, comenta: “(a palavra anda um tanto em desuso, mas o leitor, se soube observar o bigodinho fino e canastrão do personagem, já terá visto que a história se desenrola no passado)”. E muitos dos contos teixeirianos se passam no passado.

No conto *Unheimlich*, também há um narrador mais do que participativo, talvez intrometido. Só que neste caso, o narrador apenas anuncia que vai “contar” algo e, no final, não cumpre o prometido. Ou seja: há uma expectativa de que será narrada uma “história”, mas “nada” é contado. O conto é, entre outras coisas, pretexto para o autor enunciar pontos de vista (“A vida acadêmica não poucas vezes é determinada antes por preguiçosa conveniência do que por legítimo interesse intelectual.”). Se isso — narrador participativo — é ótimo, bom, razoável ou péssimo? Cada leitor que decida. Mas funciona? Sim. Tanto em *Melodrama* como em *Unheimlich*, a estratégia fissa a atenção e até mesmo abduz quem lê — e isto é mera opinião pessoal, como já foi pontuado, mas é importante repetir.

## Excelência literária

Se Jerônimo Teixeira, ao invés dos 11, tivesse publicado apenas dois contos — *Deus em Porto Alegre* e *Pedacinho do céu* — seria possível, sem nenhuma hesitação, afirmar: trata-se de um excelente livro de contos, possivelmente o melhor de 2008, pelo menos até agora. Mas **Antes do circo** traz, como já se observou, 11 textos ficcionais. De qualquer maneira, que é o que se tentava articular no início desse parágrafo, *Deus em Porto Alegre* e *Pedacinho do céu* são duas obras-primas, pontos altos da história do conto em literatura brasileira ou mesmo no idioma português.

Ambos são os contos mais longos do livro. Mas não se irmanam apenas por esse detalhe. Nos dois textos, há alusões a Porto Alegre, e não se trata de saudosismo nem de elogio. “Porto Alegre é o atoleiro do talento!”, um personagem carimba em meio ao conto *Pedacinho do céu*. Em *Deus em Porto Alegre*, a capital gaúcha — com chuva, prédios centrais deteriorados e outras ruínas, inclusive humanas — é o cenário de uma trama que se passa em meio à expectativa de uma apresentação de João Gilberto na cidade (o *Deus* do título é uma referência ao músico).

No conto *Deus em Porto Alegre*, um jornalista recebe como missão, e também prêmio, fazer a cobertura de um show do grande nome da bossa nova e da música brasileira. A partir disso, há, também, uma desconstrução do que, na visão do autor (jornalista que é), pode ser a rotina em uma redação de jornal:

*O Jornalista entra na redação. Agitação de outros corcundas, anões intelectuais, aleijões morais, vampiros anêmicos, vermes bípedes. Um colega vem cumprimentá-lo, dá-lhe um tapinha nas costas — e aproveita para lhe cravar o punhal na corcunda, como um picador espeta a lança nas costas do touro. O Jornalista nem se importa. Já não sabe mais sofrer.*

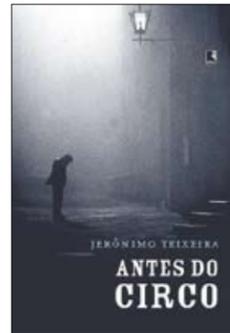
Em meio a citações de frases de letras de canções bossa-novistas, o que se insinua — no conto *Deus em Porto Alegre* — é uma espécie de tristeza sem fim para um jovem jornalista com algum talento e vontade que procura fazer o melhor que o seu suor permite, mas tem todos os projetos de vida podados, editados, destruídos enfim por outros personagens, hierarquicamente mais bem posicionados, que habitam não apenas uma Porto Alegre ficcional desenhada por Teixeira, mas até mesmo outros tacanhos e provincianos pontos do Brasil real distantes das megalópoles Rio de Janeiro e São Paulo.

O conto *Pedacinho do céu* é feito a partir de um momento presente sobreposto por um regresso ao passado, retomada do tempo que seria o hoje para os personagens, interrupção de volta para o passado: moto-contínuo disso. Dois amigos que conviveram durante o período de faculdade, em Porto Alegre, se reencontram em uma praia de Florianópolis. Ambos ambicionavam trilhar veredas intelectuais, mas fracassaram. A presença de uma personagem feminina amalgamava a proximidade entre os dois naquele pretérito mais do que perfeito. O texto problematiza, liricamente, o mote a vida que poderia ter sido e não foi, e pode, arrematadamente, comover eventuais leitores.

## Ó, mundo tão desigual

Depois de fruir *Deus em Porto Alegre* e *Pedacinho do céu*, se torna complicado, difícil, mas necessário até — sobretudo se esse espaço é uma resenha de todo o livro **Antes do circo** — estabelecer comparação entre os dois excelentes contos com outros textos que o autor enfaixou na mesma obra. Há momentos interessantes, como os muitos sintéticos *Reduzir a pó os testículos* (que, a exemplo do que o título sugere, trata de castração) e o texto que empresta o nome ao livro (que faz pensar na origem da selvageria enjaulada que faz rir platéias ao redor de picadeiros). Mas há contos — como *Onde a sombra bebe café* e *Páginas arrancadas de um tratado de estética* — que, para este leitor ao menos, se apresentam não apenas como ruins, mas incompreensíveis. São textos escritos em português. Não há experimentalismo de linguagem. Mas não “param em pé”. Ou a intenção do autor foi problematizar um eventual nonsense com enredos sem sentido?

O leitor do **Rascunho** já lembrou de um livro de contos que traz apenas textos excelentes? Ou mesmo somente bons contos? E do livro de contos com alguns ótimos, outros bons e até mesmo textos ruins e/ou péssimos? O óbvio ululante reza que tudo depende do olhar, de quem lê, seu repertório, detalhes esses que alguns comentam, outros repetem, etc., e então tudo isso se elabora diante da publicação, e da leitura, de **Antes do circo**, de Jerônimo Teixeira, um livro que instiga, faz pensar e — no caso deste resenhista — reconhecer o talento literário do autor, sobretudo pela presença de dois contos sublimes, *Deus em Porto Alegre* e *Pedacinho do céu* (como já foi apontado, mas vale a repetição insistente). ☛



**Antes do circo**  
Jerônimo Teixeira  
Record  
127 págs.

## o autor

**JERÔNIMO TEIXEIRA** nasceu em Montenegro (RS), em 1968. Defendeu a dissertação de mestrado *Drummond Cordial* em Teoria Literária na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. É autor da novela **As horas podres** (Bertrand Brasil). Jornalista, atua como setorista de cultura, na revista *Veja*.

## trecho • Antes do circo

Raul fala sem o resguardo da pose, como falava na pensão, amolecido pela maconha. Não o interrompo, ouço apenas — três, quatro horas? Raul fala. O sol já se esconde atrás das nuvens pesadas e baixas que cobrem os morros. Amanhã chove.

As mãos de Raul, veias cinzentas e grossas sobre a toalha azul, o cigarro consumindo-se entre o indicador e o médio da mão direita. Está calado agora. Estamos calados. Raul apaga o cigarro no cinzeiro cheio. Inclina-se sobre a mesa, beija minha face esquerda. E se vai.

Sair, semear. Deixo o *Pedacinho do Céu*. A areia faz um barulho esquisito sob os sapatos. Aos poucos, a brisa do mar vai apagando essa suave comichão que sua barba provocou no meu rosto.

## Sincronize o corpo e a mente na Zen Pilates.

Conquiste o equilíbrio desenvolvendo força e flexibilidade.

- Aulas individuais
- Aulas particulares com até 03 pessoas
- Estúdio com equipamento completo

Agende agora  
uma aula  
experimental  
grátis!

**ZENPILATES**  
www.zenpilates.com.br

# O poeta sórdido: na prática

Coletânea de contos mostra a opção de **FAUSTO WOLFF**, morto recentemente, pelo lirismo dos loucos

VILMA COSTA • RIO DE JANEIRO – RJ

*Vou lançar a teoria do poeta sórdido.*

*Poeta sórdido:*

*Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.*

*Vai um sujeito.*

*Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco muito bem engomada, e na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe o paletó ou a calça de uma nódoa de lama:*

*É a vida.*

*O poema deve ser como a nódoa no brim:*

*Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero...*

(Nova poética, de Manuel Bandeira)

A coletânea **Melhores contos**, de Fausto Wolff, reúne nove textos selecionados por André Seffrin que nos apresenta, em síntese, a obra de um escritor plural e ao mesmo tempo unificado pela sua irreverente postura crítica frente à sociedade, ao mundo e à vida. Wolff, jornalista, cronista, romancista, contista, tradutor, poeta, é um legítimo representante, na prática da literatura e do jornalismo brasileiros, do que Manuel Bandeira lançara no início do século passado como a “teoria do poeta sórdido”. Falamos aqui do poeta em seu sentido mais amplo, sentido este que transcende o do simples fabricante de versos: trata-se daquele cuja escrita traz um conteúdo estético que atravessa os textos, utilizando diferentes formas de expressões artísticas.

Ainda nos referindo às teorias poéticas do velho Bandeira, Wolff se posiciona através das vozes de narradores, de personagens, de sujeitos líricos, ou de repórteres e cidadãos do mundo: “Estou farto do lirismo bem comportado/ do lirismo funcionário público, com livro de ponto expediente protocolo e manifestação de apreço ao Senhor Diretor”. Desse desabafo, ou melhor, manifesto, é que derivam seus afetos, seus desafios e sua produção escrita. Como Bandeira, proclama: “Quero antes o lirismo dos loucos/ o lirismo dos bêbados/ o lirismo difícil e pungente dos bêbados...” Neste sentido, como constata André Seffrin no prefácio do livro: “Seus melhores personagens são aqueles com os quais ele, autor, se identifica. Os excluídos, os humilhados e ofendidos, os que não aceitam a hipocrisia e a mentira, os que se revoltam”.

A opção pelo lirismo dos loucos ou pelo difícil e pungente lirismo dos bêbados implica um mar de contradições. Entre elas, vê-se em sua ficção uma gama bem variada de textos com matizes que se estendem desde o romântico carinhoso pelas crianças e pelos inocentes desvarios dos alienados até a mais desencantada e sarcástica crítica ao sistema. Nesta última abordagem, predominam o derrotismo em relação ao presente e as previsões catastróficas em relação ao futuro. Assim, sua escrita funciona, ainda, como metralhadora giratória, poucos no âmbito político e social encontram-se livres de sua mira certa.

Em *O jardineiro*, o narrador é um repórter que logo no primeiro parágrafo parece abrir uma crônica jornalística. “Como todo país neoliberal do Terceiro Mundo, o Brasil é uma democracia. Tanto o Executivo, como o Judiciário, o Legislativo e a Mídia estão de acordo.” A ação é entrecortada com frequência pela voz narrativa que tece comentários analíticos e críticos sobre a sua visão de conjuntura e de desgoverno que a sociedade neoliberal, em especial a brasileira, vem tomando. Tudo conduziria à leitura de uma crônica, se não fossem as surpresas e invenções ficcionais que vão recheando o texto e desviando essa rota. Aqui, os quatro poderes institucionais articulados são cúmplices de um sistema que condena ao silêncio os demais: “como a maioria não se faz ouvir, ou seja, não tem como reclamar, não há atrito na máquina social”. O conto em questão reporta-se a um tempo no qual a morte, que “no final, ...vence sempre”, é anunciada, previamente. Como jornalista, o narrador parte para entrevistar um ex-colega medíocre e “importante” com data marcada para morrer. Apresenta Arrabão como alguém que já nasceu *ex-croto*, sem ter sido jamais *croto* (gente boa, honrada). “Nem a paixão pela jardinagem, seu único *hobby*, além daquele de roubar os pobres para dar aos ricos, poderia livrá-lo do inferno, quando morresse.” O *hobby* anunciado no título do conto, de simplicidade pueril num primeiro momento, é tão estranho quanto o personagem e a ação que se desencadeia.

*O canibal* talvez seja o conto que mais enfatiza o caráter

apocalíptico de um futuro próximo para as grandes cidades governadas pelo neoliberalismo selvagem. Os fatos desenrolam-se por volta de 2012, aproximadamente, depois de se oficializar “por debaixo dos panos” o que o narrador define, inicialmente, com o tom de suspense como *a coisa*. Sem prolongar muito a curiosidade do leitor, logo esta é definida como a prática generalizada de canibalismo no sentido mais comum da palavra. O fato de a carne humana ser servida no cardápio cotidiano não antevê qualquer referência aos fins simbólicos, ritualísticos, ou religiosos dos nossos homens primitivos. Percebe-se apenas a carnificância de uma violência movida pela fome dos miseráveis ou pelo prazer dos poderosos de desfrutar privilégios, entre os quais se destaca a degustação de iguarias. Afinal, com sinceridade incômoda o narrador se pronuncia: “vou confessar uma coisa: carne humana vicia mais que cigarro ou álcool”.

## Impotência

Com *A menina*, o motivo infante-juvenil se manifesta, retirando do desamparo de uma criança lições de vida para o público adulto, muitas vezes sem memória da própria infância. Lisa é a menina não desejada nascida de uma família de classe média alta cujos avós “eram patriarcas” e, como os pais, “freqüentavam o Jockey, o Fluminense e o Iate”. Era uma *gauche* na vida, abandonada num internato para filhas de pais ricos, desajustada, ridicularizada pelas companheiras. É nesse sentido que o narrador avalia que “poucas colegas naquele internato haviam sentido na pele a máxima de La Fontaine de que a criança não conhece compaixão”. Tanto a mãe quanto o pai, tão absortos em suas vidas, não pareciam se importar com a de Lisa. Entender o que acontecia, ela não entendia... Continuava em sua tristeza de Patinho Feio, esperando virar Cisne ou, simplesmente, ser acolhida com o amor de um pai herói que só existia em seus sonhos. A linguagem desse conto destoa do que o antecede (*O canibal*) e de tantos outros. O narrador assume o ponto de vista e, portanto, o partido da personagem, o que o faz incorporar ao discurso a sua inocência e as suas aspirações quase românticas, se assim se pudesse denominar a carga afetiva e apaixonada que transborda em alguns momentos. Ele admite, ainda, a impotência frente à impossibilidade de dar conta de representar a complexidade da personagem em palavras, papel e tinta: “Seria necessário o talento de um escritor maior para descrever a humanidade temerosa da própria beleza”.

A mesma postura narrativa de compaixão e ternura se processa na construção de *O homem e O passarinho*. Neste último, o narrador compota-se, para começar, como um cronista. Depois de tecer considerações sobre o autismo, passa a falar de uma discussão que ouviu entre dois médicos sobre assuntos profissionais e filosóficos, como os sentidos da vida, da morte e a existência de Deus. Fecha o relato com um espaço na página e três asteriscos para dar continuidade à história de Jesus, “em verdade, tratava-se de uma criança-passarinho, um autista de 18 anos que tentava, embora não o soubesse sair de dentro da escuridão que existia dentro dele”. As formas que Jesus Justo encontra para sair dessa escuridão vão sendo delineadas no texto em vários sentidos: o passarinho fuge de Juiz de Fora, bate a cabeça nas pilstras do hospício quando está com raiva, engole tesouras, alicates, parafusos sob o comando da mãe Vingança, poetisa sobre a vida e sobre “o lindo amor”, apaixonou-se e desapaixou-se seguidamente, apega-se a amigos como Rafael e um rato. Entre as referências de uma realidade concreta, marcadas por espaços conhecidos e geograficamente definidos, como o Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro e o Rio de Janeiro, o absurdo se instala com naturalidade através de ações aparentemente incongruentes como elementos do sonho ou da loucura. Com relação ao personagem, um fato era indiscutível: “o que ele queria dar e não sabia, o que ele queria receber e não sabia, era amor”.

*A puta* é uma história de amor entre o gringo Ulf e a prostituta Brasília. Ao mesmo tempo em que os dois se aproximam e se unem, ela vai deixando para trás sua língua, sua cultura e sua identidade. Brasília amava Ulf, como Iracema amava Martim, como Peri amava Ceci: uma sutil referência intertextual à temática amorosa como elo entre colonizador e colonizado. “Brasília amava Ulf, que lhe dava tudo, menos sua identidade de volta.” O narrador participa da trama como personagem secundário ligado

ao estrangeiro por vínculos profissionais, já que participavam juntos de uma equipe de filmagem. Contextualiza o enredo referindo-se brevemente ao panorama cultural de 1975, na Cidade do Rio de Janeiro. Aproveita também para declarar seu amor pela cidade, na qual o encontro amoroso dos personagens tornou-se possível. Por outro lado, pára para refletir sobre o processo de escrita, é assim o texto é perpassado pela metaficção como marca contemporânea de construção textual: “Escrever um conto e tentar descrever Copacabana, principalmente a Avenida Atlântica num glorioso dia de verão, não é coisa para o meu bico, é coisa para escritor mais íntimo de Deus e dos mistérios do porquê ele decidiu concentrar tanta beleza num só lugar”.

## Crítica social

Em *O homem*, Cabelinho também percorre toda uma saga de rebelião e aparente loucura. Através dele e do caminho acidentado percorrido por esse revoltado atirador de pedras, ou Anjo Apedrejador como se autodenomina, há uma contundente crítica social. Ele revolta-se contra a família, vira-lhe as costas no exato momento em que o prédio onde morava desabara. “Descobri que as estruturas familiares estavam podres...”. Indigna-se contra a mentira propagada pela televisão, contra a agressão do mais forte sobre o mais fraco, contra o sistema financeiro, contra os cobradores de imposto, contra os políticos demagogos. Sua reação mais comum era o apedrejamento e para isso encontrava sempre cúmplices fiéis. “A sinceridade de Cabelinho, a honestidade da sua ira jamais deixaram de impressionar os passantes que logo se juntaram a ele no apedrejamento.” O destino derradeiro de Cabelinho é anunciado logo no primeiro parágrafo e é fácil supor que não pode ter tido um final feliz, depois de ser preso como demolidor, retido no hospício, e perseguido de muitas formas. Simbologias, metáforas, incoerências são elementos integrados à ação e à construção da trama de maneira coesa e convincente, de modo que, apesar de todos esses elementos conspirarem para intensificar a denúncia, o texto nega a condição funcional de mero panfleto. Ou seja, apesar de ser protesto, não pára por aí, é bem mais que isto.

Todos os esforços na articulação dessa linguagem reúnem múltiplos e conflitantes elementos, entre os quais a fundamental “marca suja da vida”, quer seja em prosa, em versos, em fragmentos, em reportagens, em desabafos ou em crítica militante. Esse poeta soube fazer “o leitor satisfeito de si dar o desespero...”, porque, como “a nódoa de lama na roupa de brim branco muito bem engomada”, lá está a vida, impregnada de suas contradições e desesperos, lutas e utopias. Este livro de contos revela o escritor em suas variadas faces: paixão, indignação, empenho, competência, compulsão em vários níveis, um radical amor pelas formas simples do cotidiano e pela urgência dos seus registros. Foram estas as marcas que nortearam a trajetória de Fausto Wolff, recentemente interrompida pela morte. Lê-lo e partilhar de suas buscas pode ser uma singela homenagem ao irmão que partiu e deixou através de sua criação e obra, em meio a tantos desencantos, a esperança numa humanidade sofrida, que como sobrevivente do caos contemporâneo, ainda sabe revelar seus amores, suas dores e sua força. ☛

## O autor

**FAUSTO WOLFF** nasceu em Santo Ângelo (RS), em 1940. Iniciou a carreira de jornalista aos 14 anos como repórter policial em Porto Alegre. Em 1958, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou para vários jornais, revistas e redes de televisão. Residiu dez anos na Europa, período em que escreveu para cinema, dirigiu teatro, foi correspondente de jornais brasileiros e ensinou literatura nas universidades de Nápoles (1968 a 1972) e Copenhague (1972 a 1978). Foi um dos editores de *O Pasquim* e escreveu milhares de artigos para a imprensa. Alguns de seus livros foram sucessivamente reeditados, a exemplo de **Sandra na terra do antes**, com mais de 50 mil exemplares vendidos, traduzidos para várias línguas e cuja primeira edição saiu em folhetim na Dinamarca. Traduziu para o português autores norte-americanos e europeus. Romancista, contista e poeta, conquistou os prêmios Revelação de Romance JB, Academia Mineira de Letras, União Brasileira de Escritores, Feira do Livro de Porto Alegre, Nestlé e Jabuti, entre outros. Morreu em 5 de setembro, aos 68 anos.

## BREVE RESENHA

IGOR FAGUNDES • RIO DE JANEIRO – RJ

Em um mundo antropocêntrico, que naturalizou a invenção ocidental e moderna da subjetividade e deslocou o sentido da *poiesis*, originalmente vinculado à dinâmica criativa e pessoal da natureza, para o campo restrito da expressividade humana, o tocante livro de poemas **A duna intacta**, de Maria Dolores Wanderley, presenteia-nos com uma “telúrica” lembrança: antes de criador e doador de sentidos, o homem é um doado e criado pelas forças artísticas da inesgotável Terra-Mãe, da qual é feito — feito de *humus* — e, por isso, como ela, pode ser também gerador e transfigurador de si e das demais “coisas caladas, quietas” a cercá-lo. A arte não tem compromisso com a exteriorização de um dentro, na medida em que este, povoado por tantos foras, se nega na interface das infinitas vozes estrangeiras que o cruzam. Por nos (des)contornarmos porosos e permeáveis a esse mundo aparentemente externo é que podemos devalver, reconfigurado, o vigor dele recebido: na iminência de qualquer extravasar, já terá vazado sempre, sobre e sob nós, a realidade que “convida a ouvir raízes,/ folhas, lama// — trabalho do caranguejo”.

A amorosa escritura de Maria Dolores Wanderley dá-se nessa

construção dialógica e poética da vida que “pousa cores no jardim” e “dimensiona volumes, texturas”. Como outrora pulsou a Gaia ou a *physis* na Grécia Arcaica; a *Onilé* ou *Ayé* de Ifê, na África; como outrora Eros fez-se nome para a irmanação de todas as coisas e como rezamos, afro-descendentes, o axé que movimentava, aproxima e fertiliza os seres. À semelhança de um Alberto Caeiro que deixa as coisas serem elas mesmas para que se nos revelem sua própria poeticidade, libertas de sentidos e fundamentos que serão sempre nossos e nunca delas, Maria Dolores parece zelar por este intacto das dunas, de maneira que, intocáveis, permaneçam sempre virgens, isto é, à espera de olhares e dedos e pés que as fecundem, *ad infinitum*, como que pela vez primeira. Sem a mácula com que os homens roubam da areia o arear, da flor o florir, do mar o... Amar!

O título do livro reúne ainda duas grandes questões que levam as gentes de todas as épocas a perguntarem pela gênese e horizonte de tudo o que há: a mudança e a permanência. “Duna” traz a imagem da desfiguração, do devir, do provisório e do mutante, enquanto “intacta” evoca o contraponto do repouso. Na concomitância de sermos outros e os mesmos; de não perdermos a sensação de continuidade sem a qual sequer poderíamos perceber que mudamos, o tempo, preenchendo os espaços da travessia, instaura-se como o grande lugar desta poética que “não tem a precisão/ das horas/ não segue inexorável/ os ponteiros do relógio”; que “muda com as estações (...)/ enquanto giramos” e que se vê “gigante pela fresta” aos “49 anos”. Mesmo quando a falar de si, a poeta pede que a natureza — com a qual comunga — fale, mas não para subordiná-la às formas humanas de vê-la e, sim, para que o poema seja visto pelas formas

com que a natureza o escreve. Muito mais sincero do que se projetar e se espelhar nas “ondas ressacas maresia/ barcos distantes/ brisa leve leve” é permitir que estes se projetem e se reflitam no próprio corpo da autora, tornando-o terrosa obra, posto que autores de todo afeto a encorpar/incorporar palavra.

Enquanto boa parte da crítica literária requisita que os poetas cantem o presente e insuflam-se das angústias urbanas, pós-modernas, capitalistas, apocalípticas, Maria Dolores Wanderley ensaia sua plástica música celebratória, mas nem por isso abstém do contemporâneo. Na autofagia da ciência e de suas promessas de progresso, a exploração e o esgotamento da natureza pelo homem, que agora o ameaçam e o castigam, rogam que o barulho e babel das cidades envidraçadas se rendam à escuta de um silêncio no qual “múltiplas janelas se abrem”, embora, hoje, quase afônico, por tanto gritar. E porque gritamos demais e estamos roucos com a esterilidade do falatório, esta poesia reivindica o sussurro, a contenção, a serenidade, a pausa (mesmo quase livre de sinais de pontuação) e a convivência com essa tal voz sem idiomas nem som à qual o homem atual não cede ouvidos. Daí, alarma-nos tanto ter que discorrer sobre exímia poesia de “beleza e fugacidade”, como se roubássemos dela, de seu movimento, o que se nos presenteia intacto e assim merece ser mantido. Ferimos o calar que pode dizer tão mais nas “veredas percorridas”. E dizemos tão menos do que a alegria do corpo ao saber que, mesmo não flutuando, tem “um chão para pisar” — “agora uma folhagem, um tapete/ onde brincamos de descobrir a paisagem”: “tudo é passível de brotos/ basta um fio de ternura persistindo”. ☛



**A duna intacta**  
Maria Dolores Wanderley  
Editora da Palavra  
83 págs.



**Melhores contos**  
Fausto Wolff  
Global  
184 págs.

# Necessário resgate

Biografia coloca o músico **Jayme Ovalle** novamente em uma posição importante na cena cultural brasileira

RAFAEL RODRIGUES • FERIA DE SANTANA – BA

Foi lendo as crônicas de Fernando Sabino que conheci Jayme Ovalle. Isso aconteceu em 2002. Mesmo ano em que li o romance **O encontro marcado**, obra-prima de Sabino, no qual há um personagem chamado Germano, claramente inspirado em Ovalle. Na verdade, Germano é Ovalle.

Em uma de suas crônicas, Sabino cita um livro de Ovalle. Lembro de ter procurado pelo livro e pelo autor em sistemas de busca na internet e também na biblioteca da faculdade. Mas não encontrei nada. Óbvio: Ovalle não chegou a publicar um livro.

Mais conhecido como músico (apesar de não ter passado das 33 composições concluídas, por achar que era o número perfeito, pois 33 é a “idade de Cristo”), Jayme Ovalle inspirou diversos escritores e intelectuais brasileiros que com ele conviveram. Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Dante Milano, Murilo Mendes e o próprio Fernando Sabino são alguns exemplos.

Todos eles escreveram sobre Ovalle, ou sobre (e sob) sua influência. Cada um tinha uma história curiosa para contar, como a de quando Jayme Ovalle se apaixonou por uma pomba. Ou de como chorava para convencer seus amigos de que estava certo. “Você está errado. Quer que eu chore, para provar?” E ele caía em pranto. Aos soluços, dizia: “Está convencido agora? Tenho ou não tenho razão?”.

Se estivesse vivo, Fernando Sabino elogiaria efusivamente a publicação de **O santo sujo**, biografia de Jayme Ovalle escrita por Humberto Werneck. Na crônica *Um gerador de poesia*, escrita para homenagear o amigo falecido, e de onde foi retirado o “caso do choro”, Fernando diz:

*Muito antes de estarmos juntos eu já havia lido os poemas de Bandeira nele (ou por ele) inspirados. E a crônica “O Místico”, a propósito de sua partida para Londres. E a “Nova Gnomonia”, sobre sua classificação de todos os seres humanos em cinco categorias. Schmidt já me falara das “noivas de Jayme Ovalle”, não só através de seu belo poema, mas pessoalmente, contando casos pitorescos com ele vividos em noites de boemia na Lapa. Já ouvira de Di Cavalcanti as suas histórias de Paris. Conhecia “Azulão”, “Berimbau”, “Modinha”, sabia de sua fama de músico e poeta. Mas era ainda um mito, de contornos imprecisos, cuja existência eu atribuía em parte à imaginação criadora de seus amigos.*

*Até que vim conhecê-lo pessoalmente — e foi um impacto para a minha vida. Nosso convívio diário durante quase três anos, morando a princípio no mesmo hotel em Nova York, era um deslumbramento permanente para a minha sensibilidade. Bebíamos juntos todas as noites, almoçávamos juntos todos os dias, e embora a diferença de idade entre nós fosse de mais de trinta anos, éramos como dois velhos amigos.*

A crônica é quase um perfil de Ovalle. E termina:

*Vinicius acaba de me telefonar da Bahia. Peço-lhe que me defina Jayme Ovalle, e ele me responde imediatamente:  
— É o poeta em estado virgem. A mais bela crisálida de poesia*



**O santo sujo — a vida de Jayme Ovalle**  
Humberto Werneck  
CosacNaify  
400 págs.

*que jamais existiu, desde William Blake. É o mistério poético em toda a sua inocência, em toda a sua beleza natural. É voo, é transcendência absoluta. É amor em estado de graça.*

Tal como aconteceu comigo, Humberto Werneck descobriu Ovalle quando adolescente. E, assim como eu, ficou deslumbrado ao saber da existência de uma figura tão peculiar. Do deslumbramento adolescente nasceu a vontade de pesquisar sobre aquele homem que às vezes até mesmo seus amigos diziam não ter existido. Essa vontade de saber resultou no livro **O santo sujo**.

O trabalho de Werneck não foi fácil. Afinal, aqueles que melhor poderiam falar sobre Ovalle já estão com ele, conversando longamente, de sepultura a sepultura, no silêncio das madrugadas. Por sorte, todos aqueles que foram irradiados pela energia de Ovalle escreveram sobre ele. Tais escritos (poemas, crônicas, romances) serviram de apoio para a biografia. Mas só isso não resolveria o problema. Humberto precisou mergulhar na vida de seu personagem, e suas pesquisas se estenderam por quase vinte anos — mesmo que não ininterruptos.

A biografia não tem início no nascimento de Ovalle, nem se restringe apenas a seus passos. Humberto Werneck garimpou a origem da família Ovalle e, além de narrar a vida do músico, faz uma bela retrospectiva de toda uma época, seus costumes, seus personagens e suas peculiaridades.

Nascido em Belém do Pará, em 4 de agosto de 1894, Jayme Ovalle foi o terceiro dos sete filhos do casal Mariano Ernesto Ovalle e Raymunda Elisa Coelho. Em 1911 sua mãe, viúva pela segunda vez, resolve mudar-se para o Rio de Janeiro. Os filhos iriam depois que ela se estabelecesse por lá. Por conta de uma série de coincidências (e algumas influências), ele consegue um bom emprego na então capital do país.

Aquela época, a cidade era só novidade. Tudo o que fosse “novo” estava lá ou primeiro “aparecia” lá. Não poderia ser ambiente melhor para o jovem Ovalle. Na cidade com 928 mil habitantes em 1911, os círculos de intelectuais

e artistas não eram tão espalhados, dispersos, como hoje. Tudo era mais concentrado, todos eram mais próximos, no sentido de que não era difícil dois ou três grupos de amigos volta e meia se encontrarem nos mesmos lugares. Foi assim que Ovalle conheceu diversas personalidades e conviveu com Pixinguinha e Chiquinha Gonzaga, por exemplo.

Mais lembrado pelas histórias engraçadas que protagonizou e pelas declarações de efeito que sempre proferia, Ovalle tem outras facetas reveladas em **O santo sujo**, como a do artista que não consegue dar forma a sua obra. Mário de Andrade, em carta a Manuel Bandeira, afirma:

*O que fica mesmo por enquanto de bem firme na minha opinião é que nunca vi incapacidade criadora artística maior que a dele. Digo artística porque no pasticho musical popular (ele não é popular e daí a palavra pasticho) ele atinge a coisas não tem dúvida que estupendíssimas.*

É incrível como uma pessoa tão marcante e curiosa como Jayme Ovalle quase deixou de existir. Afinal, ele estava na memória e nos textos de alguns escritores brasileiros, e quase todos eles já não estão entre nós. E as obras desses escritores, por mais que surja alguém dizendo o contrário, já não são tão lidas quanto antigamente. Mais alguns anos e não teríamos vestígios de Ovalle. **O santo sujo** chega para corrigir esta homérica “falha” do destino. ♣

## O autor

**HUMBERTO WERNECK** nasceu em Belo Horizonte, em 1945. Vive em São Paulo desde 1970. Começou a trabalhar como jornalista no *Suplemento Literário de Minas Gerais* e, entre outras publicações, passou pelo *Jornal da Tarde*, *Jornal da República*, *Veja*, *IstoÉ*, *Jornal do Brasil*. É autor de **O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais** e **Chico Buarque: letra e música**. Publicou também o volume de contos **Pequenos fantasmas**.

## trecho • O santo sujo

Na época do bafafá do “Corta-jaca”, em 1914, Jayme Ovalle tinha vinte anos de idade, três de Rio de Janeiro — e já era uma figura reconhecível nos meios boêmio-musicais cariocas. Ainda sem o monóculo que em breve haveria de compor sua estampa antiquada e romântica, o jovem escriturário do Ministério da Fazenda podia ser visto, quase toda noite, pelos botecos e vielas da Lapa, a sobraçar seu violão — instrumento que ele, destro para tudo o mais, tocava com a mão esquerda, mesmo que tivesse sido afinado para a mão direita, e que, segundo atestará Manuel Bandeira no artigo “Ovalle”, “não se parecia com nenhum outro”.

## RITA NO POMAR

romance de Rinaldo de Fernandes

“Uma Medéia tropical, no melhor estilo serial killers de Hollywood.”

Silviano Santiago

Sinto cada vez mais necessidade de, nas noites, escrever.  
Se você lesse... Eu confiaria em mostrar o que escrevo a um cachorro, sabia? Mas só a um cachorro.

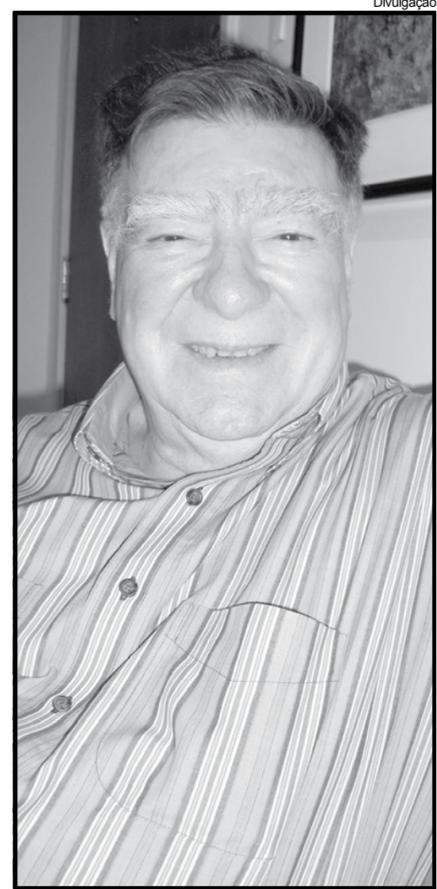


Rinaldo de Fernandes **RITA NO POMAR**  
romance

# Manifestações CRIATIVAS

**Ubiratan D'Ambrosio** nasceu em São Paulo, em 1932. É bacharel e licenciado em matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, doutor em matemática pela Escola de Engenharia de São Carlos e pós-doutorado pela Brown University (EUA). D'Ambrosio é professor emérito de matemática na Unicamp; professor do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da Ciência da PUC-SP; professor credenciado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da USP; e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Unesp. Foi presidente da Sociedade Brasileira de História da Matemática; presidente do International Study Group on Ethnomathematics; presidente do Instituto de Estudos do Futuro; pesquisador e membro do Conselho Diretor do Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão — Arte, Tecnologia e Comunicação, da USP; membro do Conselho Diretor do Institute for Information Technology in Education, da UNESCO, sediado em

Moscou; e membro do Conselho Científico do Museu de Astronomia e Ciências Afins, do Conselho Nacional de Pesquisas. Também é *fellow* da American Association for the Advancement of Science e é presidente Honorário da Sociedade Brasileira de História da Ciência. Já foi coordenador dos Institutos de Pesquisa da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo; chefe da Unidade de Melhoramento de Sistemas Educativos da Organização de Estados Americanos, em Washington; e membro do Conselho da Pugwash Conferences on Science and World Affairs (ONG vencedora do Nobel da Paz de 1995). Em 2001, D'Ambrosio ganhou a Medalha Kenneth O. May, da International Commission of History of Mathematics, e, em 2005, a Medalha Felix Klein, outorgada pela International Commission of Mathematical Instruction. Criador da etnomatemática, publicou as obras **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**, **A era da consciência, Educação para uma sociedade em transição** e **Temas transversais e educação em valores humanos**, entre outras.



## • Qual foi seu primeiro contato com a palavra escrita?

Não me lembro do tempo da alfabetização. Acho que aprendi a ler em casa. Bem criança, ganhei a enciclopédia **Tesouro da juventude**. Gostava muito de ver as bandeiras. Sempre folheava a coleção e lia coisas interessantes. Também gostava da **Enciclopédia Jackson**, de meu pai. Nunca houve restrição a que eu consultasse a sua biblioteca. Como toda criança, eu colecionava figurinhas de balas e preenchia álbuns. Com os amigos do bairro, trocava e negociava figurinhas. E, algo impensável hoje, colecionava carteiras de cigarro, geralmente com imagens muito bonitas. Também se negociavam trocas de marcas raras. Da minha infância, antes de entrar na escola, em meados da década de 30, lembro disso. Acho que a descoberta da escrita está inserida nisso.

## • E a literatura? De que forma ela apareceu na sua vida?

Não me lembro de ler um livro inteiro no curso primário. Com certeza, li alguma coisa. Estudava no Liceu Coração de Jesus, salesiano, e a leitura do catecismo e de trechos bíblicos era importante. De algumas respostas e trechos, lembro até hoje. Os primeiros livros que lembro ter lido foram os de Monteiro Lobato e José de Alencar. Além desses, não me lembro de outros. Na adolescência, com 13 ou 14 anos, lembro-me de ler alguns livros de capa e espada de Michel Zévaco. Meu pai e um tio eram fãs dele e trocavam seus livros. Eu, curioso, comecei a ler e gostei. **Fausta e Fausta vencida** são dois títulos que me ocorrem. Também nessa época fui apresentado, por colegas de classe, a Pitigrilli [*pseudônimo do escritor italiano Dino Segre*]. Li vários livros dele, à noite, em segredo, e em seguida escondendo muito bem esses livros proibidos. Agora, lembrando-me daquele tempo, acho que meus pais sabiam, mas faziam de conta que não percebiam essa minha “transgressão dos bons costumes”. Do curso ginásial na Escola Caetano de Campos, lembro de leituras de trechos, principalmente em francês e latim. O começo do **De Bello Gallico** [*texto de Júlio César sobre as Guerras da Gália*]. Algo de Balzac. E as poesias de Castro Alves e Gonçalves Dias, que faziam parte do curso. Sem dúvida, havia livros exigidos, mas não me marcaram. De 1948 a 1950, cursei o científico no Colégio Visconde de Porto Seguro. A sensação que tenho, hoje, é de aquele ter sido um curso de introdução à literatura. Foi um curso de estudos clássicos e humanidades. Sem dúvida, foram anos decisivos na minha formação. Fiquei fascinado pela história, o que me acompanha até hoje. Em português, além de Gil Vicente, li *Eça de Queiroz*, Machado de Assis e vários poetas. Um dos meus professores, Fritz Ackerman, havia feito seu doutorado, na Alemanha, em 1938, sobre a obra poética de Gonçalves Dias. Imagine o quanto as análises dele me impressionaram. Fui muito marcado pela leitura detalhada, comentada e analisada de **Os Lusíadas**. Li também muito Jorge Amado, Graciliano Ramos e outros, mas não no curso. O curso de filosofia também foi marcante. Várias coisas de Marx e Freud, acompanhadas pelas tragédias gregas. Isso puxava outros filósofos. Nietzsche me impressionou. Em inglês, a leitura dos textos, integrais, de **Five tragedies of Shakespeare**, comentadas e analisadas; em francês, Balzac e Flaubert; em espanhol, Cervantes, Garcilaso e alguns latino-americanos. Embora o Colégio Visconde de Porto Seguro fosse a *Deutsche Schule* brasileira, as restrições impostas com a entrada do Brasil na guer-

ra ainda estavam frescas. Não aprendi alemão — lamento — e não conheci Goethe, Thomas Mann e tantos outros que só iria encontrar um pouco mais tarde, em traduções. Esses autores muito me marcaram. Em outro momento da vida, aproximando-me dos 40 anos, descobri uma outra direção de leitura, uma maior intimidade com o autor e a busca de algo que ele não quis tornar explícito. Foi uma busca de uma dimensão mística, talvez psíquica, da espiritualidade intrínseca à obra. Situo como o ponto de partida para o redirecionamento de minhas leituras o meu acesso ao livro **Love and will**, de Rollo May. Aprendi a ler o meu íntimo. Daí foi uma “refascinação” pela história e pela releitura dos clássicos gregos, de Freud, Jung e Reich. Passei a entender Thomas Mann, Aldous Huxley, Hermann Hesse e o impressionante Robert Musil. Também fui muito influenciado pelo pensamento crítico francês do pós-guerra. Particularmente Lacan, Derrida, Sartre, Merleau-Ponty, Foucault e daí por diante. Foi uma forma de me descobrir. O cinema alemão, particularmente Fassbinder e Herzog, como já havia acontecido com Bergman, se encaixaram muito bem no meu crescente interesse pela visão transdisciplinar e transcultural do mundo simbólico. As leituras populares sobre esse mundo simbólico, então best-sellers entre os mais jovens, me atraíram muito. Li, com muito interesse, o J. D. Salinger, e o interessantíssimo **Zen e a arte da manutenção de motocicletas**, de Pirsig. Essa aproximação com o Oriente, característica do início da segunda metade do século 20, foi e continua sendo, para mim, muito atraente. É o mundo simbólico mostrado no dia-a-dia. O mundo simbólico e imaginário, do qual o passado-presente-futuro (a história no sentido amplo) é parte integrante e dominante no meu modo de pensar. Na verdade, eu sentia que a questão social, como presente no cinema neo-realista, devia necessariamente passar pela questão do indivíduo, na sua intimidade. Passei a ver, no equilíbrio intimidade-alteridade, o significado da felicidade na condição humana. Nesse momento, eu estava muito envolvido com questões de paz, sendo ativo no Movimento Pugwash, do qual fui membro do conselho. O movimento ter recebido o Nobel da Paz foi um grande estímulo para uma releitura mais cuidadosa dos clássicos, principalmente **A arte da guerra**, de Sun-Tzu, **O príncipe**, de Maquiavel, **Da guerra**, de Von Clausewitz e, naturalmente, **Guerra e paz**. Também Shakespeare me ajudou muito a entender o (des)equilíbrio entre emocional e poder, outra forma de intimidade-versus (ou mais?) alteridade. Daí eu ver a paz como a meta maior da humanidade, a única possibilidade de um futuro para a espécie. Mas não simplesmente paz como um acordo ou um armistício entre partes em confronto. Mas paz entendida como um estado em que os conflitos, refletindo a diversidade inerente às espécies, estão conscientemente resolvidos, como conceituei no meu livro **A era da consciência**. Só é possível obter paz, nessa conceituação ampla, se a abordarmos em suas quatro dimensões, numa relação de dependência mútua, simbiótica: paz individual, paz social, paz ambiental e paz militar. A partir disso, foi natural que eu enveredasse pelas ciências ambientais e, principalmente, por estudos do futuro. A literatura de ficção científica, com cenários de um futuro imaginoso e fantasioso, tem me atraído e se incorporou aos meus cursos e palestras.

## • Hoje, que espaço a literatura ocupa no seu dia-a-dia? Ela influencia de alguma forma o seu método de trabalho?

A literatura é parte integrante de meu dia. Mantenho um excelente diálogo com os autores e discuto muito com críticos literários. Gosto muito de crítica literária. Meu método de trabalho aponta para o encontro com o diferente. Hoje, desde já há alguns anos, minha atividade é, fundamentalmente, a história da humanidade, focalizando principalmente a história das religiões, a história da ciência e a história da matemática. Inspirado pela historiografia dos **Annales**, considero-me um *annalense* radical. Busco uma história global, tentando entender a aventura da espécie humana, desde suas origens, quando surge a vida. O que podemos saber do comportamento e do conhecimento da espécie humana desde os primeiros hominídeos? Praticamente nada. É muito significativo o pensamento do paleontólogo George Graylord Simpson, o mais respeitado conhecedor de dinossauros no mundo científico, no seu fascinante livro **A descronização de Sam Magruder**, uma espécie de autobiografia metafórica. Ali se entende a limitação dos historiadores e a importância da narrativa ficcional em estudos históricos. Como historiador, minha interpretação, minha análise das fontes que sustentam, academicamente, um cenário histórico é sempre acompanhada por um colóquio com os ficcionistas que abordam o mesmo cenário. Sendo a ficção uma forma essencial de literatura, esta se integra ao meu trabalho.

## • Você possui uma rotina de leituras? Como escolhe os livros que lê?

Não posso falar em rotina. Minha pesquisa e minhas aulas e palestras (que estão integradas à minha pesquisa) guiam, naturalmente, uma seleção de obras de literatura, particularmente de ficção, que tem algo a ver com os temas. Como estratégia pedagógica, tem sido um sucesso. Minhas aulas são procuradas. Dou um curso de humanidades, destacando ciência e matemática como características da espécie humana e integradas na sua evolução. A história da humanidade (insisto, conceituada como o encadeamento passado-presente-futuro) é a busca permanente de sobrevivência — satisfação de necessidades materiais — e transcendência — satisfação de necessidades espirituais —, visando a explicar e entender o real e o imaginário. Em todas as espécies vivas, a sobrevivência é um pulsão de vida. Na espécie humana esse pulsão é solidariamente associado ao pulsão de transcendência. Nessa visão ampla de história, a antiguidade greco-romana é acompanhada por Homero e Virgílio. A emergência da nova matemática na Idade Média é acompanhada pela **Divina comédia**, e o surgimento da eletricidade, na transição do século 18 para 19, pelo **Frankenstein**, de Mary Shelley. O filme *Robin Hood*, de Kevin Costner, ilustra minhas aulas sobre o desenvolvimento da ciência europeia após as Cruzadas. Assim, também, a expansão imperial dos Estados Unidos, na segunda metade do século 19, é acompanhada por uma audição da ópera *Madame Butterfly*, de Puccini. Ao estudar a industrialização, Júlio Verne não pode faltar. A bibliografia das minhas aulas geralmente tem inúmeras referências a obras de literatura, incluindo cinema e teatro. Mas as leituras descomprometidas com minha pesquisa também têm muita importância. Essas não são planejadas, não são “conscientes”. Aparece um livro, que por alguma razão chama a minha atenção, e me entusiasmo para lê-lo. Muitas vezes se tornam valiosos para meu

trabalho de pesquisador, mas isso não é determinante na escolha desses livros “descompromissados”. Acontece. Um exemplo: por curiosidade, li **Zorro**, de Isabel Allende. E ele se incorporou ao meu curso de história da América.

## • Você percebe na literatura uma função definida ou mesmo prática?

Claro. Ela amplia nossa experiência, aguça nossa crítica e abre espaço para fantasia.

## • Matemática e música são campos habitualmente relacionados. Mas que proximidade pode haver entre matemática e literatura?

Matemática e música se relacionam como manifestações de criatividade. A literatura também é uma manifestação de criatividade. Não concordo com aqueles que relacionam matemática e música, ou matemática e poesia, pelos aspectos formais de ambos, pelas métricas. Essa é uma forma saussurreana de relacioná-las, que enfatiza a forma ou o formal. Isso ofusca o mais importante, que é a criatividade ou o ato de criar. Sou muito mais inclinado pela semântica que pela sintaxe. Igualmente, discuto o qualitativo e o quantitativo, que são a versão matemática do semântico e do sintático. Lamentavelmente, a partir do século 17, principalmente com a adoção da álgebra simbólica, nota-se um reforço do quantitativo, da forma, em detrimento do qualitativo. O século 19 marca a glória do formal. Como educador, tenho advertido para o fato de que hoje, na era das máquinas, inevitáveis e necessárias, o mundo parece ser regido por números e dados facilmente manipuláveis, mas que são aceitos como critério de “verdade”. As máquinas são necessariamente formais e quantitativas. Tenho defendido o retorno ao qualitativo, que é a principal e essencial característica da espécie humana. Conseqüentemente, isso implica em uma valorização do simbólico e do analítico, hoje praticamente desprezados na educação.

## • Como formar um leitor no Brasil?

Acho que uma boa prática nas salas de aulas é comentar leituras, trocar idéias, tecer críticas (evitando a distorção de associar a palavra crítica a comentários negativos). Leituras passadas como “lição de casa” ou leituras feitas na própria aula. Minha experiência: quando comecei a dar aulas de matemática, com meus 20 anos, metade do tempo de aula era para a leitura do livro de matemática. Cada aluno (do 1.º ginásial, com 11 ou 12 anos) lia um parágrafo. Eu o comentava com a classe, ouvindo as opiniões e dúvidas deles. Ai, passava para o aluno seguinte. E assim liamos o livro didático adotado. A prática dos meus colegas era se grudar ao quadro-negro, ensinando a resolver problemas, usando o livro apenas como lista de exercícios. Isso era, e ainda é, o mais comum. Os livros são elencos de exercícios resolvidos mais uma lista de exercícios parecidíssimos. Os textos desapareceram. Isso não acontece só com a matemática. Voltando à pergunta, a formação de um leitor é resultado de ler. A escolha de livros interessantes, que podem criar cenários fantasiosos, é o que desperta o reconhecimento de que ler é gostoso e compensador. ♣



# Territórios para a reinvenção

Livros-almanaque confirmam a vocação de Julio Cortázar para tratar de todos os gêneros como se a literatura ainda estivesse nascendo

PAULO BENTANCUR • PORTO ALEGRE – RS

Aos poucos a imensa — quantitativa e qualitativamente — obra do belga-argentino-francês Julio Cortázar (1914-1984) vai ganhando sua versão em português. Dos cerca de trinta livros que publicou em vida (mais três póstumos: **Os autonautas da cosmopista**, em co-autoria com a mulher, a fotógrafa canadense Carol Dunlop, **Divertimento** e **Salvo el crepúsculo**), somente quatro ou cinco permanecem estranhos à nossa língua. Portanto, não bastasse ser elementar o espanhol, aos preguiçosos nem resta a desculpa de não haver livros de Cortázar no nosso menos musical idioma. Há, e muitos, desde o gênero que o consagrou e onde foi mais alto, como nos contos de **As armas secretas**, até a obra-prima, o romance desmontável **O jogo da amarelinha**. Este, aliás, um “pós-Joyce” legível e com humor, provando que inteligência também vende: afinal, com 600 páginas ancoradas numa estrutura narrativa móvel e servindo a uma natureza estética essencialmente experimental, foram consumidos, até agora, 36 mil exemplares. Talvez uma exceção, sim, mas uma prova de que Cortázar, entre nós, é lido.

A certeza do interesse que sua literatura — em permanente estágio de metamorfose — desperta reside no lançamento, pela Civilização Brasileira, de dois títulos que saíram respectivamente em 1967 e 69, **A volta ao dia em 80 mundos** e **Último round**. Poucos autores teriam resgatado quatro décadas depois, ainda mais dentro de uma bibliografia extensa, dois livros aparentemente desiguais e, por conta dessa desigualdade, instrumentos exploratórios um tanto extravagantes. Entretanto, sendo Cortázar, *exploração* é uma palavra que não se usa inutilmente: ela é estratégica, desde seus primeiros contos, de **Final de jogo** (1956), como **Os venenos**, até estes livros-almanaque, chamados desta forma pelo próprio autor, que via neles também o hibridismo inevitável resultante da colagem (**O jogo da amarelinha** resultou também da colagem, transformada em jogo, de uma sucessão de textos que correspondiam a um determinado ciclo narrativo e de preocupações com a situação do intelectual latino-americano no “lado de cá”, na América Latina, e “no lado de lá”, na Europa, mais especificamente em Paris, cenário da narrativa metafísica onde arte e vida não se desgrudam).

## Um outro Júlio

Um Júlio com acento, e francês de nascença: Júlio Verne (1828-1905), autor de **A volta ao mundo em 80 dias**. Leitura da infância a marcar para sempre o outro Julio, sem acento, nascido em Bruxelas porque o pai, diplomata argentino, servia quando a nação belga foi anexada pela Alemanha na I Guerra Mundial, Julio que se naturalizaria cidadão francês quando completou 30 anos de vida parisiense, em 1981. Tiveram de esperar o fim da guerra, o que aconteceu assim que o menino completou quatro anos. Voltaram à Argentina, uma irmãzinha de três anos já fazendo parte da *troupe*. Logo o pai separou-se de forma tão decidida que ao menino e, mais tarde, ao homem Julio, lhe restou a convicção de que “nada fez por nós”. Ficaram num casarão, ao sul de Buenos Aires, no subúrbio de Banfield, o menino alfabetizado tão cedo, a avó materna, a mãe e a irmã, Ofelia. Julio escreveria poemas e um romance com nove anos, e de tal maneira se empenharia em sua vida interior (exploratória) que as mulheres da família suspeitariam de plágio.

O dia, para ele, tinha mundos e mundos. A casa, o pátio, a melancolia da mãe, o extravio da irmã, o seu coração de eterno menino cobrando de si mesmo a resistência de herói e respondendo, para resistir, com a curiosidade insaciável do menino que inventa mundos para que a realidade precária não lhe caia sobre a cabeça.

Toda essa atmosfera de cabeca e reinvenção está nos contos dos primeiros livros, mesmo em alguns de franca ex-

tração fantástica. Como em *A casa tomada*, de **Bestiário** (1951). Reiteradamente, o real terá de mostrar a sua cara a Cortázar. E nunca será a mesma cara, sempre outra — feliz do leitor.

Ele foi das poucas coisas boas infectadas pelo Surrealismo. Ele fez na literatura o que o jazz fez na música: improviso, meditação oscilando entre distender-se e concentrar-se. Em Cortázar, raras vezes sabemos se o que se move à nossa frente é máquina ou ser, e se se move ou se é movido por nós. Ele escreve como Houdini, se Houdini escrevesse. Foge de seus temas porque gosta de mostrar/esconder que o tema é um ponto de fuga, não de partida.

Dá voltas e voltas, durante um livro todo, um dia inteiro de leitura, por tantos mundos que já não podemos crer que o mundo seja apenas o repetido costume ao qual aceitamos só pela legibilidade de entendermos a frustração que é a outra face do controle. Cortázar nos descontrola. Descontrola os gêneros. **A volta ao dia em 80 mundos** lança a pergunta, entre o riso quase abafado e o olhar agudo de quem enxerga no escuro: quem nos salvará da seriedade? Sabe-se a que tipo de seriedade Cortázar se refere. Daí seu livro ter jeito de caderneta, súmula de apontamentos, junção de artigos, poemas, ensaios que se negam ao tom solene do ensaísmo, e, ao mesmo tempo, adotam uma espécie de olhar infantil alimentado por referências que (desculpem o palavreiro) não são menos que eruditas.

Chega ao cúmulo de criar uma máquina específica, um fichário, para ajudar a desamparado leitor frente a essa quase “monstruosidade”, **O jogo da amarelinha**. Mesmo um livro, um quadro, um disco (vemos o quanto valoriza Gardel) precisam de instrumentos propícios, de mecanismos comprobatórios para que a fruição se dê, ao máximo. É um menino, brincando como só um homem brincaria. Júlio Verne emprestou-lhe o espírito de Phileas Fogg, e, vencendo distâncias bem outras, ele se sai com esta: “citar é citar-se”.

## No queixo do leitor

Não há como se queixar. Em **Último round** temos, na abertura, a descrição de um combate (71,5 kg), no lendário Luna Park, ginásio de esportes em Buenos Aires, em que só um boxeador é nomeado, justamente o favorito, justamente os golpes que leva, e com ele o leitor vai lendo pela metade, vendo pela metade, como se tivesse um olho fechado — numa luta que é descrever o descrito pela metade e interpretar a outra metade não descrita —, luta proposta pelo autor. *Descrição de um combate ou Para bom entendedor*. Há poemas sobre a família, há anotações que bem caberiam num diário (mas somente em diários que merecessem publicação), há uma espécie de “turismo” que só Cortázar sabe fazer (tornando o ato de viajar, a viagem em si, o deslocamento, o mover-se, e nunca, jamais, o destino, o final, não — nem a partida nem a chegada, e, esplendor, o ir — a grande resposta).

Os amigos. O movimento de maio de 1968. O que virou História, o que foi revolução, tudo aí comparece, todavia no tom quase despachado não fosse o argentino um autor responsável demais com as possibilidades dos fatos que aborda. Aborda mesmo. E, num misto de sadismo tecido sob uma melancólica inocência astuta, permanece linha a linha sempre à borda dos abismos que vai localizando, mesmo os do ar — onde uma mosca voa de costas.

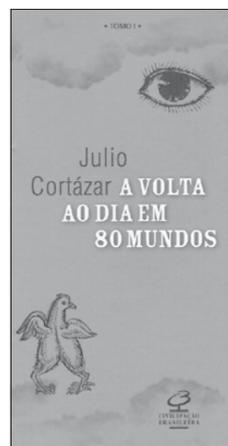
Cortázar é (só para dar um exemplo, provocador, claro) um Machado de Assis que não teme os excessos porque não pode ser dominado por eles. Sobram-lhe recursos. A galhofa e a melancolia são filtradas e saem de sua escrita despidas sem precisar que seu ridículo se mostre. Trata de diversos aspectos da arte e da filosofia sem cometer um só pedantismo. Mistura o popular e o erudito sem parecer que mistura porque nunca viu separação entre eles, porque Julio Cortázar é habitante dos dois mundos, de três mundos, de quantos mundos há. Na verdade, 80. ♣

## o autor

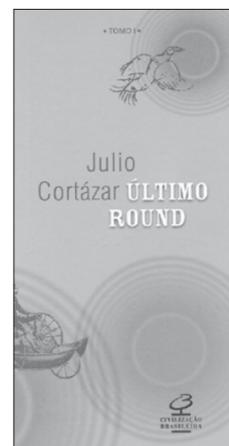
**JULIO FLORENCIO CORTÁZAR** nasceu em 26 de agosto de 1914 em Bruxelas, na Bélgica, onde o pai, diplomata, estava em missão e turismo quando rebentou a Primeira Guerra Mundial. Em 1916, foram para a Suíça esperar o conflito armado acabar. Só puderam voltar à Argentina, terra dos pais, em 1918, com o armistício. Com 18 anos torna-se professor do ensino que hoje corresponderia ao médio. Em 1938 publica seu primeiro livro, de poemas, **Presencia**, com o pseudônimo de Julio Denis. É autor, entre outros, de **Os reism**, **Bestiário**, **Final de jogo**, **As armas secretas**, **Os prêmios**, **Histórias de cronópios e de famas**, **O jogo da amarelinha**, **Todos os fogos o fogo**, **62**, **Modelo para armar**. Morreu em 12 de fevereiro de 1984, de leucemia (alguns afirmam ser aids), em Paris, e é enterrado no cemitério Montparnasse.

## trecho • A volta ao dia em 80 mundos

Antes de dormir às vezes lembro de todos os ministérios da Europa que conheci de noite, a memória os vai embaralhando até deixar somente um interminável palácio na penumbra; lá fora pode ser Londres ou Lisboa ou Nova Délhi, mas o ministério já é um só e em algum recanto desse ministério está aquilo que me convoca de noite e me fazia perambular por escadarias e corredores. Talvez ainda me restem alguns ministérios pela frente e eu ainda não tenha chegado ao seu encontro; da próxima vez vou acender um cigarro para me acompanhar enquanto me perco nos salões e elevadores, buscando vagamente algo que desconheço e que não gostaria de encontrar. (do texto **Noites nos ministérios da Europa**)



**A volta ao dia em 80 mundos**  
Julio Cortázar  
Trad.: Ari Roitman e Paulina Wacht  
Civilização Brasileira  
Vols. 1 e 2 • 184 págs

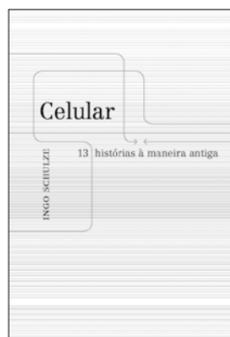


**Último round**  
Julio Cortázar  
Trad.: Ari Roitman e Paulina Wacht  
Civilização Brasileira  
Vol. 1 • 296 págs; vol. 2 • 288 págs

# Pequenas vidas mágicas

INGO SCHULZE descobre o belo o e inusitado na miudeza de nosso cotidiano

ADRIANO KOEHLER • CURITIBA – PR



**Celular — 13 histórias à moda antiga**  
Ingo Schulze  
Trad.: Marcelo Backes  
CosacNaify  
352 págs.

## O autor

INGO SCHULZE nasceu em Dresden, em 1962. É filho de um professor de física e de uma médica. Schulze prestou o serviço militar na Alemanha Oriental e estudo Filologia Clássica e Literatura Alemã em Iena. Trabalhou como dramaturgo em Altenburg e mais tarde como redator jornalístico, chegando a fundar um semanário e um jornal de anúncios. Desde setembro de 1993, após uma breve passagem por São Petersburgo, vive em Berlim, dedicando-se exclusivamente a escrever. Publicou **33 momentos de felicidade**, um volume de contos, em 1995. Em 2005, lançou o romance **Novas vidas**, considerado por alguns seu melhor trabalho.

## trecho • celular

Sempre que procuro um começo para esta história, me vejo recostado ao espaldar de minha cadeira de escritório, o pé direito sobre a maçaneta da gaveta do meio da escrivaninha, a ponta do sapato presa embaixo da quina. Na mão esquerda, seguro o fone, com a direita aperto o fio espiral como se fosse uma corda de instrumento musical sobre meu joelho. A fumaça sobre o cinzeiro forma imagens, um lenço em frangalhos, uma casquinha de sorvete invertido, o castelo encantado de um desenho animado.

Depois que o prefixo de Berlim me assustou, eu, como sempre, fiquei desiludido ao reconhecer o número de Claudia. E Claudia só ligava quando não conseguia encontrar Ute em nossa filial no centro antigo da cidade. Dessa vez, contudo, ela começou a bater papo. Falou da noite de ano-novo e eu não entendi por que me contou quem iria convidar, os nomes não me diziam nada. Depois de uma breve pausa, porém, ela acrescentou, acentuando cada palavra: “E também a sua querida Julia!” (do conto **As confusões da noite de ano-novo**)

Deve ser difícil ser escritor na Alemanha. Não que seja fácil em qualquer outro país do mundo, mas os alemães de hoje têm de carregar dois passados pesadíssimos, com influência em todo o mundo: o nazismo e os anos de comunismo, durante os quais o país estava dividido. Claro, todo país tem suas histórias nem sempre amenas, mas o nazismo e o comunismo afetaram o mundo todo. Até hoje os alemães digerem o que aconteceu naqueles tempos.

E um escritor alemão contemporâneo, que queira falar de sua gente atual, mesmo que não queira, deve trazer em seu inconsciente resquícios dessas tristes épocas. Ao mesmo tempo, por querer ser atual, ele deve lidar com todas as dificuldades hodiernas de seu país: a dificuldade em aceitar imigrantes, a difícil integração com o resto da Europa, uma economia forte, porém, vacilante, uma juventude sem emprego e sem muita esperança no futuro. Enfim, misturar tudo isso de uma maneira atraente não deve ser fácil.

E o que torna Ingo Schulze, autor de **Celular — 13 histórias à moda antiga**, um dos principais autores alemães da atualidade? Em primeiro lugar, Schulze está centrado principalmente em captar o que há de lírico em nosso cotidiano e ressaltá-lo em suas obras. Há um resgate da poesia que a brutalidade do dia-a-dia sufoca em seu trabalho. Assim, as suas personagens são pessoas com as quais simpatizamos, com quem temos afinidades e que, mesmo distantes, nos estão próximas, pois seus dramas são os nossos. Ao mesmo tempo, Schulze não esquece que o passado recente da Alemanha molda o comportamento de sua gente, mas não se deixa levar por sentimentos de culpa ou pela vontade de pedir perdão. Sem negar, ele não deixa que o passado guie o seu texto e as suas personagens. E isso é uma grande virtude, pois assim podemos ver os alemães pelo que eles são, e não pelo que alguns deles foram.

## Em busca da origem

Nas 13 histórias narradas por Schulze, há uma espécie de modelo seguido pelo autor. Em primeiro lugar, ele coloca o protagonista em primeira pessoa narrando uma situação atual, um pensamento que ele está tendo naquele momento. Esse pensamento tem a ver com alguma situação do passado, e somos convidados a acompanhar o protagonista na viagem em busca da origem de seus pensamentos e sentimentos. Ao longo do caminho, Schulze nos põe em contato com seus dramas e suas dúvidas existenciais, que são as nossas também, e vai contando a vida como ele a viu.

Veja o exemplo do conto *Milva, quando ela ainda era bem jovem*. Seu início é um momento presente:

*Até hoje não sei o que devo pensar sobre isso. Foi uma catástrofe? Ou uma besteira? Ou simplesmente algo pouco comum? O pior foram os minutos depois, a meia hora no carro com Harry e Reiner.*

Somos apresentados a uma situação presente, algo que está acontecendo naquele instante com o protagonista. Mas logo após a apresentação, damos um salto no tempo para que ele nos conte o que aconteceu e por que aquilo ainda o incomoda. Eventualmente, o final do conto pode nos tra-

zer novamente ao momento atual, mas não necessariamente. Em qualquer situação, a última palavra nos deixa com um leve desconforto, com uma sensação de que ainda falta algo a ser dito. O escritor parece deixar em aberto alguma coisa para que nós, leitores, completemos como bem quisermos. Este é um ponto importante e que ajuda a nos aproximar ainda mais das personagens.

No caso de Schulze, a vida comum tem, em determinados momentos, epifanias particulares que modificam a vida de suas personagens. No conto *Nada de literatura ou epifania no domingo ao entardecer*, por exemplo, a epifania se dá quando o protagonista do conto, um escritor em repouso no fim de semana, descobre jogada no canto do jardim em que suas filhas brincam uma casca de laranja sendo comida por formigas. O escritor e uma de suas filhas têm ali, no instante em que percebem a casca de laranja ali, um senso de conexão com o mundo. O próprio protagonista/Schulze confessa que tentar descrever o quanto um momento desses pode ser revelador é muito complicado. Mas ele tenta mesmo assim, mesmo sem argumentos. Em termos de estilo, é a descrição de um fim de semana no campo. Mas há algo que modifica a pessoa, algo que transforma e define para o resto dos tempos.

## Maneira sutil

O estilo de Schulze é direto, sem floreios. Mesmo quando lida com fluxos de pensamento e sua transcrição ao papel, ele consegue ser eficiente sem parecer chato, sem parecer que está enrolando o leitor. Os detalhes, quando mencionados, são relevantes e importantes para o desenrolar da história. E é nos detalhes que Schulze mostra de maneira sutil o quanto o passado alemão assombra a vida diária, mesmo não sendo um peso carregado pelas pessoas. Assim, os personagens — até certo ponto os alter egos de Schulze — são todos escritores nascidos em Dresden, na antiga Alemanha Oriental, que reconhecem Trabants, que sabem por que havia um muro dividindo-os anteriormente, como era que difícil o deslocamento para qualquer lugar, o quanto tudo mudou e até certo ponto ficou mais difícil para os alemães orientais após a reunificação, enfim, de como tudo era e não é mais.

Por fim, o escritor gosta de brincar de misturar realidade e ficção. Como explica seu tradutor, alguns dos escritores inventados para os contos de **Celular** trazem consigo livros escritos de verdade por Schulze. Os escritores-protagonista são todos eles nascidos em Dresden, têm aproximadamente a mesma idade do autor e participam de encontros literários reais, têm cabelos longos e duas filhas com os mesmos nomes das filhas de Schulze. Backes o relaciona a Woody Allen, que no cinema cria personagens que não se sabe se são o Allen da vida real ou de uma imaginária.

**Celular** traz esta aparente contradição na capa, mas ela serve como uma provocação ao leitor. O celular é uma das ferramentas mais modernas que temos para fazer o que fazemos desde o tempo das cavernas: nos comunicar com nossos semelhantes para tentar encontrar pontos de contato e conseguirmos deixar de sermos sozinhos nesse universo. A maneira antiga pode se referir ao tom de conversa empregado por Schulze, o que torna sua leitura uma descoberta de grande prazer. ☺

# O Brasil de Via Civitavecchia, 7

LUCIANA STEGAGNO PICCHIO, falecida em 28 de agosto, foi fundamental na divulgação da literatura brasileira na Europa

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA • PERUGIA – ITÁLIA

Não tem brasileiro ou português — professor, pesquisador, intelectual, artista, escritor ou poeta — que, de passagem pela Itália, não tenha ido bater no número 7 de Via Civitavecchia, numa ruazinha tranqüila de um elegante bairro de Roma, endereço da ilustre filóloga, medievalista, brasilianista, historiadora de teatro e de literatura, professora emérita da Universidade de Roma, sócia correspondente da Academia Brasileira de Letras, Luciana Stegagno Picchio. Para nós, seus ex-alunos, brasileiros, italianos, portugueses e até gente das mais variadas partes do mundo, saudosos dos nossos países e da nossa língua, aquele refúgio acolhedor era uma espécie de sucursal das nossas casas e ela, a ilustre e conhecida professora italiana, uma espécie de segunda mãe que nos adotava com generosidade e para sempre.

Em seu apartamento, de paredes forradas de livros (até nos corredores e na cozinha via grandes volumes enfileirados), podíamos achar o último texto de poesia ou de crítica que tinha acabado de ser publicado no Brasil ou em Portugal, o livro raro de algum poeta semidesconhecido dos interiores brasileiros, a primeira edição autografada dos maiores escritores brasileiros e portugueses do século 20, sem contar edições ainda mais raras de séculos anteriores. E dali, daquela casa que nos parecia, como sua proprietária, extraordinariamente iluminada, mesmo nos dias frios de inverno e chuva, com estantes que formavam, literalmente, uma grande árvore, com o que tinha de melhor das letras e das artes do mundo lusófono, saíram ao longo dos anos mais de quinhentas publicações sobre a língua portuguesa e as literaturas de expressão portuguesa, obras traduzidas e publicadas em muitos países e muitas línguas, obras que aproximaram o universo lusófono da Europa e do mundo e que tornaram conhecidos grandes escritores de língua portuguesa.

O seu amor pelo Brasil nasceu em 1959, quando pisou pela primeira vez no solo desse país. E sua primeira experi-

ência nas plagas brasileiras se deu em Salvador, cidade que a encantou e que ficará para sempre como uma grande paixão. Em quarenta anos, realizando pelo menos duas viagens por ano ao Brasil, visitou-o de norte ao sul, instaurou relações de amizade com professores, críticos e escritores entre os maiores, como Celso Cunha, Antenor Nascentes, Alexandre Eulálio, Carlos Drummond de Andrade, Antônio Candido. Nessas viagens, mergulhava de corpo e alma na cultura brasileira, queria conhecer tudo e falar com todos, armazenar livros, palavras, rostos, frases soltas no ar, momentos quase epifânicos que ela depois, já de volta à sua casa, “ruminava” à maneira de Guimarães Rosa, dando origem mais tarde a ensaios e livros.

Suas obras, entre as quais a pioneira **História do teatro português**, de 1964, a obra **La letteratura brasiliana**, publicada em 1972 e inteiramente revista e atualizada em 1997, com o título **História da literatura brasileira**, que saiu contemporaneamente na Itália, pela Einaudi, e no Brasil, pela Nova Aguilar. O seu método rigoroso de filóloga e de comparatista da literatura, como justamente ressalta um dos seus mais brilhantes ex-alunos, o escritor italiano Antonio Tabucchi, lhe permitiu estudos e edições críticas fundamentais, que abrangem desde poetas e trovadores galego-portugueses, passando por Gil Vicente, Luís de Camões, Eça de Queiroz, Machado de Assis, até os contemporâneos Fernando Pessoa, Giuseppe Ungaretti, Murilo Mendes, Alexandre O’Neill, Jorge de Sena, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Sophia de Mello Breyner, David Mourão-Ferreira, Jorge Amado, Antônio Lobo Antunes, José Saramago e tantos outros.

Em seus livros, considerava as manifestações artísticas e literárias portuguesas sempre num contexto mais vasto, ibérico e europeu. O mesmo se deu em relação ao Brasil, cuja literatura e história não podiam prescindir, sobretudo em suas primeiras manifestações, das relações estreitas com a Europa. Sua história da literatura brasileira é um vasto e atualizado

panorama do país, em que a literatura nunca é isolada do momento histórico e das condições socioeconômicas que exigiram dos autores determinadas formulações e respostas.

Grande amiga do poeta Murilo Mendes, organizou em 1994 a edição crítica da **Poesia completa e prosa**, publicada pela Nova Aguilar, uma obra fundamental que trouxe de volta aos brasileiros um dos seus maiores poetas, um tanto esquecido por ter passado os últimos anos de vida fora do país, trabalhando e vivendo em Roma. Na ocasião, Luciana doou a Juiz de Fora a parte do espólio que o poeta mineiro lhe deixara e que ela guardava com zelo em sua casa romana, uma série de cartas, manuscritos e originais que ela, em todos esses anos, pôs à disposição de estudiosos da obra muriliana.

Nos últimos anos, Luciana organizou e publicou na Itália, entre outras, as obras completas de Jorge Amado e de José Saramago, na preciosa coleção *I Meridiani*, de Arnoldo Mondadori Editor, com ensaios que revelaram aspectos inusitados das obras dos dois autores.

Poderíamos continuar a falar ininterruptamente sobre o trabalho e a vida intensa e generosa dessa grande estudiosa, que nos deixa quase em ponta de pé, numa sexta-feira, 28 de agosto, numa Roma que, estranhamente, parece hoje tranqüila e silenciosa, quase vazia dos seus habitantes que, nestas horas, gozam avidamente os últimos momentos de férias do verão. Mas todas seriam palavras, frases, já sem a densidade de um corpo e de uma alma. Por isso, digamos simplesmente que Portugal e o Brasil ficaram mais pobres sem essa figura, cuja obra é um verdadeiro marco na cultura universal, sem essa poliglota que tinha nos gestos e palavras a limpidez e a simplicidade que só os grandes e extraordinários eruditos possuem. Nos últimos meses, já não recebia em casa os amigos e, por telefone, respondia aos nossos apelos com voz embargada de emoção, com a qual ia repetindo, como última lição: “procuremos comportar-nos segundo a receita daqueles santos para os quais é preciso viver cada dia como se fosse o último”. Assim foi. ☺

# Por conta própria

DIÁRIO DE UM ANO RUIM, de J. M. Coetzee, é um belo desafio a leitores exigentes

LÚCIA BETTENCOURT • RIO DE JANEIRO – RJ

Romance ou jogo? Afinal, a que gênero pertence **Diário de um ano ruim**, de J. M. Coetzee? É um romance ou um livro de ensaios? E, mais importante, ou pelo menos mais urgente: como ler esse livro, com sua estrutura tão fora do comum? Ao contrário de **O jogo da amarelinha**, de Julio Cortázar, que também problematizou a leitura da obra, não existe aqui nenhuma proposta ou sugestão de leitura oferecida pelo autor. Os leitores recebem o inusitado livro e se vêem obrigados a desenvolver suas próprias estratégias de leitura.

O livro começa com a indicação: *Opiniões fortes*, datadas de 12 de setembro de 2005 a 31 de maio de 2006. Essa primeira parte, por sua vez, compõe-se de 31 opiniões que versam desde reflexões sobre a origem do Estado até a questão do pós-vida. Pode-se pensar que se trata, aqui, de um comentário sobre questões filosóficas que dizem respeito ao nosso “mal-estar da modernidade”. Segue-se a esses pensamentos um “segundo diário”, sem data, que começará com “um sonho” e terminará com as emoções suscitadas pela leitura de um trecho de Dostoiévski — o famoso episódio em que Ivan resolve devolver ao criador seu ingresso para o mundo.

Nos sete meses e meio abrangidos na primeira parte vai-se entretendo a história da escritura do próprio livro. Neste entre-méio, descobre-se que o Señor C, um solitário homem de idade, sofrendo de Parkinson, e com a reputação de escritor importante, recebeu a encomenda, por parte de uma editora alemã, de colaborar com um livro de ensaios (“seis escritores importantes se pronunciando sobre o que está errado no mundo hoje”), cujo título deverá ser, exatamente, *Opiniões fortes*. O que acontece é que, já com o livro em andamento, o “velho amarrotado” topa, acidentalmente, com uma mulher bem mais nova e sensual, moradora do mesmo edifício, e por ela se encanta, deslumbrado com sua juventude e atributos físicos.

Decadente e bastante consciente disso, informado de que a jovem é casada ou, pelo menos, é a parceira fixa de um homem jovem e quase que seu antípoda, ele nem assim desiste de sua conquista. É o jogo de sedução consciente entre as duas personagens que vai se desenvolvendo por entre as pausas dos ensaios. Ao saber que a jovem, Anya, está desempregada, ele lhe oferece trabalho como datilógrafa, para que ela transcreva as fitas que ele vai ditando.

## Inteligente e sensível

Comentando o terrorismo, a globalização, os desastres ecológicos, o avanço das experiências genéticas e outros temas de reflexão e desassossego, para o desgosto da sua secretária improvisada, que boceja graças aos textos de “El Señor”, e que devaneia enquanto se define como “gostosa, excitante, exóti-

ca”, o sedutor se vê cada vez mais seduzido, e o texto se abre em mais um espaço, onde se desenvolve o outro lado desse processo, a versão da suposta “seduzida”. Logo se descobre que esta mulher, embora levando uma vida fútil e baseada apenas nas aparências, é inteligente e sensível, possui valores éticos, e é por aí que a sedução do velho escritor finalmente funciona.

Para desespero do velho, porém, sua capacidade de atrair a jovem se limita às formas de pensar. Ela passa a comentar e discutir os textos que vai datilografando, e seus comentários, espontâneos e, às vezes, um pouco ingênuos, vão acabar afetando as “opiniões fortes” do escritor, que acaba por reconhecer:

*Eu devia revisar inteiramente minhas opiniões, isso é o que eu devia fazer. Devia refugiar as mais velhas, as mais decrepitas, encontrar novas, modernas para substituí-las. Mas onde se vai para encontrar opiniões modernas?*

Um encontro casual, que se transforma de maneira gradual, e que modifica as pessoas em questão: algo de simples e corriqueiro, como na vida real. E, para aumentar ainda mais essa sensação de “vida real”, Coetzee faz um jogo com suas iniciais. O escritor é chamado por Anya de Señor C, ou de Juan — seu nome em espanhol, idioma da jovem filipina (note-se que a jovem também sofre de problemas linguísticos, pois o idioma original das Filipinas é o tagalo). Duplicando-se no narrador, Coetzee também providencia um rival e antagonista, Mr. Aberdeen, o amante de Anya. Forte, sanguíneo, voltado para os lucros imediatos sem preocupações éticas, ele é detestado pelo Señor C, que, no entanto, não hesitaria em trocar de lugar com ele.

A leitura do romance necessita desenvolver uma estratégia para poder guiar-se no labirinto desenhado por Coetzee. É preciso ir escolhendo, entre páginas e parágrafos, até se alcançar um fio narrativo. O leitor não pode esperar passivamente que a história se conte: precisa colaborar com o texto. As “opiniões fortes” aparecem escritas em letras maiores, no alto das páginas. Abaixo, separadas por espaços e linhas pontilhadas, em letras menores, as tramas envolvendo o Señor C, Anya e o namorado Alan ficam em dois blocos também separados por espaços e pontilhados. No primeiro deles, a voz narrativa é a do Señor C; no segundo, é Anya quem narra. O todo não fica muito difícil de ler, depois que se descobre o fio de Ariadne, a estratégia que cada leitor prefere. Embora seu estilo não possa ser classificado de experimental, seus romances vêm, desde muitos anos, rompendo as convenções da narrativa tradicional.

## Uma esperança

Os jogos formais e muitos dos temas abrangidos em **Diário de um ano ruim** estão sendo abordados já há algum tempo pelo autor. O protagonista envelhecido, a

atração por mulheres mais jovens, a questão da morte, o isolamento físico e emocional impostos pelo modo de vida atual. Tudo isso vem sendo explorado, e nem sempre com sucesso, em livros curtos, de linguagem simples, mas densa. As opiniões fortes, expressas no romance, parecem ser os últimos sinais vitais de uma cultura em vias de extinção. Nota-se, porém, que, ao revelar o mal, Coetzee também oferece uma esperança ao propor o pensamento crítico como uma forma de resistência à destruição ocasionada por uma civilização baseada no consumo de massa. O estranho relacionamento entre o velho escritor e sua jovem e gostosa secretária faz surgir uma espécie de doçura humanística, que, imperfeita, embora, pode ser um tipo de solução para tempos modernos.

Longe de ser uma proposta sentimentalista, com seu humanismo endurecido pelas lições do autoritarismo e da arbitrariedade, Coetzee, aproveitando-se de sua crença de que a ficção é de natureza voyeurística, revela, através do jogo entre idéias e personagens em ação, a possível salvação de alguns seres humanos ainda não totalmente destruídos pelos males da civilização. Olhando com simpatia a vizinha, Mrs. Saunders, preocupada com a salvação dos sapos em tempos de seca, e com dupla ojeriza ao amante de Anya, seu rival e que, com um desmesurado apetite sexual, seu prazer em saber que sua mulher é desejada por outros homens, e sua desonestidade aproveitadora e tecnológica, El Señor C modifica e vai sendo modificado por esse micro-universo que o rodeia, ensinando com seu jogo de armar, mais do que com suas pomposas lições.

A longa carta de Anya, ao final, longe da influência de Alan, reconhecendo suas próprias qualidades, seria de um gênio otimista se Coetzee não fosse um autor tão experiente. A carta, que vai sublinhando o “segundo diário”, composto por textos de natureza mais pessoais que revelam desde sonhos a impressões de leitura; desde questões como ter ou não uma língua materna ao sentimento de ser fotografado, é acompanhada pela narrativa do embate entre C, Anya e Allan, com o subsequente rompimento entre os dois últimos. No entanto, a vitória é a perda, pois os textos subentendem a morte do Señor C. Esse velho, cansado demais para escrever um romance (“É demais para mim no estado em que estou hoje.”), silencia enquanto Anya menciona e fantasia a morte do escritor. Sua “secreta ária”, aquela que era mais do que uma vizinha, que era “aquela com quem ele queria fazer amor, do seu jeito de velho”, vai se colocar a seu lado na despedida final, apertando-lhe a mão e dando-lhe “um beijo de verdade, só para ele lembrar do que está deixando para trás.”

Coetzee se despede, sorratamente mata o autor, mas deixa sua obra, viva, capaz de cuidar do homem após a partida do próprio homem. ♣



**Diário de um ano ruim**  
J. M. Coetzee  
Trad.: José Rubens Siqueira  
Companhia das Letras  
248 págs.

## O autor

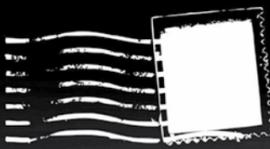
J. M. COETZEE nasceu na África do Sul, em 1940. Um dos mais respeitados escritores sul-africanos contemporâneos, autor de ficção, ensaios de crítica literária e memórias, publicou mais de uma dezena de livros, entre os quais **Cenas de uma vida**, **No coração do país** e **Terras de sombras**. Em 2003, recebeu o Prêmio Nobel de literatura. Também ganhou duas vezes com o Booker Prize, o mais importante da Grã-Bretanha e um dos principais da cena literária internacional.

A leitura do romance necessita desenvolver uma estratégia para poder guiar-se no labirinto desenhado por Coetzee. É preciso ir escolhendo, entre páginas e parágrafos, até se alcançar um fio narrativo.

## trecho • Diário de um ano ruim

Fazia parte do programa de televisão a história de quatro jovens muçulmanos americanos que estavam sendo julgados por planejar um ataque à Disneylândia. Durante o julgamento, a acusação apresentou como prova um vídeo doméstico encontrado no apartamento deles. O vídeo era extremamente amador. Continha longos trechos de uma lata de lixo e dos pés do operador da câmera enquanto caminhava. A acusação afirmou que o amorismo era fingido, que assistíamos a um ensaio de reconhecimento: a lata de lixo era um potencial esconderijo para uma bomba, os pés que caminhavam marcavam a distância entre A e B.

A análise oferecida pela acusação para essa interpretação paranóica foi que o próprio amorismo do vídeo era base para suspeita, uma vez que, quando se trata da Al-Qaeda, nada é o que parece.



Curitiba está cheia de cartões postais....  
e a gente também!

A Circulô Cartões Publicitários é uma mídia indoor e já conta com mais de 130 estabelecimentos em Curitiba. São bares, cafés, restaurantes, casas noturnas, hotéis, faculdades, entre outros.

Nós produzimos o seu cartão publicitário, colocamos nos locais de maior público e fazemos a logística de reposição. O que é sucesso em propaganda e marketing em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, agora circulando em Curitiba.

Rua Cláudio Paulino Dariva, 307  
loja15, esquina com Rua Holanda  
Boa Vista Curitiba - PR - CEP: 82540-210  
(41) 3353-3802  
www.circulocartoes.com.br  
curitiba@circulocartoes.com.br



**O esquadrão guilhotina**  
Guillermo Arriaga  
Trad.: Carla Branco  
Gryphus  
158 págs.

# O almofadinha e o revolucionário

Humor ácido e ironia estão no centro de **O ESQUADRÃO GUILHOTINA**, de Guillermo Arriaga

ANDREA RIBEIRO • CURITIBA – PR

Feliciano Velasco y Borbolla de la Fuente era um almofadinha. Só apareceu na frente de Pancho Villa por um descuido. Com cífrões nos olhos, foi mostrar ao guerrilheiro seu invento — invento mesmo, não... era mais o aperfeiçoamento de um —, que certamente ajudaria na matança de prisioneiros: a guilhotina. A lâmina da máquina mortífera brilhava tanto quanto os olhos do advogado de la Fuente. Mas os de Villa demoraram a acender. Queria uma demonstração. Teve uma série delas. Cabeças e mais cabeças rolavam para o deleite do general e para o delírio do advogado almofadinha.

Convencido o poderoso almofadinha mexicano, só restava a de la Fuente recolher as bolsas de dinheiro, fazer uma mesura qualquer e passar sebo nas canelas. E foi por isso que ele ficou absolutamente sem fala, sem cor e sem chão quando Villa, do alto de sua generosidade, concedeu a ele o posto de primeiro-capitão na valorosa Divisão do Norte. O almofadinha foi premiado com a possibilidade de lutar pelas classes menos abastadas na Revolução Mexicana. Logo ele, um capitalista mal-acabado, sem o menor apreço pelos populares. Mas como dizer não ao temível Pancho Villa? Ainda bem que, além da falta de escrúpulos, o advogado também não tinha grandes ideais. Fazer parte da revolução seria mais fácil do que ele imaginava — ainda mais por ter caído nas graças do general por conta

da apresentação da máquina da morte.

Essa falta de ideologia, a subserviência ao poder — qualquer que seja — e o conformismo dão a tônica de **O esquadrão guilhotina**, do mexicano Guillermo Arriaga. Mas é bom avisar: quem for procurar guilhotinas na revolução mexicana perderá tempo. Apesar de historiador, o sangue de Arriaga é muito mais ficcionista. Guilhotinas fizeram o maior sucesso, quase duas centenas de anos antes, em outra revolução — a francesa. Cabeças ornamentadas por belas perucas rolaram à vontade pela liberdade, igualdade e fraternidade. Entre os mexicanos não há registros do uso dessa arma capital. Os revolucionários mexicanos gostavam mesmo era do fuzilamento de seus prisioneiros e inimigos.

Arriaga é conhecido mundialmente por seus ótimos roteiros (*Babel*, *Amores brutos*, *Três enterros de Melquiades Estrada* e *21 gramas*). Quem assistiu a um ou mais deles sabe que as narrativas não são muito lineares. Isso pode fazer o leitor de **O esquadrão guilhotina** achar que vai ter que se cortar um dobrado para não perder o fio da meada. Mas não é nada disso: o livro recém-lançado — apesar de ter sido escrito há 20 anos — é totalmente linear, de fácil — e muito agradável — leitura. Não que os filmes não sejam bons — muito pelo contrário, são altamente recomendáveis. Mas o livro ambientado na Revolução Mexicana tem um outro apelo. Tem um humor ácido e uma ironia que o deixam muito mais palatável que as

películas. Mesmo tratando de tema tão espinhoso quanto uma revolução.

*Villa estava a ponto de ditar a ordem mortal quando se aproximou uma das tantas vozes prudentes que o aconselhavam. [...]*

— *General Villa, se vamos executar este senhor é necessário acusá-lo de algo. Não se pode matá-lo simplesmente assim.*

— *Sim, verdade? Tem razão; General Zapata, de que é acusado este homem?*

*Zapata ficou pensando um momento.*

— *De ser espanhol — respondeu-lhe.*

— *Sim, isso mesmo — afirmou. Vamos executá-lo por ser espanhol.*

*O pobre réu, que já se havia dado conta das intenções dos revolucionários, pressentia um esforço de defesa.*

— *Mas, senhores generais — disse esbaforido —, isso não constitui delito algum.*

— *Sim, sim, é delito — afirmou categórico Villa.*

— *Mas por quê?*

— *Por que o digo eu — sentenciou o nortista.*

Misturar fatos e personagens históricos — e, portanto, verídicos — com invenções como Feliciano Velasco y Borbolla de la Fuente e sua guilhotina leva o leitor a um saboroso jogo. Até que ponto os personagens que circulam pelo livro realmente existem? O que é verdade e o que é puro mito ou ficção? Para quem conhece mais da história da Revolução Mexicana não deve ser tão difícil saber. Mas para pessoas que, como eu (confesso!), não tiveram muito contato

com esta parte da história latino-americana, não há como saber exatamente sem consultar livros ou o santo google.

No final das contas, não faz muita diferença. A leitura é ótima, rápida, divertida — se o leitor conseguir se despir de qualquer idéia de que o livro tenha pretensões históricas. Porque ele não tem. Usa fatos históricos como pano de fundo para uma alegoria do México de ontem e de hoje. Monta algumas cenas com personagens que existiram e outras com gente que não fez parte daquele momento — e talvez de nenhum momento. Estes personagens desconhecidos, estas situações que não estão nos livros de história não têm amarras, não têm escrúpulos, não têm notas de rodapé. Total licença poética. Para os que não se satisfazem com a ficção não há problemas: há sempre como consultar uma enciclopédia ou visitar uma biblioteca. 📖

## O autor

**GUILLERMO ARRIAGA** nasceu na Cidade do México. Formado em Ciências da Comunicação e História, é romancista, produtor, diretor e roteirista de cinema. Além de **O esquadrão guilhotina**, escreveu outros dois romances: **O búfalo da noite** (2002) e **Um doce aroma de morte**, assim como o livro de contos **Retorno 201**. Guillermo é também premiado roteirista dos filmes *Amores brutos*, *21 gramas* e *Babel*, pelo qual concorreu ao Oscar de melhor roteiro original em 2007.

SESI apresenta

# Poesia do Sopro

## de Altamiro Carrilho

SHOW DE LANÇAMENTO DA CAIXA DE CDS

- Altamiro Carrilho • Alfredo Del-Penho • Carlos Malta • Cristóvão Bastos • Gabriel Schwartz
- Hamilton de Holanda • João Egashira • João Lyra • Julião Boêmio • Maurício Einhorn
- Orquestra Sinfônica do Paraná • Sérgio Albach • Silvério Pontes e Zé da Velha • Soraya Ravenle
- Trio de Ouro Catuaba Brasil • Mestre de cerimônia: Haroldo Costa

ÚNICA APRESENTAÇÃO

16 DE OUTUBRO ÀS 21 HORAS

TEATRO GUAÍRA

Rua Conselheiro Laurindo, s/nº - Centro - Curitiba  
Tels.: (41) 3304-7900 e 3304-79999

Roteiro e Direção  
**João Carlos Carino**

Direção Musical  
**Alessandro Cardozo**  
**Charles da Costa**

PROJETO ALTAMIRO 2008

Realização  
**Andreas Pavel**

Apoio **media wpa**

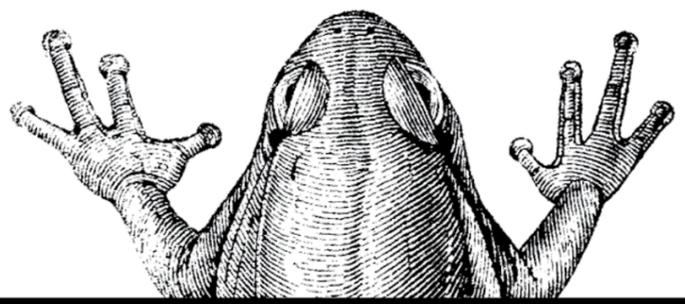
Patrocínio



Apoio Cultural



# DOM CASMURRO



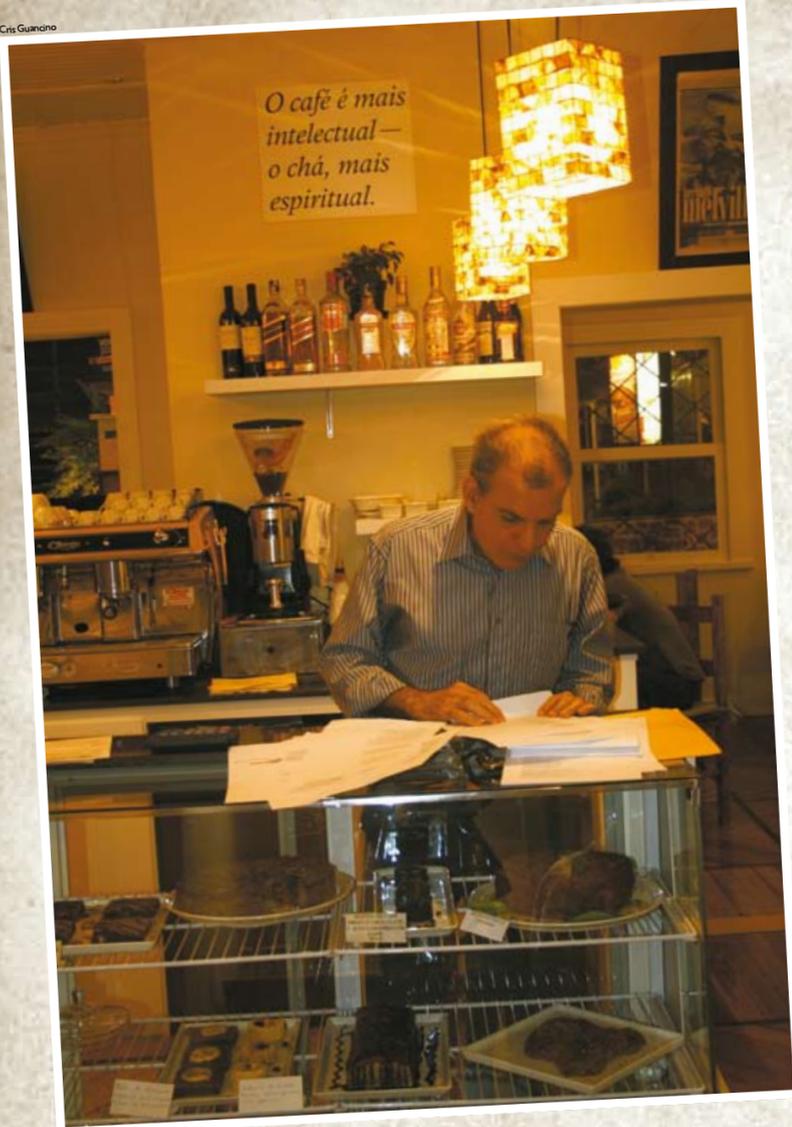
102 • OUTUBRO de 2008

**26** fora de seqüência  
FERNANDO MONTEIRO

**27** outro olhar  
AFFONSO ROMANO

**31** passe de letra  
FLÁVIO CARNEIRO

INFORME PUBLICITÁRIO



Fernando Monteiro



Limites em movimento, de Liz Wood

#### >>> 4 DE SETEMBRO

O projeto **Leituras no Quintana** contou com a participação da escritora Luci Collin. Durante 45 minutos, ela leu cinco contos e dez poemas. Também aproveitou para autografar o livro de contos **Vozes num divertimento**.

#### >>> 11 DE SETEMBRO

O escritor pernambucano Fernando Monteiro leu trechos de seu poema inédito **Vi uma foto de Anna Akhmátova**. Segundo o autor, o texto em que ele trabalha há seis anos "é um poema da era agônica".

#### >>> 2 DE OUTUBRO

A exposição fotográfica **Limites em movimento**, de Liz Wood, e a apresentação do duo de jazz Kadu Lambach e Boldrini iniciaram o projeto **Quinta do Quintana**, que acontece todas as quintas-feiras, a partir das 20 horas.

#### >>> 4 DE OUTUBRO

A escritora Lúcia Bettencourt participou do Leituras do Quintana. Além da leitura, Lúcia lançou seu novo livro de contos: **Linha de sombra** (Record).

## PRÓXIMAS ATRAÇÕES

#### >>> 12 DE OUTUBRO

**Quintanares**. Um dia especial para as crianças, com muita diversão: contação de histórias, oficina de bonecas, corrida de carrinhos, cama elástica, piscina de bolinhas e muito mais.

#### >>> 14 DE OUTUBRO

O escritor Mário Araújo lança **Restos** (Bertrand Brasil), a partir das 19h30. Ele também fará a leitura de alguns contos do novo livro e de **A hora extrema**, ganhador do Jabuti em 2006.

#### >>> 24 DE OUTUBRO

Luís Augusto Fischer é o convidado do Leituras no Quintana. Ele lerá trechos de **Machado e Borges**, livro de ensaios lançado pela Arquipélago. Fischer também fará a leitura de contos dos dois autores.

Cris Guandino



Lúcia Bettencourt



**QUINTANA**  
café & restaurante

gastronomia & cultura

Avenida Batel, 1440  
41 3078.6044  
[www.quintanacafe.com.br](http://www.quintanacafe.com.br)

# O primeiro monoteísmo DA HISTÓRIA (4)

A Nefertiti de Berlim se conserva na cidade que se orgulha de possuir a Gioconda do Nilo, rainha a anunciar um sorriso — também uma sombra — que suaviza a expressão do olhar meio perdido e mais qualquer coisa tão misteriosa quanto o prodígio de modelagem, em pedra calcária mole e gesso, guardado em temperatura constante debaixo do abismo do vidro.

A pintura, sobre o gesso, é um prodígio não menor, um milagre que captou o tom róseo da pele, enquanto o azul claro da coroa faz a cabeça da rainha como que a planar numa nuvem de luz refratada da penumbra. Tudo num indefinível equilíbrio de linhas, desde aquela que se alonga da testa (ou da parte de trás da cabeça, culminando no barrete) até a resolução do contraste entre peso e leveza, porte e ar sereno. E, como se o escultor soubesse que só uma *tensão* deveria reforçar o tema de suspensão meditativa, o seu talento soube desenhar “no ar” a coluna esguia do pescoço — que é parte da maravilha de um “mero” modelo de escultor... porque essa obra-prima que não passava de um esboço, uma maquete em forma de busto (que o arqueólogo Borschardt extraviou para as riquezas do império austro-húngaro).

Berlim estava distante, com a cabeça da rainha entre os cacos do Muro grafitados pelo desespero da juventude — mas eu podia caminhar alguns metros, da biblioteca atravessada por feixes de suspensão poeira, até a sala 3 do museu, na sua azáfama do pleno horário da prensa que visita tesouros antes do almoço e entre dois banheiros — e poderia ver, ali mesmo, próxima como a borboleta insistente entre as janelas, um outro esboço-modelo (este, não-terminado) que permanece no Egito, no museu nativo, de cacos conservados entre as vitrines de Mariette, ainda.

Apesar da aura de obra-prima que justificadamente a cerca, a Nefertiti da Alemanha tem qualquer coisa de demasiado *acabada*, na nova sala reservada só para ela. Ali, naquele ambiente talvez “ênfático” demais, se, num primeiro momento, o busto nos “tira o fôlego”, sob a luz teatral dos berlinenses, ao mesmo tempo se dá alguma *quebra*, algum afastamento daquela mulher na “nuvem do seu mistério”.

Ao contrário, na sala 3 do museu do Cairo, no fundo do grande *hall* de entrada, é possível encontrar a outra peça, a inacabada, que também retrata a mesma altiva serenidade da rainha de Berlim — agora em meio ao “ordenado desleixo” (tão do agrado, disfarçado, do Dr. Mohamed Saleh). Mas, aqui, nesta peça perdida, há algo de mais *natural* conferindo uma certa magia ao efeito da modéstia — num “modelo” sem pintura e ainda com as marcas, com os riscos não apagados e outros sinais do trabalho do artista.

## Algo eterno

Sabe-se o nome do presumível autor de ambas as maravilhas: Thutmés, escultor, em cuja casa foi encontrada a cabeça pintada, escondida num bloco de gesso com apenas uma pequena indicação de conter “algo eterno” — conforme classificou Ludwig

Borschardt, autor da descoberta, nos trabalhos de escavações em Amarna (1907-1914).

Ambos os bustos, com toda certeza, saíram daquela cabeça — ou, pelo menos, da mesma oficina, e hoje eu prefiro a segunda, a do Cairo, aquela que não ostenta o barrete, e que não está completa e *navega* no elemento daquele “desleixo”, sob a luz coada pelas clarabóias do prédio neoclássico, feio como um quartel de fim do século. É a Dama Sem Real Barrete, na sua provisoriamente de peça incompleta e *sem* os efeitos da iluminação especial cujo halo paira sobre a Dama Quase Perfeita, a que falta apenas o olho esquerdo e o barrete (o estranho barrete, um solidéu, ou espécie de mitra — que não vemos na cabeça de nenhuma outra rainha do Egito).

Claro que há inúmeros outros retratos da rainha, em relevos e pinturas, mostrando-a ao lado do rei, nas orações, e junto com as filhas e o esposo, nos jardins do Palácio das Termas do Sul, na carruagem dourada em que Akhenaton se dá a ver ao povo ou, simplesmente, oferecendo uma flor para o rei lhe aspirar o perfume... mas, os dois bustos superam, a meu ver, mesmo o infalível frescor (que é privilégio amarniano) cuja marca vemos noutras obras de arte do período, delicadas como jamais tinham sido, ou voltarão a ser, antes e depois de Akhenaton, as realizações artísticas do espírito criador egípcio. Ao pensar nisso, parece que contemplamos a rainha por sua vez contemplando aquele apogeu completamente desaparecido, “dispersão do ser incessante/ para a oculta duração”...

As duas obras formam um par, raríssimo, de “instantâneos” da rainha, feitos pelo escultor *para si*, isto é, para facilitar o trabalho na elaboração de estátuas e outras obras carregadas de funções especiais, simbólicas, expressas e exercidas pelas altas personagens. Nas cenas murais, decorativas e públicas, outras intenções *ênfaticam* ou reforçam idéias-força, e já vimos como as esculturas de Akhenaton representam princípios abstratos, com a nova liberdade permitida aos artistas. Mas, nos dois retratos, se dá o acaso de que possamos ter, hoje, algo como uma imagem “mediata”, captando o mistério da personalidade, naquele cofre de vidro, dentro da vitrine que a mão não abre e nem a arte, ela própria, aproxima senão para tornar mais remota (mesmo à distância de um braço) a soberana imersa em sombra — a “Bela-que-chegou”.

Mas quem *era*, de fato, essa bela Nefertiti, a “esposa-principal” de Akhenaton?

## Véu de dúvida

Há, ainda, uma grande controvérsia sobre a origem da rainha. Em circunstâncias normais — e segundo o padrão dos casamentos reais na corte egípcia — a “esposa-principal” de um faraó era, geralmente, a sua irmã. Assim, temos a primeira hipótese de que Nefertiti fosse filha de Amenófis III e da rainha Tiye, por um raciocínio “clássico”. Mas ela não porta aquele título, também tradicional neste caso, de “filha de faraó” — ou, pelo menos, de “irmã de faraó”, conforme foi logo notado. Alguns também sustentaram que ela não seria uma egípcia de nascimento — o que, para

nós, é uma tese frágil, contrariada pelos próprios retratos dessa egípcia de títulos oficiais obscurecidos pelo mesmo véu de dúvida que cobre o seu destino (no final do reinado de Akhenaton). A rainha, que deu seis filhas ao faraó reformador, não conseguiu, entretanto, trazer nenhum herdeiro masculino que pudesse garantir a linhagem real, em sucessão direta. Daí, que existiu, sim, uma outra esposa do rei, consorte inteiramente apagada e sem relevo, em Amarna, chamada Kia. E também outras, nem sequer mencionadas, podem ter existido, mesmo que afirmá-lo possa desafiar a ilusão, idílica, de um “casal solar” passeando entre jardins e compondo hinos, naquela atmosfera de *egyptiennerie* de gosto rosa-cruz, bastante duvidoso.

Longe de ser o soberano interessado apenas no seu projeto místico — segundo uma imagem persistente que vem do romantismo do século 19 acirrando um certo anticlericalismo (moderno) em marcha —, Akhenaton foi também um autêntico rei egípcio, consciente de si mesmo, da sua dinastia e do país que governava, antes de radicalizar posições que se tornariam, mais tarde, insustentáveis.

O poeta apaixonado pela esposa não “diminui” nessas decisões do governante, claro. Por mais ingênuo que alguém possa se mostrar, ao escrever sobre acontecimentos recuados nas dobras do tempo, deveria ser evitada a suprema bobagem de emprestar nossos sentimentos, nosso “psicologismo” atual, etc., a esse e a outros acontecimentos da Idade antiga, vividos no seio de uma civilização mágico-religiosa, etc. Tal atitude apenas adensa a zona, larga, da sombra — e nos afasta da Suméria, do Egito, do Grécia arcaica, muito mais do que abrem as cidades rasas, os ossos limpos e brancos, à claridade da investigação arqueológica que possa operar também com o corte imaginativo, na carne da história.

Alguns autores enxergam uma Nefertiti “rejeitada”, na rainha que não consegue dar um filho varão ao rei. Não se trata disso, ou só disso, provavelmente. E, como *esta* Nefertiti bidimensional, não há o Akhenaton dos opúsculos que achatam a tridimensionalidade numa visão de binóculo barato, munido da lente de “misticismo” de segunda que inundam este tempo de “esoterismo” de bancas de revistas, reduzindo a sabedoria antiga (ou tentando reduzi-la) pela ótica rasteira de falsos peregrinos e alquimistas.

## Sérios assuntos

Tudo que diz respeito à revolução de Amarna está contido entre sérios assuntos de ascese, Estado e revolução cujo desdobramento podia levar — e levou — à ruína da crença e à perda da hegemonia política, num país que dominava, praticamente, o mundo até então conhecido.

No entanto, o tema ameno do carinho, de pai, pelas (seis) filhas da união com Nefertiti, pode encerrar este capítulo com visões, ainda mais tocantes, de uma delicadeza que não empalidecerá enquanto alguns museus puderem exibir, nas suas vitrines, peças como a pequena escultura que representa Akhenaton com

uma das princesinhas sentadas no seu colo. Aqui, não há o ouro magnífico da máscara mortuária de Tutankhamon, essa obra-prima na qual perpassa algo de uma vulgaridade pronta para as revistas (admiro-a, mas a sua excessiva exposição *exotérica* fez mal ao seu mistério “fascinante” para turistas). Falo de outra coisa, de uma quase miniatura inacabada, tosca. Talvez ela seja ainda mais poderosa do que a máscara dourada, se atentarmos para a delicadeza que a vulgaridade está enxotando do seu raio de visão impaciente com relação a tudo que escape ao mau gosto implantado na nossa cultura de decadência (que passa por comunicativa de todos os conteúdos — quando apenas se esforça em achatar significados). Essa peça, tão modesta, que destaca do ouro falso de outras, *flagra* o faraó, coroado e imponente, abraçando e beijando a filha pequenina, em cativante intimidade — assim como podemos ver também a família inteira em descanso ou participante, compenetrada, em séria e complicados rituais religiosos (com a rainha e as filhas na escala menor de praxe, etc.), seguindo a liturgia do culto de Aton, o Deus Único, num espírito de fidelidade que, da parte de Nefertiti, iria desaparecer, alguns anos depois, de forma ainda inexplicada.

O que aconteceu aqui? — é a pergunta que volta, quando estamos perto e quando estamos longe desse cenário. Por vezes, é quase uma tentação ceder à ingenuidade, mais ou menos do modo como Christian Jacq “descreve” os acontecimentos egípcios, com todas as maiúsculas que lhe inspiram uma “história” que ele adivinha não sei em quais documentos que faltam aos arqueólogos e que lhe dão a ele, Jacq, a capacidade de saber sobre a intimidade dos faraós mortos e dos escravos sumidos no zero da história...

Quem pode ter a certeza do que aconteceu aqui? Sem dúvida que seria agradável nos determos na contemplação da felicidade, sem mácula, dessa família real remota, grupo humano tomado num instante raro, nos primeiros anos de *ouverture* da “suíte amarniana”.

Mas não nos enganemos com o aspecto idílico de algumas cenas murais, nem com as estelas comoventes, ainda, que nos mostram o rei e a rainha unidos pela união ou pela aparente felicidade. Aqui aconteceu algo que ultrapassa desse limiar tranqüilo — e penetra na treva estranha do espírito, pouco depois daqueles passos sérios, iniciais, da época em que o faraó mandara gravar, logo à entrada da sua cidade, uma estela comemorativa na qual é possível ler, ainda, as palavras em louvor da rainha amada, expresso pelo poeta que foi Akhenaton:

*Senhora eternamente feliz,  
Que resplandece sob as Duas Plumas,  
Que alegre os que escutam a sua voz,  
A Rainha que toca os sistros,  
Que alegre o coração do Rei tranqüilo,  
Satisfeita em ouvir a aclamação do Povo,  
A Grande é bem amada Esposa Divina,  
Senhora dos Dois Países,  
“Eternas são as Belezas de Aton”,  
“A Bela que Chegou”,  
Viva eternamente. ♣*



# Mentes simples e complexas

A mente simples é retilínea, plana.  
 A mente complexa é curva, elíptica.  
 A mente simples acredita que somando dois com dois vai chegar ao quatro.  
 A mente complexa sabe que somando dois com três pode chegar a vários resultados, até mesmo, eventualmente, ao quatro.  
 A mente simples afirma que a linha reta é a menor distância entre dois pontos.  
 A mente complexa sabe que o universo é curvo e que, portanto, a curva pode também ser a menor distância entre dois pontos.  
 A mente simples acredita que o que não é branco é preto.  
 A mente complexa sabe que existe um espectro de cores e é com essa palheta que se chega ao arco-íris.  
 A mente simples diz furiosa: olho por olho, dente por dente.  
 A mente complexa pondera como Gandhi, e sabe que dizendo olho por olho acabaremos todos cegos e desdentados.  
 Lembrem-se de quando dividíamos o mundo em esquerda e direita?  
 Hitler não era de direita nem Stalin de esquerda.  
 Hitler e Stalin eram mentes perversamente simples.  
 A mente simples não vê matizes.  
 É o bem contra o mal, o certo contra

o errado, o Ocidente versus Oriente.  
 O terrorista tem uma mente terrivelmente simples.  
 O pacifista, até o pacifista, pode ter uma mente desarmadamente simples.  
 A arte não é uma coisa simples, embora alguns a simplifiquem em receitas, objetos de consumo e marketing.  
 Brunelleschi e Alberti, que descobriram a perspectiva no Renascimento, não tinham uma mente simples. Goya não tinha uma mente simples. Clarice não tinha uma mente simples. Nem Machado, nem Guimarães Rosa. Bach era simplesmente complexo.  
 A mente complexa é a que está sempre aberta para novas dimensões. Newton percebeu dimensões novas no universo. Einstein agregou a quarta dimensão. E agora Stephen Hawking nos anuncia que há pelo menos 21 dimensões ou realidades diferentes.  
 Olhemos a biologia: o ovo não é quadrado. O coração não é retangular. O DNA são espirais que se procuram a si mesmas num interminável balé de curvas.  
 Olhemos as galáxias. E os ventos. E os vulcões. E as tempestades. Não são simples, não marcham em linha reta.  
 O amor, ah! o amor, não é, nunca foi uma coisa simples. ♣

## ARQUIPÉLAGO DOIS ANOS. CERCADA DE BOAS HISTÓRIAS POR TODOS OS LADOS.



### UMA VIDA MENOS ORDINÁRIA

Baby Halder

As memórias de uma indiana que desafiou a pobreza, o sistema de castas e a violência contra a mulher. E reescreveu a própria história.



### A LITERATURA VISTA DE LONGE

Franco Moretti

Em seu novo livro, o intelectual italiano mostra como mapas, gráficos e outros instrumentos das ciências exatas e naturais ajudam a explicar a história literária.



### MACHADO E BORGES

Luís Augusto Fischer

Nos seis ensaios que formam este livro, Fischer apresenta o resultado de décadas de estudo da obra e da vida de Machado de Assis, sempre com a visão arejada e o texto preciso que já são uma marca pessoal.



### A VIDA QUE NINGUÉM VÊ

Eliane Brum

Crônicas que têm como personagens pessoas anônimas, uma prova de que toda vida esconde um milagre. Melhor livro de reportagem no Prêmio Jabuti 2007.



### TERRA ADENTRO

Luiz Sérgio Metz / Pedro Osório / Tau Golin

O relato de uma memorável viagem de três jovens jornalistas pelo pampa gaúcho. Melhor projeto gráfico no Prêmio Açorianos de Literatura 2007.



### A LONGA MARCHA

Sun Shuyun

A história do mito-fundador da China comunista, segundo os relatos dos sobreviventes da marcha que começou como fuga e terminou como epopéia.



### O CALCANHAR DO AQUILES

Duda Teixeira

As histórias mais curiosas da Grécia Antiga, da mitologia à vida cotidiana, contadas com muito bom humor.

Acesse [www.arquipelagoeditorial.com.br](http://www.arquipelagoeditorial.com.br), conheça as novidades do catálogo e saiba onde encontrar essas boas histórias.

Conheça também a revista da Arquipélago Editorial no site [www.revistanorte.com.br](http://www.revistanorte.com.br)



# História do fim do mundo

## Abismo sideral

1.

Há mais de quatro anos já morava na outra casa, o medo de uma queda no vazio era coisa antiga, fantasma das noites de insônia, menos agressivas agora, pois a casa tinha luz elétrica, as paredes eram pintadas de um branco sujo e os sons externos não entravam como na casa de madeira, e Natanael também tinha amadurecido pelo contato com os amigos da escola e da rua, pelos programas de tevê, o pai comprara um televisor usado, preto-e-branco, e era esta agora a janela de Jerônimo, por onde ele podia ver o mundo não precisando mais sair à noite por lugares que ninguém sabia imaginar, e justamente neste momento de relativa paz Natanael descobriu, num livro da escola, que a terra era redonda, circulava em torno do sol, saindo definitivamente da Idade Média em que se criara por conta de uma família de colonos que nada aprendera nos últimos séculos e que, por isso, mantinha em estado de ignorância os seus, e Natanael até teve uma vertigem quando viu a foto do planeta boiando na vastidão do sistema solar, o formato esférico explicava o encontro da terra com o céu na linha do horizonte, algo que ficaria absolutamente claro quando, alguns anos depois, já superado o afastamento do mundo, veria na praia uma lua cheia, assustadora, fazendo com que ele voltasse a ser o menino medroso de outrora, isso tudo não passando, no entanto, de acontecimentos futuros, que não ajudam em nada a vencer o terror daquela descoberta, e ele gostaria de gritar eureka, mas seria vergonhoso admitir ali, na quinta série primária, que ele não sabia uma coisa tão universal, que seu temor infantil tinha sido mantido até aquele momento, então era melhor se calar, levar esta verdade tardia como um furo na meia que escondemos de todos para que não descubram nossa pobreza, e em casa ele contou a descoberta ao pai, que permaneceu em silêncio, e também tentou explicar a coisa com detalhes para a mãe, mas ela só resmungou: para isso que colocamos filhos na escola, para aprenderem bobagens sem serventia alguma, e a televisão ajudaria Natanael, era o período da chegada dos primeiros astronautas à lua, e ele acompanhou tudo, com medo não mais do vazio horizontal que o ameaçava, mas deste outro vazio, sempre acima de nossas cabeças, que era mais assustador ainda, ele agora dominava a lei da gravidade, e tinha outras noções que garantiam um mínimo de segurança sob o precipício que nos cercava, mesmo assim lhe vinha uma nostalgia do tempo de ignorância, pois sofria agora em silêncio com a chegada do homem à lua, com imagens transmitidas na tevê, gente falando, Natanael então procurou de novo a mãe, que continuava a parte terra da família, cuidando de um jardim cortado por inúmeras calçadinhas em forma de desenhos geométricos, tudo dando num canteiro redondo, em cujo centro seria plantado um pinheiro pontudo, enfeitado na época do Natal com bolinhas coloridas, uma coisa que ele nunca tinha visto antes, também influência da televisão, e, além do jardim, a mãe cultivava a horta e obrigava a água do tanque a escorrer por regos até as raízes das frutíferas do quintal, o que fazia com que goiabas, limões, laranjas e bananas saíssem mensais, Natanael até vendia as melhores na escola, conseguindo dinheiro para comprar raspinha de groselha pipoca e coxinha, tudo graças ao apego da mãe ao quintal, e talvez por esse apego, por só ter olhos para o chão que tanto lhe dava e podia em troca tão pouco, um adubo de bosta de vaca que eles catavam nas chácaras vizinhas, água, cinza do fogão a lenha, cascas de ovos e outros restos, deixados curtir num buraco feito especialmente para isso, por esta dedicação cega ao quintal Paula crescera sozinha e ficava em silêncio na frente da tevê, os buracos na terra tinham perdido a função neste outro mundo em que o homem ia à lua e as crianças tinham diversões numa tela cheia de chuviscos, Natanael comentou com a mãe que tinha medo do espaço, e era como se o planeta estivesse perdido, vagando sem rumo na escuridão, e falou da chegada do homem à lua: tudo ficção, igual a essas novelas, eles fingem, são atores, a mãe disse, não acredite nisso que vem na tevê, é só para engambelar a gente, não vale mais do que as histórias de assombração dos antigos, eu ouvi falar tanto nessas almas de outro mundo mas ver mesmo nunca vi, meu filho, ela disse, demonstrando irritação e carinho ao negar o que a tevê informava, e Natanael ia falar do livro de Ciências, das fotos, do sistema solar, mas a mãe se mantinha firme, não queria deixar este outro quintal, este outro chão, em que ela havia sido criada e onde não havia espaço para idéias novas, e ela então pediu para que ele a ajudasse a enfiar uns pregos enferrujados no tronco da jabuticabeira: já faz anos que foi plantada e ainda



não produziu, é preciso judiar um pouco da árvore para ela dar fruta, é como colocar uma coroa de espinhos, tal como nas escrituras, ao redor do tronco, e Natanael se convenceu de que suas inquietações siderais nunca chegariam ao quintal de sua mãe.

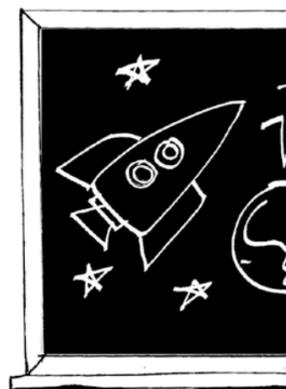
2.

Deste pânico de ser tragado pelo espaço, algo mais improvável do que o súbito precipício, décadas depois ele leria que os marinheiros antigos achavam que o final do mundo ficava no mar, além das regiões conhecidas, mais uma prova de que Natanael vivera sim na Idade Média, tinha sido contemporâneo daqueles aventureiros que apesar do medo se arriscavam em ignotas águas, deste novo temor, o da queda, do espaço sideral, viera o hábito de ele dormir de bruços, agarrado ao colchão como quem se agarra à terra que, em sua cidade natal era grudenta nos dias de chuva, quando a lama formava uma massa pegajosa onde as pessoas atolavam os pés, plantando-se no terreno em idade de gênese, do qual era difícil sair, e mesmo quando se saía ficava o sapato preso, como raízes que não puderam ser sacadas junto com os pés numa demonstração de que tudo criava vínculos muito rapidamente, era assim que Natanael se via, como uma planta que se apega ao solo na tentativa de manter tudo girando em torno de si, tal como a casa com sua rotina que nunca se alterava, eles ainda passavam meio indiferentes às inovações que chegavam pela televisão, a mãe fazia quase tudo em casa, do pão às roupas que eles vestiam, era assim desde os seus antepassados, uma auto-suficiência em que, antigamente, não cabia nem o estudo, o que se devia aprender vinha com a entrada nesta rotina, no ciclo eterno dos plantios e das colheitas, das chuvas e das secas, participando desta vida imemorial as gerações mais novas repetiam as anteriores e faziam do passado um futuro, reproduzindo os mesmos gestos, eis a lei até agora, mas havia coisas novas, o estudo dos filhos e os programas de tevê e também os livros, pois Natanael vinha da escola com um livro qualquer na bolsa e passava a tarde lendo, mas também se apegava às plantas, que insistiam em manter tudo como reprisa, uma florada pode ser maior ou menor do que a outra, mas será sempre uma florada com as mesmas regras, era isso que as plantas ensinavam, uma lição idêntica à dos pássaros que, por mais que morressem, nunca morriam, eram sempre tão iguais, em suas cores e seus cantos, o mundo se paralisava na natureza, o tempo não contando fora do ciclo, só na cidade a história valia algo, mas o quintal de Prudenciana estava em contato com o sem-tempo, Natanael podia ficar horas sob as árvores, podia reconhecer na florada do limoeiro deste ano outras floradas, tudo estático, por isso dormia de bruços, lançava as raízes dos dedos no colchão de espuma que o pai comprara, e que era encapado com tecidos rústicos de algodão, que ainda traziam resíduos da planta, dormir desta maneira era incômodo, ele amanhecia com a coluna doendo, com dor no peito, com uma mancha de saliva no travesseiro, que tinha que ser mais baixo do que os usados pelos demais, mas optar esta posição mantinha-o apegado à terra, evitava que fosse expelido pela rotação, outro conceito que ele tinha aprendido na escola, ele que se via como carrapato no lombo do planeta, decidido a nunca deixar seu posto.

3.

Vinha sendo uma infância triste e solitária, e depois ele se perguntaria: o que não era tristeza e solidão na

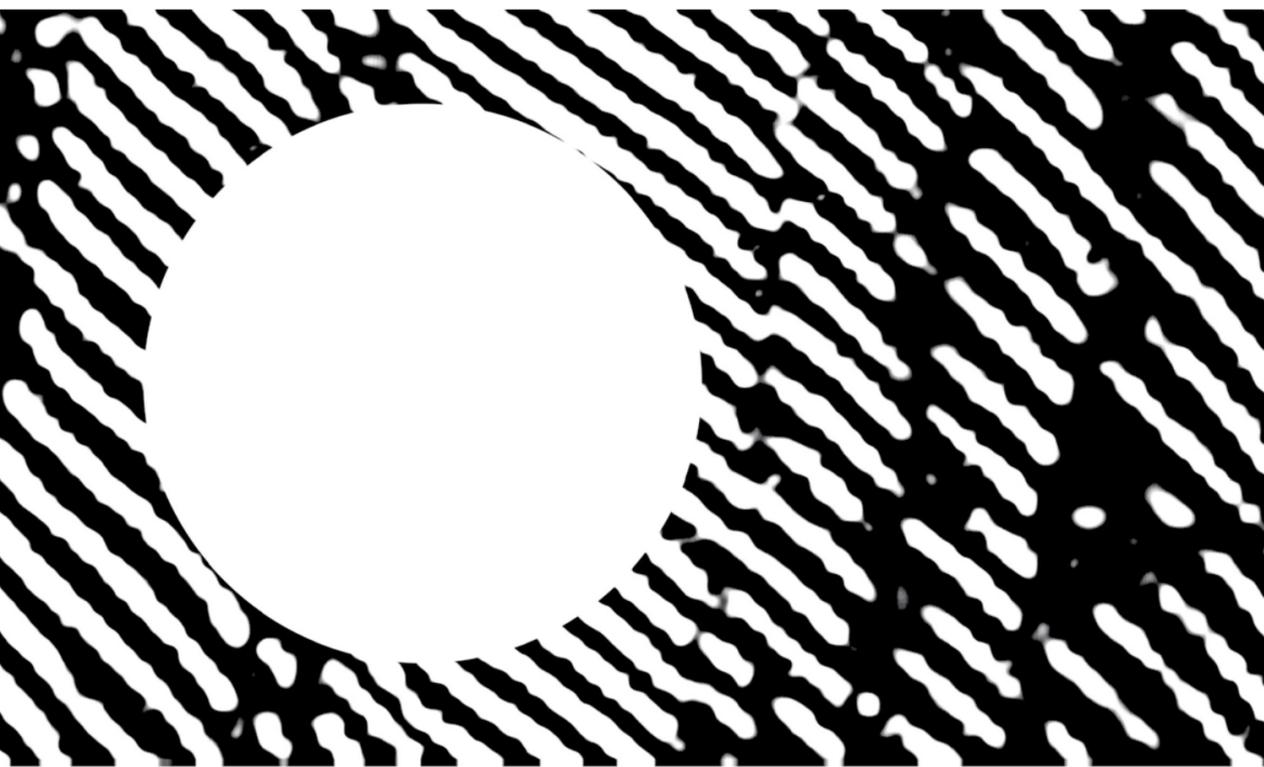
aventura humana, resignado já ao sofrimento de estar vivo, esta tarefa de existir 24 horas por dia, suspensa apenas depois de uma bebedeira mais forte, quando o sistema de neurônios deixava de funcionar, sofrendo uma pane momentânea, descanso mais do que merecido para uma mente que não deixava nunca de trabalhar, embora não se ocupasse de coisas sérias, de grandes projetos, mas deste moer e remoer os fatos vividos, desta memória como roda d'água que não pára nunca, sempre atingida pela correnteza de um rio infundável, sendo a infância, ele concluiria nesta época de alguma experiência, a mais sofrida de todas as idades, por isso ficava como uma região enorme em nossa recordação, maior que qualquer período posterior, a infância ocupava quase todo o espaço na história de uma pessoa, jamais terminaríamos de reconhecer todas as dobras desta temporalidade e quanto mais desmemoriados ficássemos para os fatos recentes mais se iluminaria cada cantinho deste tempo imenso que são os anos de descoberta, quando tudo se grava de forma definitiva em nós, manchando o que somos para sempre, triste graças à sua natureza breve, período mais solitário da existência porque só o eu conta, por mais que a pessoa esteja rodeada de gente e de risos, o que no caso de Natanael nem acontecia, tinha apenas Paula como companhia, a mãe continuava insistindo que filho dela não era para ficar pela rua, Paulinha passava os dias na frente da televisão, uns poucos anos de diferença tinham afastado os dois, pois Natanael, que também via tevê, preferia, e seria assim ao longo dos anos vindouros, a experiência, mesmo que fosse a experiência de fechar os olhos e imaginar-se em tantas situações fictícias, recusando o espetáculo da vida mentida na tevê, que bastava para a irmã, com quem ele conversava pouco, afastados por esta eternidade de quatro anos e um televisor, restando a Natanael, além das vozes fantasmagóricas dos personagens, geralmente dubladas, a presença falante de um papagaio que resumia toda a existência de seus pais, pois nele os dois exerciam uma pedagogia que fora interrompida nos filhos, já que estes não se deixavam moldar pela longa tradição da reprise, as crianças não aceitavam essa voz de ventríloquo, e foi melhor assim, Jerônimo vai concluir no fim de tudo, quando via o filho vivendo outra história, tão distante da deles, e tinha horas o pai chegava a imaginar que não houvera nunca um tempo de convivência, de fato, seus filhos foram a repetição, criando vácuos na história de um casal com filhos fora da engrenagem de uma tradição, Natanael logo deixaria de usar as roupas feitas pela mãe segundo moldes que herdara dos antepassados, preferindo a roupa comprada pronta, mesmo que fosse de material ordinário, e Paula copiaria, pois aprenderia a costurar com a mãe, os modelos que acompanhava pela tevê, tudo se distanciando do centro, do mecanismo seguro de reprodução em que os pais se comunicavam com hábitos imemoriais, sem continuidade na prole: meus filhos não sabem dos meus, reclamava Prudenciana, que tentava falar com eles sobre pessoas mortas, histórias que ela mais ouvira do que vivera, não encontrando quem lhe desse atenção, tendo que se calar e buscar alguma alegria nas plantas, que repetiam todos os anos as mesmas folhas e flores, e ela não sabia se o silêncio em que ela e Jerônimo viviam era sinal de que estavam mortos



## NOVELA-FOLHETIM

MIGUEL SANCHES NETO

Ilustrações: Marco Jacobsen



os antigos, que já não falavam pela boca nem pelos gestos desses descendentes, notara que até o timbre de voz dos filhos nada tinha a ver com o deles, mesmo o sotaque era outro, ela nem falava das palavras, tão diferentes, essas sim haviam se distanciado mais do que qualquer coisa, enquanto ela usava os termos de sempre, destreza cumbuca fruíta, os filhos falavam em rotação sistema solar quedes, e Prudenciana se perguntava: como duas gerações tão próximas tinham se afastado assim, era impossível entender não só as palavras, os hábitos eram outros, os gestos totalmente diferentes, havia a explosão de um mundo que se mantivera unificado pela força da reprodução, mas Prudenciana olhava a maneira do filho andar, em tudo tão diferente, elas, as crianças, já não olham para as coisas que não passam, só se fiam nisso que muda a cada dia, perderam o amor pelo sempre, tão cegos ficaram por causa do agora, ela reclamava para si mesmo, sem palavras, apenas no interior de sua mente, enquanto cortava os talos que tinham dado rosas, nos canteiros eternos de seu jardim, para que novos botões repetissem a novidade antiga e insuperável das flores vermelhas rosas e amarelas, assim havia de ser o mundo, tudo retornando no tempo, igual a ela, que tinha ficado mais presa aos seus anos de menina de sítio do que quando fora moça, não encontrando continuidade entre a sua infância e a dos filhos: o que pensariam minha mãe e minha avó desta gente que gerei, ela se perguntava, concluindo, depois de um suspiro: ainda bem que não viveram para ver, é sempre melhor a ignorância dos acontecimentos que nos negam, essa a sua reclamação constante, uma reclamação silenciosa, que ela fazia para si mesma, isolando-se cada vez mais no quintal, enquanto o marido que, depois de deixar o caminhão, e mesmo ficando parte da noite na frente da tevê, foi também fazendo a viagem de volta ao sítio em que se criara: nunca deixamos a terra que nos viu crescer, ele pensava, este retorno não se dando pela estrada, antes se reproduzia nos hábitos, que desfazem o afastamento com o que fomos, ele pensava isso com outras palavras, enquanto a mãe arranjava responsáveis pelos desvios da família, tudo culpa da escola e da tevê, foram elas que tiraram meus filhos de mim, e também os livros, ela se lembrava, uma pessoa não devia deixar que um mundo estrangeiro tivesse tanto poder, é o que sempre digo, escola, tevê e livros estragam os filhos, roubam as crianças dos seus pais, e Dona Zélia, vizinha antiga, a quem ela reclamava, e que tinha filhos mais velhos do que Prudenciana, já perdidos por outros hábitos, gostava de complementar: e tem também o cinema, quando seus filhos começarem com a mania do cinema, primeiro a mania do matinê, depois os filmes de gente grande, aí sim não ficam mais em casa, mesmo que estejam em casa, começam a viver longe, em terras que não sabemos onde, sonhando com coisas que nem podemos imaginar, e daí um dia eles se vão de vez, porque, aos pouquinhos, a amiga sabe, eles já estão indo desde que entraram na escola, alguns antes, desde que a televisão entrou em casa, e

Natanael ouvia essas conversas quando as duas se reuniam, e imaginava como seria o cinema, até perguntou ao pai, que respondeu que era como viajar de carro, as coisas correndo diante dos olhos da gente, não é que nem a tevê que a gente vê que tudo parece mentira, no cinema a gente entra no acontecido, o senhor já viu muitos filmes, quis saber Natanael, mas o pai não mais desejava falar sobre isso, ele lidava com a gaiola do papagaio que havia alguns anos estava com eles, criar o papagaio era uma tentativa de estabilidade, o pai

ensinara o louro a assoviar, a cantar as músicas bobas do tempo dele, e o papagaio repetia o sotaque de Jerônimo, principalmente quando reproduzia, como um filho bem-ensinado, mas meio bobo, que não sabe articular as partes, as palavras e as frases simples que ordenavam aquele mundo, e mesmo quando não havia ninguém em casa o louro soava mecanicamente as palavras do pai, lutando para manter vivo o que já pertencia a uma outra idade.

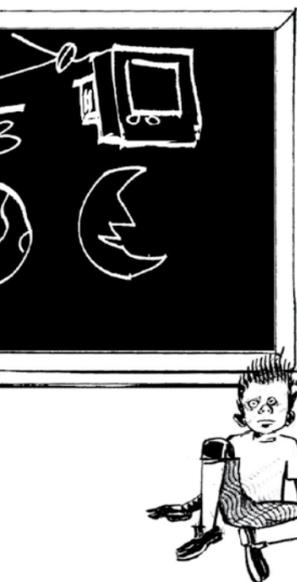
## 4.

Um mesmo espaço comporta muitas dimensões, tudo dependendo da maneira como ele é frequentado, e estas dimensões permitem tantas variações, principalmente na infância, quando as linhas divisórias entre realidade e imaginação não existem, quanto nossas possibilidades inventivas, experiências pelas quais o menino estava passando sem a menor consciência delas, primeiro vivemos o que nos coube, de maneira cega e um tanto insana, para só depois, quando sabemos o nome da cada engrenagem, percebermos o que de fato nos aconteceu, assim se deu com Natanael, que habitava, naqueles anos matinais, um lugar localizado entre o quintal e a tevê, e esta não era uma latitude de conflito, concluiria ele depois de quase tudo que está destinado a uma pessoa ter passado por seu corpo, faltando apenas os conhecimentos mais extremos, que ele quer retardar o máximo, mas as suas primeiras explorações, conquanto fictícias, e talvez por isso mesmo, foram definitivas para formar o homem que ele veio a ser, por isso ele está constantemente de volta ao quintal dos fundos, no isolamento que sua mãe tanto buscava, e que servia para o menino como um espaço de fuga e não de proteção, como seria de esperar, pois ele estava fugindo desde o nascimento, tudo para ele virava distância, e aí está a razão de seu pânico diante do deslimate, por se sentir fadado a sofrer não na carne mas na fantasia o perigo de se comunicar com o infinito, e se isso lhe transmitia os piores terrores, ele não fugia desta vertigem, criança que teme a altura e a queda no vazio sem renunciar à emoção da montanha russa, terror e êxtase, antagonismo que nos move rumo aos nossos abismos, muito maiores do que os buracos celestes, que as nuvens escondem e que nossa visão, mesmo nesta era de potentes telescópios, não dão conta, enquanto o que trazemos nos neurônios, este mundo interior feito de microligações elétricas, é um infinito mais profundo do que qualquer outro que a ciência possa perscrutar, e nem precisamos de telescópios para espiar este escuro interior, basta nos fecharmos para o mundo que ele toma forma, ganha consistência, tal como Natanael fazia naqueles momentos quando o terror cósmico se aposara dele, paralisando-o no quintal materno, um quintal feito de plantas, de uma rocinha de mandioca, de hortaliças, feito de terra e água, indiferente à linha do horizonte, que zomba de nossas posses, e ao vento que traz notícias do distante e o pó das estrelas extintas, um quintal com suas árvores copadas, seus muros, seu rego de água do tanque, aquele quintal, que foi útero, devia afastar o menino do abismo, tendo no entanto sido uma força centrífuga, e este conhecimento é também uma cura, em muitas ocasiões só se livra do que se teme provando dele, e foi isso que Natanael fez naquele início de seu mundo, início de um mundo, início do mundo, quanta sutileza cabia nas palavras, ele pensaria, sentado numa poltrona de couro, às portas da velhice, sem nada em que pudesse ocupar-se, não fumava não bebia não colecionava selos, tinha apenas a sua memória

como passatempo, foi em criança que ele mais frequentou o espaço sideral, rompendo o invólucro doméstico, e tudo porque tinha recebido da tevê, a que ele assistia apenas nos finais de tarde e começo da noite, novas imagens, tão diferentes daquelas que Prudenciana fazia de tudo para que ele herdasse, imagens vindas das histórias conservadas no discurso paralisado da família, e naquele isolamento Natanael se perdia no espaço tão temido, numa nave imaginária, construída com o material mais pobre, próprio de um mundo que se desmantelava, permitindo outros arranjos que lhe serviam para deixar o planeta-quintal, um uso que Jerônimo jamais imaginaria para a montecira de madeira velha que foi sendo acumulada num canto, depois das reformas do armazém que, ao contrário da casa, não era de material e tinha o dobro de altura e estava precisando de melhorias, que o pai mesmo foi fazendo, trocando primeiro o madeirame do telhado, muitas vigas tinham apodrecido, depois substituindo tábuas e palanques, comprometidos pelo tempo e pela umidade, e nesse ritmo partes do barracão iam sendo destelhadas, recebiam madeiras novas, Natanael olhava o pai naquelas alturas, temendo sua queda tanto no chão quanto no infinito, e se a lei da gravidade tivesse uma falha bem ali, ele imaginava ao ver o pai se movendo sobre ripas finas, pregando madeiras novas no vigamento que receberia as telhas de barro que estavam no chão, e que ele e a mãe lavavam, a telha era terra, ele pensava, a mãe é um ser do chão, mas as telhas devem voltar para o alto do telhado, a terra pode alar-se, e eis um verbo que ele aprendera recentemente num livro de poemas, a telha é a terra que se ergue, igual ao pai, e ali estava um elemento de dois mundos, a telha era chão e altura, colocando-se entre a mãe-ser-da-terra e o pai-ser-do-espaço, naquela tarefa de trocar as madeiras do telhado e de lavar telhas, ficando ele deste outro lado, talvez porque ele ainda não soubesse do que era capaz, mas não seria por muito tempo, numa manhã de domingo, quando os pais estavam na missa e Paula via um programa na tevê, vestindo uma camisa imensa do pai, aberta no peito, como se fosse um capa de super-herói, ele enfrentou um a um os degraus da longa escada construída para alcançar o topo do barracão, Natanael não olhava o que ficava abaixo nem o que vinha acima, apenas o que estava à altura de seus olhos, a madeira rústica de mais um degrau, os pregos nas mata-juntas da parede, uma mancha na tábua, e num instante deixara de ser o menino-chão para experimentar-se no corpo aéreo do menino-céu, vencendo um medo imenso, e, lá do alto, sentado na viga da cumeeira, olhou a cidade apequenada diante de seu súbito distanciamento, vendo campos longínquos que ele apenas conhecia de ouvir falar, eram agora uma paisagem de seus domínios interiores, que ele carregaria consigo depois de descer, com cuidado, lance por lance, e de passar a manhã sob uma árvore frondosa nos fundos, um pé de manga, escuro de folhas e frutos, e quando o pai terminou a reforma do barracão havia uma outra árvore no quintal, a maior de todas, a mais frondosa e alta, uma pilha desordenada de madeiras, tábuas cheias de prego, caibros, tocos: servirão para lenha, falou a mãe, que queria dominar esta planta intrusa, que negava seu mundo vegetal, embora subproduto dele, uma lenha que usarei no forno de barro, no fogão de tijolos, na fogueira de São João, e foi enumerando as finalidades que daria à madeira a caminho da podridão, mas para o menino aquilo era uma matéria especial, aqueles caibros aquelas vigas aquelas ripas e tábuas tudo fazia parte do desejo terrestre de elevar-se, de conquistar o céu, distanciando-se do que os gerara, havia um impulso sideral naquela madeira, elas tinham servido de contato com o alto e guardavam uma energia que apenas Natanael reconhecia, sendo obrigação sua recuperá-la, e enquanto a mãe nutria planos pedestres para a madeira que o pai recusara como parte do armazém, Natanael começou a passar as tardes, quando não estava na escola, sobre aquele monte que tinha a altura da casa, e era ali que se fingia numa espaçonave, vagando por regiões que, abertas pelos programas de tevê, ele recém inaugurava, perdendo um pouco de seu medo ao pilotar a nave que só recebia comandos de criança e ia e voltava às galáxias mais distantes no intervalo entre o almoço e o café, devolvendo-o rapidamente sempre que a mãe o chamava para alguma tarefa, acender o fogo para torrar café levar o lixo à rua jogar água com a mangueira nas calçadas para que ela pudesse lavar, e, aos poucos, com o uso doméstico daquelas madeiras e com o seu rápido apodrecimento, a espaçonave foi se desfazendo em pó e cinza, até se reintegrar totalmente ao chão, mas Natanael já havia percorrido milhões de quilômetros-luz nela. ●

## próximo capítulo

Isolado em casa, que o afastava da rua, Natanael começa a sua rota pela cidade, participando da vida do Armazém Entradas e Bandeiras e dominando a primeira máquina de partir.



# OTROJO

©ricardohumberto



# O ENREDO

UMA PARTIDA DE FUTEBOL, QUE NUNCA TEM SÓ 180 MINUTOS, APROXIMA-SE (E MUITO) DA LITERATURA FANTÁSTICA

Cada escritor tem seu modo próprio de construir o enredo, a trama de uma história. Edgar Allan Poe, por exemplo, dizia que se deve começar pelo final. Quer dizer, o escritor deve saber exatamente aonde quer chegar e qual efeito pretende causar no leitor durante e, sobretudo, no final da história, e só então, sabendo disso, deve começar a escrever.

Jorge Luis Borges afirmava que seus contos nasciam sempre de um sonho — ele não seria mais do que um mero escriba, uma espécie de secretário de si mesmo, cujo ofício se resumiria a escrever, na vigília, o que o outro *ele* (este sim o verdadeiro autor) vislumbrara durante o sono.

Ernest Hemingway achava que tudo numa história, todos os detalhes — incluindo, claro, os do enredo — devem ser econômicos. O escritor, para ele, deve cortar qualquer excesso e deixar na página apenas o que de fato valha a pena narrar. Não por acaso, costumava dizer aos jovens escritores que lhe pediam conselhos: escreva como se estivesse passando um telegrama pago do seu próprio bolso.

O enredo é parte essencial de uma história. Pode ser rocambolesco, cheio de idas e vindas, pode ser direto, com começo, meio e fim (nessa ordem), ou pode começar no meio, voltar ao início e terminar no clímax (como no conto *A cartomante*, de Machado de Assis). E há, claro, contos e romances com enredos que parecem nem existir, como em boa parte da obra de Clarice Lispector. Mas mesmo aí, nesse tipo de narrativa em que nada parece acontecer, algo está acontecendo (nas entrelinhas, nas sombras, de tal modo que o leitor, quando se dá conta, pronto: lá está a história, acontecida à sua frente durante a leitura, sem que ele percebesse).

Outra coisa importante: toda história tem a sua *duração*. Aristóteles sabia disso e há muitos séculos já falava sobre a importância da duração na tragédia grega. Alguns enredos cabem melhor numa história curta, num conto, outros num romance ou numa novela. E mesmo isso é variável, não há uma receita prévia.

Uma partida de futebol, como toda narrativa, também tem o seu enredo. E também aqui o que prevalece é o imprevisível. Você sabe como começa a trama, mas não sabe como vai acabar (pelo menos nas boas histórias de ficção é assim). Só que, no futebol, há ainda um outro traço a pesar na balança do imponderável. E trata-se justamente da duração.

## Mais que 90

Não sei se você já pensou no fato — se não, em que andou pensando durante toda a sua vida que não lhe ocorreu refletir sobre algo tão fundamental? — de que uma partida de futebol não tem um tempo exato de duração. Claro que tem, dirá o leitor mais apressado: 90 minutos. Pois então me responda, o tal leitor que acaba de pensar isso, por favor me diga: qual partida você viu que tenha durado 90 minutos? Nenhuma. E

isso porque o árbitro tem o poder de dar acréscimos ao tempo regulamentar, para compensar paralisações de vários tipos, como o tempo gasto para substituições de jogadores, cobranças de pênaltis, atendimento médico, confusões em campo, etc.

Se considerarmos que tudo num jogo, inclusive as paralisações (que, aliás, dependendo do que sejam, podem ser mais emocionantes do que o jogo em si), tudo faz parte do espetáculo, uma partida tem sempre mais do que uma hora e meia. Noutras palavras, você jamais pode saber com exatidão *quando* a partida vai acabar.

Lembro-me de uma vez em que estava num hotel, em Salvador, aguardando o momento em que o professor que me convidara para dar uma palestra num centro cultural passaria de carro para me apanhar. A palestra havia sido marcada com alguns meses de antecedência e não sei quem foi mais delirante: o professor que marcou o evento para aquele dia ou eu, que aceitei. Só sei que aquilo foi resultado de extremo devaneio: agendar uma conversa sobre literatura para o dia 15 de julho de 1998. Quando a data foi escolhida, ainda não dava para saber, tudo bem, mas talvez se pudesse prever o desacerto de um programa desse justo no dia em que Brasil e Holanda disputariam vaga para a final da Copa da França!

Meu anfitrião, muito gentil, me ligou alguns minutos antes do jogo dizendo que eu não me preocupasse: poderia assistir tranqüilamente à partida no conforto do meu quarto e, quando terminasse, ele estaria me esperando na recepção do hotel. Eu lhe disse, então, que não seria uma boa idéia: caso o jogo terminasse empatado, haveria prorrogação de 30 minutos. Ele, candidamente, me respondeu que não sabia disso e ficou de ligar mais tarde, para combinarmos melhor.

Faltando quinze minutos para acabar o jogo, ele me liga. Não, meu caro, ainda não dá para saber se vai terminar empatado, só dá para saber quando o juiz apitar o final, eu lhe respondi, quase educadamente.

Quem se lembra daquele jogo sabe que terminou empatado: 1 x 1. Teve início a prorrogação. No intervalo da prorrogação, novo telefonema — ele estava a caminho, em 15 minutos estaria no hotel. Novamente fui obrigado a esclarecer as coisas: se a prorrogação terminasse empatada, haveria disputa de pênaltis. E aí fui categórico, procurando manter o mínimo de delicadeza: o jogo não tem hora para acabar, só acaba quando termina, entendeu?!

## Muito futebol, pouca literatura

A palestra tinha tudo para ser um fiasco. Não havia público nenhum quando chegamos. Pouco a pouco foram aparecendo as pessoas, algumas com camisa do Brasil e cara de quem não sabia direito o que iria acontecer ali. A saída foi esquecer tudo o que eu havia preparado e partir para o improvisado: falamos

do jogo daquela tarde em que o Brasil venceu a Holanda nos pênaltis, por 4 x 2. Emendamos a conversa com outros assuntos. No final da noite, até de literatura falamos (um pouquinho).

E há também o chamado jogo de 180 minutos. Trata-se de uma situação comum em certos campeonatos: a final se dá em duas partidas seguidas e o campeão será o que obtiver mais pontos na soma das duas.

Em caso de empate de pontos, vale o saldo de gols. Numa final assim, como classificar a narrativa: são duas histórias de um mesmo livro, como dois contos de uma coletânea, por exemplo, ou é uma única história contada em duas partes? (Diga-se de passagem, se uma partida não dura 90 minutos, essas duas obviamente não duram 180, até porque, havendo empate no número de pontos e também no saldo de gols, há prorrogação ao final da segunda, que pode ser seguida, claro, por cobrança de pênaltis).

Resumindo a ópera: um jogo é pura ficção. Digo mais: é uma ficção fantástica. Talvez algum dia alguém venha a descobrir — a despeito de qualquer coerência histórica — que o futebol foi uma invenção de Hoffman, Maupassant, Italo Calvino, Cortázar ou algum outro contador de histórias que giram em torno do sobrenatural.

Senão vejamos. Imagine que você pega um livro e, antes de começar a ler, parte para as preliminares: desliza suavemente a mão pela capa, sentindo a textura, cheira as páginas (se for um livro novo, recém-saído da livraria), lê a orelha, a quarta capa, etc. Nesse preâmbulo à leitura você, por curiosidade, resolve ver quantas páginas o livro tem. Digamos que sejam 123. Sim, seu livro tem 123 páginas e você sabe que, ao virar a centésima vigésima terceira estará, irremediavelmente, na última. Não é assim?

Pois um jogo de futebol é como um livro que, ao ser manuseado antes da leitura, tem lá as suas, vamos supor, 123 páginas. Você então começa a ler, se empolga, vai acompanhando de corpo e alma a história e, quando já está no finalzinho, o livro subitamente ganha mais duas páginas, surgidas assim do nada, feito mágica!

Você se surpreende de início mas, como num conto de Kafka, resolve não pensar na estranheza daquilo e segue adiante. Você lê as duas páginas novas e quando a trama parece, agora sim, se resolver de vez, surgem entre os seus dedos nada mais nada menos do que outras cinco páginas.

Você, a essa altura, já nem liga mais para o absurdo da situação e não se espanta nem um pouquinho quando mais umas seis ou sete páginas são emendadas ao seu livro.

Agora me diga com franqueza: é ou não é um conto fantástico? Portanto, quando você se sentar no seu lugar no estádio, ou na poltrona diante da televisão, e começar a assistir a uma partida de futebol, pense: é um conto novo que está começando. E se deixe levar pela leitura, sem nunca saber ao certo quando é que vai acabar. ♣

Venha conhecer seu novo ponto de encontro com a cultura.

Livraria

Rayuela

Tel.: 3018-2195

Av. Paraná, 2254 - Boa Vista • PUC - portão 2, no DCE  
livrariarayuela@yahoo.com.br • www.livrariarayuela.blogspot.com

UMA VISÃO SÓ É COMPLETA  
QUANDO VOCÊ TEM  
O ENTENDIMENTO DO TODO.

A Gazeta do Povo está em todos  
os lugares ao mesmo tempo,  
trazendo para você diariamente  
um retrato completo do que está  
acontecendo lá e aqui.  
Nestas páginas é muito mais fácil  
saber o que é que a americana,  
a chinesa, a holandesa, a baiana  
e a curitibana tem. E o que elas têm,  
tem tudo a ver com a sua história.

